

INTRODUÇÃO

A Ilha Grande é a maior das ilhas do município de Angra dos Reis. Com o tamanho 193 km² e mais de cem praias, hoje a ilha é um polo do chamado turismo verde ou ecoturismo, atraindo pessoas do mundo inteiro. Porém, nem sempre a beleza das suas exóticas praias foi suficiente para atrair os turistas. Isso porque a ilha sediou por um século, de 1894 a 1994, inúmeras instituições penais, desde colônias correccionais a um presídio de segurança máxima. A ilha também é conhecida por confinar, entre outros, presos famosos como o escritor Graciliano Ramos, o malandro da Lapa, Madame Satã, e o assaltante de bancos Lúcio Flávio. A ilha presenciou inúmeras rebeliões e o nascimento da primeira organização criminosa do país, o Comando Vermelho. Apelidada de "Caldeirão do Diabo", tornou-se conhecida por ser um local violento e bárbaro, ou como era comum se dizer: um "lugar onde o filho chora e a mãe não vê".

Entre 1942 e 1962 a Ilha Grande foi ocupada por dois complexos penitenciários, um instalado na Vila do Abraão, e outro na Vila Dois Rios, onde se encontrava a Colônia Correccional de Dois Rios (CCDR). A Colônia Penal Cândido Mendes, localizada no Abraão, funcionou até 1963, quando foi desativada pelo então governador Carlos Lacerda. E a Colônia Agrícola do Distrito Federal, localizada em Dois Rios, permaneceu ativa até a sua implosão em 1994. Havia vilas de moradores, muitos deles pescadores, no local dos presídios (Vila do Abraão e Vila Dois Rios) e em outras praias da ilha. Muitos desses moradores foram contratados e serviram para compor a malha dos funcionários (civis e militares) e suas respectivas famílias. Com a implosão da última instituição penal da ilha, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a partir de um termo de cessão de 50 anos, passou a administrar a Vila de Dois Rios com seus moradores.

"Com a retirada do presídio o Governo do Estado do Rio de Janeiro concedeu a UERJ, por meio do Termo de Cessão de Uso nº 21, de 18/10/1994, toda a área e benfeitorias ocupadas pelo Instituto Penal Cândido Mendes. A cessão da área física compreende o período de 50 anos, com possibilidade de renovação e estabeleceu dentre os compromissos assumidos pela UERJ, a implantação de um Centro de Estudos Ambientais com o objetivo de inventariar e preservar a diversidade local e de um Museu para documentação e divulgação dos recursos naturais existentes e dos vários aspectos que envolvem a memória e as características locais."

(CEADS, 2014)¹

A partir de uma iniciativa do CEADS², que procurava cumprir as exigências do Termo de Cessão, nasceu o projeto de pesquisa Violência e Barbárie nos Presídios da Ilha Grande dirigido pela Prof.^a Myriam Sepúlveda dos Santos, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UERJ. O projeto, além de buscar resgatar as memórias dos cem anos de instituições penais, inaugurou, no dia 5 de junho de 2009, o Museu do Cárcere, como parte de um projeto maior, o Ecomuseu Ilha Grande³. O Museu está situado em Dois Rios e guarda um rico acervo de documentos, fotos, objetos e equipamentos do antigo Instituto Penal Cândido Mendes.

Tendo alguns parentes e amigos residindo na Ilha Grande, o local já me era familiar, despertando o interesse pelo projeto nas primeiras semanas da graduação. No segundo semestre fiz parte da pesquisa como bolsista de iniciação científica pelo CNPQ de 01/11/2010 à 31/02/2013, e no período de 01/03/2013 à 31/03/2015 como Bolsista de iniciação Científica pela UERJ.

Durante esses quatro anos de pesquisa, além do levantamento das instituições penais da ilha, cada bolsista foi orientado a desenvolver uma pesquisa individual, com um tema relacionado ao projeto. O primeiro tema

¹ <http://www.sr2.uerj.br/sr2/ceads/index.php/historia>

² O Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável – Ceads é o órgão da UERJ responsável por estudos e projetos ambientais na Região da Baía da Ilha Grande

³ O Ecomuseu Ilha Grande é um programa de extensão vinculado ao Departamento Cultural da Sub-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui quatro núcleos básicos – Centro Multimídia, Museu do Cárcere, Museu do Meio Ambiente e Parque Botânico – que funcionam de forma integrada com o meio-ambiente e a comunidade da ilha, tendo sede em Vila Dois Rios.

desenvolvido foi sobre a mítica figura do Madame Satã, malandro conhecido da Lapa que ficou preso mais de vinte anos na Ilha Grande. Apesar de ser uma figura muito conhecida e estudada, grande parte dos materiais produzidos estavam relacionados aos poucos momentos que esteve livre no Rio de Janeiro. A proposta inicial era reconstruir a figura do Madame Satã pela perspectiva dos moradores da Ilha Grande, lugar onde ficou preso boa parte da vida e onde decidiu viver e morrer após ser libertado. Ao término desse projeto a pesquisa foi apresentada na Semana de Iniciação Científica⁴ – SEMIC de 2011 rendendo a primeira menção honrosa.

O primeiro autor trabalhado pelos bolsistas da pesquisa foi Michael Foucault. Em seu livro *Vigiar e Punir*, Foucault conta com riqueza de detalhes as mudanças ao longo dos séculos dos sistemas punitivos. O ponto importante de trabalhar com essa obra é compreender como as instituições penais brasileiras não completaram a passagem para as punições modernas, contendo ainda muitos elementos de suplício do corpo. Esse atraso que se perpetua até hoje era demasiadamente intensificando nas prisões da Ilha Grande, dado a sua cultura de violência contra os presos e o afastamento geográfico.

Podemos considerar o desaparecimento dos suplícios como um objetivo mais ou menos alcançado, no período compreendido entre 1830 e 1848. Claro, tal afirmação em termos globais deve ser bem entendida. Primeiro, as transformações não se fazem em conjunto nem de acordo com um único processo. Houve atrasos.

(FOUCAULT, 2009, p.19)

O segundo autor discutido foi Goffman com a sua obra *Manicômios, Prisões e Conventos*. Ajudando na compreensão das instituições totais e como esta através de processos de perda e de mortificação do eu condicionam o homem.

Ao entrar numa instituição total, começa para o novato uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu. O

⁴ A Semana de Iniciação Científica (SEMIC), promovida anualmente, é obrigatória para os bolsistas de Iniciação Científica com mais de 6 meses na bolsa e facultativa para os demais alunos de graduação da UERJ envolvidos em projetos de pesquisa.

eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado. Começa a passar por algumas mudanças radicais em sua carreira moral, uma carreira composta pelas progressivas mudanças que ocorrem nas crenças que têm a seu respeito e a respeito dos outros que não são significativos para ele.

(GOFFMAN, 1999, p. 24)

Como a pesquisa se volta para os relatos sobre um passado recente, a partir de diversas entrevistas realizadas com pessoas relacionadas ao presídio, muitas delas morando ainda hoje no mesmo lugar, foram considerados ainda os trabalhos do sociólogo Maurice Halbwachs, com sua tese sobre memória coletiva, e do historiador Pierre Nora, que traçou uma distinção entre memória e a história.

O trabalho desenvolvido nos últimos três anos de pesquisa tem por título: “O Processo de Formação do Comando Vermelho”. A pesquisa analisa, além de todos os documentos oficiais e periódicos lançados, as cartas do comando vermelho interceptadas pelos guardas da época. Todo o material é conectado e interpretado a partir das dezenas de entrevistas de funcionários e pessoas relacionadas ao presídio, inclusive de um dos fundadores da Falange Vermelha, Willian da Silva Lima. Todo esse trabalho foi organizado e apresentado na SEMIC sendo agraciado por mais duas menções honrosas durante UERJ sem muros⁵ em 2013 e 2014.

A discussão sobre tráfico de drogas e o crime organizado é um tema de grande relevância no cenário nacional. A violência urbana e a luta do Estado contra o poder paralelo é uma realidade difícil de ser negada no cotidiano do cidadão brasileiro. E foi no presídio de segurança máxima, Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM), na Vila de Dois Rios, Ilha Grande, que nasceu a organização criminosa mais tarde conhecida como Comando Vermelho. A Falange Vermelha, o embrião do Comando Vermelho, foi criada sob as paredes e grades do IPCM.

Apesar da implosão do presídio por ordem do governo Brizola, em 1994, a Vila de Dois Rios que passou a ser administrada pela UERJ, continuou a ser o lar dos funcionários aposentados do presídio. Esses ex-funcionários e as pessoas

⁵ Uerj Sem Muro é um evento que mobiliza toda a Universidade para apresentar à sociedade a produção acadêmica realizada nas diversas áreas de conhecimento, envolvendo ensino, pesquisa, extensão e cultura

ligadas, direta ou indiretamente, ao presídio nos permitem ter acesso às informações sobre o antigo IPCM, fontes pouco exploradas nos estudos sobre o tema. Além das entrevistas, temos acesso também a documentos doados que mal chegaram a ser analisados. Apesar da análise de formação do Comando Vermelho não ser original e já existir muita pesquisa sobre o assunto, há ainda alguns pontos mal discutidos e pouco considerados sobre o processo. Criou-se um sensacionalismo jornalístico relacionado ao tema.

O objetivo dessa monografia é analisar a formação da Falange Vermelha e como esta se tornou o Comando Vermelho. Ao analisar a formação da primeira organização criminosa do Rio de Janeiro (Brasil), procuro destacar as motivações e estratégias usadas por seus integrantes, assim como a influência dos grupos de esquerda na estruturação da organização.

De maneira mais destrinchada, serão alcançados alguns objetivos específicos, a fim de alcançar um melhor entendimento do objetivo central proposto:

- Analisar o contexto histórico da época da ditadura militar
- Fazer uma breve reflexão instituições penais
- Pontuar as motivações e estratégias para criação do Comando Vermelho
- Analisar as cartas do comando vermelho de forma a entender a influência dos grupos de esquerda.

Tal como a pesquisa Violência e Barbárie nos Presídios da Ilha Grande, esta monografia tem por base uma metodologia interdisciplinar. Nela, foram utilizadas fontes históricas, análise documental e entrevistas de profundidade. Serão analisadas cartas de um coletivo organizado no interior do Instituto Pena que datam entre 1989 a 1991, a fim de melhor compreendermos a influência de práticas e termos utilizados por grupos de esquerda sobre sua estrutura.

O recorte temporal para a análise do processo de formação do Comando Vermelho terá como marco inicial o Decreto-Lei nº314, de 13 de Março de 1967 e se encerrará na década de 80. Tal decreto é conhecido como a Lei de Segurança Nacional que promoveu o contato entre os presos políticos e os assaltantes comuns de banco, ao enquadrá-los na mesma lei. A estrutura do Comando se consolidará na década de 80 e será até esta década que o trabalho se concentrará.

Após esse período o grupo sofrerá grandes transformações, mudando suas prioridades e se territorializando nas comunidades do Rio de Janeiro. O ponto central do trabalho é analisar o início da organização e não sua metamorfose diante dos diferentes interesses dos seus integrantes.

Esta monografia está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo aborda o contexto histórico da época. Foram levados em consideração o sistema político, os movimentos sociais e as leis vigentes, principalmente as diferentes versões da Lei de Segurança Nacional. Além de uma breve passagem pelas instituições penais da Ilha Grande. Para isso, foi necessária a investigação de documentos oficiais, periódicos e materiais complementares⁴. Os documentos oficiais do presídio da Ilha Grande se encontram em dois lugares: no Arquivo Nacional (AN), até o ano de 1960, onde houve a transferência da administração para o Estado da CPCM e a CADF; e no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – APERJ.

O primeiro desafio da pesquisa ocorreu quando a APERJ informou que os documentos da Ilha não estavam higienizados, por isso não poderiam ser abertos ao público. Após uma reunião com o diretor da instituição Paulo Knauss, ele e a sua equipe permitiram acesso aos documentos com a condição de utilizar os equipamentos de segurança. Alguns documentos estavam completamente destruídos, por isso, interditados. O restante não estava catalogado ainda, tornando-se uma análise bastante trabalhosa e longa. Porém o mais importante é que se teve acesso, embora de forma um pouco fragmentada, de documentos antes restritos ao público.

O segundo capítulo irá ponderar a respeito das influências, estratégias e motivação que impulsionaram o nascimento da Falange Vermelha. Esse trabalho busca refletir a respeito do perfil do preso pela LSN e como esse perfil diferenciado propiciou a criação de um coletivo que mais tarde viraria a primeira organização criminosa do país. Além dos documentos oficiais citados acima foi feita uma busca na Biblioteca Nacional pesquisando os principais periódicos da época: jornais como O Globo, O Dia, JB e Tribuna da Imprensa, do jornalista Carlos Lacerda foram analisados. Também foi anexada a pesquisa os materiais doados pelos moradores da Vila de Dois Rios, como fotos, bilhetes, documentos não catalogados.

No terceiro capítulo, serão analisadas as cartas interceptadas do Comando Vermelho. Por motivos didáticos serão selecionadas algumas cartas e elas serão destrinchadas individualmente, mesclando o texto original, com uma análise sobre o texto e com as diversas entrevistas realizadas.

Apesar da riqueza dos materiais colhidos ao longo da pesquisa, percebeu-se que quanto mais próximo o período estudado, menor é a quantidade de documentos, devido à imprecisão muitos documentos que não chegaram a ser retirados do presídio, desaparecendo nos entulhos. Os documentos fragmentados, apesar de grande importância, contam apenas a visão oficial da história. Não é de hoje que existe um abismo entre a teoria e a prática, assim como também entre a versão oficial e o depoimento de quem vivenciou o período. Optou-se então pela realização de entrevistas de profundidade a fim de melhor interpretarmos os documentos acessados.

Dentre as possibilidades metodológicas foram escolhidas a entrevista de profundidade e a chamada “História de Vida”. A História de Vida funciona como um grande mosaico científico, onde a história é reconstruída a partir de uma série de entrevistas como a mesma pessoa. A vantagem desse tipo de entrevista é o seu aspecto longitudinal, que permite uma maior extração de informação e melhor compreensão de quem fala. Todavia, deve-se apontar que este método também tem suas desvantagens, como o próprio fetichismo sobre a narrativa, a falta de controle sobre a verdade e a invasão da narrativa coletiva na narração individual.

O objetivo desta abordagem é dar voz aos diferentes indivíduos que presenciaram o nascimento do Comando Vermelho, “pois o que você ouve e vê depende do lugar em que se coloca, como depende também de quem você é” (C.S.Lewis, 2009, ppXX). Os entrevistados foram pessoas relacionadas e familiarizadas como o IPCM e com os integrantes do Comando Vermelho. As entrevistas gravadas tiveram a autorização por escrito para sua publicação. Por motivo de ética os nomes dos entrevistados não serão divulgados. As entrevistas se encontram nas últimas partes, anexas ao apêndice

Para a realização das entrevistas e da coleta de dados foram necessárias diversas viagens à Vila Abraão e à Dois Rios ao longo dos últimos anos. A entrada da Vila de Dois Rios é controlada, e a partir das 17 horas os visitantes são obrigados a se retirar, exceto pelos moradores da ilha e pelos alunos e

funcionários do CEADS. Às seis horas da manhã parte do campus da UERJ Maracanã uma condução que leva os alunos e professores até Mangaratiba, às oito horas de lá sai a barca para a Ilha Grande e que dura em média uma hora e meia. Às dez horas em ponto sai da Vila do Abraão o transporte do CEADS que leva os moradores e alunos para a Vila de Dois Rios. O trajeto pode levar de uma a duas horas de duração dependendo do estado da estrada. Os bolsistas chegam no CEADS por volta das onze horas da manhã de uma sexta feira e retornam para o campus da UERJ por volta de onze e meia da manhã do dia de domingo, totalizando três dias de viagem.

O primeiro passo dos bolsistas da pesquisa da ilha é a ambientação do tema e das pessoas que serão entrevistadas. Geralmente a primeira viagem à ilha serve para apresentar os bolsistas aos moradores da Vila: saber seus nomes, como vivem e o que pensam são pontos importantes para ganhar a confiança dos entrevistados e realizar melhores investigações. O entrevistado pode indicar outras pessoas a serem procuradas e até convencê-las a ceder uma entrevista. Um bom exemplo foi quando o grupo estava pesquisando sobre a desativação da CPCM em Abraão e um antigo funcionário, responsável pelos documentos do presídio, se recusava a dar entrevistas. No entanto, dois dos nossos contatos no Abraão, simpatizantes da pesquisa, ofereceram a sua ajuda e marcaram um encontro com o antigo funcionário, que devido à situação aceitou dar a entrevista.

Para a realização de uma entrevista devem ser levados em conta vários aspectos, desde o lugar que seria realizado a entrevista até as perguntas que seriam feitas. Entender o tipo de linguagem que usam, procurar não direcionar as respostas ou fazer julgamentos de valores, todos esse pontos foram de fundamental importância para a realização das entrevistas

1. Capítulo I - Contexto histórico

1.1 Breve Histórico das Instituições Carcerárias da Ilha Grande

A tabela 1, apesar de algumas alterações, está presente no livro ***Os porões da República, A Barbárie nas prisões as Ilha Grande: 1894-1945*** da Prof^a Myrian Sepúlveda dos Santos. Como o livro aborda de 1894 a 1945, tomei a liberdade de completar a tabela. Tarefa não muito fácil por sinal, grande parte dos documentos mais recentes da Ilha Grande foram perdidos e os que sobraram encontram-se fragmentados.

Tabela 1: Instituições Carcerárias da Ilha Grande (1884-1994)

	VILA DE DOIS RIOS	VILA DO ABRAÃO
1884		Lazareto da Ilha Grande 1884-1942
1894	Colônia Correccional Dois Rios (CCDR) 1894-96/1903-55	
1938	Penitenciária Agrícola do Distrito Federal 1938-41	
1941	Colônia Penal Cândido Mendes 1941-42	
1942	Colônia Agrícola do Distrito Federal 1942-62(Antiga Colônia Agrícola de Fernando de Noronha 1938-42)	Colônia Penal Cândido Mendes (CPCM) 1942-1962
1960	Transferência do Distrito Federal para Brasília Rio de Janeiro torna-se o Estado da Guanabara e os presídios da Ilha Grande passam a ser Estaduais	
1961 ⁶	Colônia Agrícola do Estado da Guanabara (CAEG) 1961-66	
1963		Desativação da CPCM Decreto Nº103 de 21 de Dezembro de 1963
1966 ⁷	Penitenciária Correccional Cândido Mendes (PCCM) 1966-69	
1970 ⁸	Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM) 1970-82	
1982 ⁹	Penitenciária Cândido Mendes (CPCM) 1982-94	

Fonte: Santos, Myrian 2009

⁶ CAEG. APERJ - Fundo/ Coleção: Presídios da Ilha/Boletim de Serviço; Notação: 059

⁷ PCCM. APERJ - Fundo/ Coleção: Presídios da Ilha/Boletim de Serviço; Notação: 058

⁸ IPCM. APERJ - Fundo/ Coleção: Presídios da Ilha/Livro de Ocorrência das Galerias;Notação: 202

⁹ CPCM. APERJ - Fundo/ Coleção: Presídios da Ilha/Livro de Ocorrência das Galerias; Notação: 015

Outro problema era a desorganização dos próprios documentos. Como o presídio de Dois Rios teve diversos nomes em um curto espaço de tempo era muito comum que os funcionários por vezes utilizassem livros de ocorrência com o nome antigo do presídio, causando grande confusão nos registros. Tendo em vista essa problema, criei uma tabela com base nas referências dos documentos analisados na APERJ (Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro).

1.1.1 Lazareto, CCDR, CPCM, PADF e CADF

O Lazareto da Ilha Grande foi construído para evitar a propagação de doenças vindas de embarcações do continente. Sua disposição geográfica era estratégica para o controle epidêmico, um lugar isolado do continente e com espaço para construções de vigilância aos enfermos. A Ilha Grande passou a ser notada pelo governo após a estadia de Dom Pedro II em dezembro de 1863 que se encantou pelo lugar, chegando a doar uma boa quantia para ajudar a igreja em construção que hoje fica no centro de Abraão. Com a necessidade de um lugar amplo e distante o suficiente do continente para isolar os barcos em quarentena, a coroa comprou em 1884 a Fazenda do Holandês, um área que compreende desde a praia preta até a ponte onde os barcos atracam em Abraão. Apesar do oneroso custo do projeto, sendo considerada o patrimônio mais caro do Império, as obras ficaram prontas em fevereiro de 1886. Com o avanço nas técnicas de controle epidêmico e a o aumento na melhora do estado dos portos a partir de 1913 o lazareto ficou obsoleto. Algumas raras operações continuaram ao longo de alguns anos até que, gradativamente, suas instalações foram desativadas.

Em 1890 foi decretado um novo Código Penal. Havia nele grande repressão à vadiagem e à contravenção. Segundo a lei, contraventores reincidentes deveriam tirar a pena trabalhando em colônias penais localizadas ilhas marítimas.¹⁰ Como não havia colônias para que tal lei fosse cumprida, o

[T11] Comentário: Não sei se todo mundo sabe o que é um Lazareto ou se vc devia especificar "o lazareto da Ilha Grande foi uma estação de quarentena construída..." Senão, ignora.

¹⁰ Acreditava-se na época que o trabalho dignificava o homem. E o trabalho, principalmente com a terra, poderia recuperar o desviante.

governo brasileiro criou em 1894 a Colônia Correcional de Dois Rios. “Diferente das demais casas correcionais, a nova instituição tinha como objetivo reabilitar especificamente pequenos infratores acusados de vadiagem” (Santos, 2009 p.99). Ou seja, era um estabelecimento para a recuperação de “bêbados”, “vadios” e “prostitutas”.

A mudança do perfil da CCDDR começou a partir de 1930, com o golpe de Vargas e a criação do governo provisório. Os opositores do regime foram perseguidos e presos, muitos deles sem processo ou julgamento. Os presos políticos, tanto comunistas, quando constitucionalistas foram enviados para a Ilha Grande, que virou um estabelecimento com contraventores, presos comuns e presos políticos. Com a chegada dos presos políticos as barbáries que aconteciam em Dois Rios passaram a ser mais divulgadas. Muitos presos famosos passaram por lá, como o escritor Graciliano Ramos, que usou como inspiração a sua estadia na Colônia Correcional para escrever o famoso livro *Memórias do Cárcere*. No ano de 1937 deu-se início a uma série de obras na Ilha Grande para a recuperação da CCDDR, que foi transferida para o Abraão com o nome de Colônia Penal Cândido Mendes¹¹ e para construção da Penitenciária Agrícola do Distrito Federal¹² que se localizava em Dois Rios.

Com o início da Segunda Guerra o Brasil se aliou aos Estados Unidos e concedeu um espaço em Fernando de Noronha para a criação de uma base militar. Por esse motivo a prisão de segurança máxima de Fernando de Noronha acabou por ser transferida em 1942 para a PADF que teria o seu nome alterado para Colônia Agrícola do Distrito Federal. Neste período o contato entre preso comum e político não é restrito como acontecerá durante a ditadura militar, onde a administração colocará uma chapa de ferro para que os presos políticos e os presos pela lei de segurança nacional fiquem separados. Por conta do conhecimento e visibilidade, o tratamento dos presos políticos eram cheios de regalias, eles tinham maior liberdade e autonomia de ação e de movimentação dentro do presídio para dar aulas, palestras e ajudar na alfabetização.

¹¹ A CPCM se instalou nas dependências reformadas do antigo lazareto

¹² A PADF se destinava a condenados que cumpriam o final de suas penas e com bom comportamento

[T12] Comentário: Tá meio estranho isso aqui. Dá uma revisada, tem que redigir diferente.

1.1.2 Transferência para o Estado

Com a transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília tanto o CPCM quando o CADF passaram a ser administrados pela a esfera Estadual. O nome do complexo penitenciário de Dois Rios passava a ser CAEG, ou Colônia Agrícola do Estado da Guanabara. Tal mudança levou à redução significativa nos investimentos do estabelecimento. O conforto e na comodidade foi substituído por uma escassez pode ser percebida por todos os entrevistados quando indagados sobre as consequências dessa transferência. Quando entrevistamos um dos guardas da época a respeito da situação dos presos, questionando se a quantidade de comida dava para todos os internos, o mesmo respondeu com a afirmação “dava”, e que um interno ajudava o outro sem maiores problemas. Porém, diverge a resposta de um ex-detento da época do presídio:

“[...] aqui virou Estado e o Estado não tinha verba para manter aqui a cadeia, então faltou comida pra nós, roupa, faltou tudo. Porque nós tinha tudo com excesso para usar, vender e dar... sendo que é o seguinte, quando veio para Guanabara, aí faltou tudo também entendeu? Aí veio um diretor maluco para cá, que era do exército que era [...] o Mendonça que era militar... viu que a cadeia não tinha alimentação então não podia soltar os presos... aí ele pegou e criou o colono livre. O pessoal que quisesse sair pra fora de bom comportamento, quisesse sair, então fazia uma casa aí, da noite pro dia, ou morava de baixo da pedra (risos), ou se acampava, dormia debaixo de uma árvore [...] nós saíamos para fora para fazer plantação para se manter e mandar alguma coisa para o pessoal que não tinha nada lá dentro.

(Entrevista com ex-presos do IPCM)¹³

Com o tempo, a CAEG passou a ser sucateada, e os problemas estruturais passaram a fazer parte da instituição até a sua implosão em 1994. Para um estudo mais aprofundado sobre as instituições penais da Ilha Grande, podem ser encontradas informações no livro *Porões da República*, da Prof^a Myrian Sepúlveda dos Santos.

¹³ Entrevista realizada em 24 de Fevereiro de 2011 com ex-presos do IPCM , como parte da pesquisa *Violência e Barbárie nas Prisões da Ilha Grande*, coordenada pela prof^a. Myrian Sepúlveda dos Santos

1.2 Ditadura Militar e a Lei de Segurança Nacional

A formação da Falange Vermelha ocorreu no antigo Instituto Penal Cândido Mendes. É interessante observar que o prédio construído para abrigar a Colônia Agrícola do Distrito Federal teve várias utilizações. As penitenciárias foram modificando seus objetivos ao longo do tempo. Por exemplo, entre 1942 e 1962, funcionaram na Ilha Grande dois grandes complexos penitenciários que tinham por objetivo recuperar os presos através do trabalho agrícola. Eles foram criados na época de Getúlio Vargas. Em 1962, o CPCM, no Abraão foi desativado. Ele era ineficaz e recebia muitas críticas. Continuou, contudo, a funcionar na Vila Dois Rios uma instituição penitenciária, agora denominada Penitenciária Correccional Cândido Mendes. Algumas informações do contexto social e político são importantes, pois auxiliam nossa compreensão das transformações ocorridas no interior da Penitenciária Cândido Mendes. Em 1964, Foi no dia 1º de abril de 1964 que houve o golpe de Estado que deu início aos 21 anos de ditadura No Brasil. Historicamente as forças armadas brasileiras já haviam atuado de forma mediadora entre alguns conflitos políticos, mas dessa vez eles não apenas participaram da tomada de poder, como também o exerceram diretamente. Instauraram um regime autoritário e centralizador.

Nota-se que a rigidez da ditadura militar não ocorre de maneira homogênea. À medida que a oposição vai ganhando espaço em meados de 1968, como no caso da passeata dos cem mil, o governo militar vai apertando o cerco para os seus adversários. Com a criação do AI-5 a tensão entre os militantes de esquerda e o governo militar aumenta, dando início a um período de extrema repressão chamado de anos de chumbo.

“Em 13 de dezembro de 1968 passou a vigorar o Ato Institucional nº 5, o qual significava a implantação do estado de terror em nome da continuidade e do aprimoramento da ordem institucional. O executivo passava a ter poderes para intervir em todas as esferas da sociedade. Institucionalizava-se a tortura e outras formas de repressão. O grupo de poder justificava o golpe dentro do golpe como a única saída, tendo em vista que os movimentos de resistências criavam uma situação de embaraço para o governo e para o próprio regime.”

(Rezende, 2013, p.91)

Para compreender como nesse contexto de golpe militar propiciou a convivência entre presos políticos e assaltantes de banco comuns, será analisado três decretos-leis: Decreto-Lei nº314, de 13 de Março de 1967; Decreto-Lei nº510, de 20 de Março de 1969; e o Decreto-Lei nº898, de Setembro de 1969. Ambos os decretos são as diferentes versões da Lei de Segurança Nacional. Que com o aumento da repressão foi sendo modificado a fim do Estado aumentar o seu poder punitivo. A primeira versão da Lei de Segurança Nacional, o Decreto-Lei nº314, de 13 de Março de 1967, foi assinado pelo presidente Castelo Branco. Em seu artigo nº25, trata de maneira genérica os casos de assalto a banco.

Art.25. Praticar massacre, devastação, saque, roubo, sequestro, incêndio ou depredação, atentado pessoal, ato de sabotagem ou terrorismo; impedir ou dificultar o funcionamento de serviços essenciais administrados pelo Estado ou mediante concessão ou autorização: pena – Reclusão, de 2 a 6 nos.

(Decreto-Lei nº314, de 13 de Março de 1967)

A LSN¹⁴ visava reprimir os subversivos, impedindo que estes se organizem e se articulem de forma eficiente. Durante a época da guerrilha armada os militantes de esquerda assaltavam bancos para arrecadar fundos para suas organizações. O segundo decreto assinado pelo presidente Costa e Silva, Decreto-Lei nº510, de 20 de Março de 1969, altera alguns dispositivos do decreto anterior. No caso do artigo nº25 é acrescentado de forma mais explícita o enquadramento de assaltantes de banco nesse Decreto-Lei.

Art.25. Praticar devastação, saque, assalto, roubo, sequestro, incêndio ou depredação; ato de sabotagem ou terrorismo, inclusive contra estabelecimentos de credito ou financiamento, massacre atentado pessoal; impedir ou dificultar o funcionamento de serviços essenciais administrados pelo Estado ou mediante concessão ou autorização: pena – Reclusão, de 2 a 6 nos.

(Decreto-Lei nº510, de 20 de Março de 1969)

¹⁴ Lei de Segurança Nacional

Apesar do novo decreto alterar 15 artigos ¹⁵a nova lei não durou muito tempo. Com a saída do presidente da linha dura* Costa e Silva após um derrame, a junta governativa provisória criou uma nova LSN, o Decreto-Lei nº898, de Setembro de 1969. Ao contrario dos outros dois, esse não veio complementar alguns artigos, ele revogou completamente os dois decretos e criou um a nova Lei de Segurança Nacional muito mais rígida do que as anteriores.

Art.27. Assaltar, roubar ou depredar estabelecimento de credito ou financiamento, qualquer que seja a sua motivação: Pena: reclusão, de 10 a 24 anos. Paragrafo único. Se, da pratica do ato, resultar morte: Pena: prisão perpétua em grau mínimo, e morte, em grau máximo.

(Decreto-Lei Nº898, De Setembro De 1969)

Ao analisar os três decretos é possível perceber a transformação no grau de rigidez que a ditadura impunha aos seus cidadãos. Antes a pena máxima era de seis anos, para o crime de assalto a banco, agora podia chegar a prisão perpétua e até na pena de morte. Outro detalhe muito importante é o trecho do Art.27. “*qualquer que seja a sua motivação*”, ou seja, não importa se é por motivos políticos ou não, assaltar um banco vai contra os interesses maiores do Estado. Esse artigo enquadrava na mesma lei, militantes de esquerda e presos comuns. Não foi por acaso, que a principio, eles cumpriram pena nas mesmas celas, pois o objetivo do Estado era afirmar que não existiam presos políticos. Não havendo presos políticos, não existiriam motivos para separar assaltantes de banco.

¹⁵ O Decreto Lei nº510, de 20 de Março de 1969 modifica os artigos de nº 12, 14, 20, 25, 28, 30, 31, 33, 36, 37, 38, 39, 40,41 e 42

*“Numa sociedade de perseguidores e de perseguidos
Eu quero antes ser perseguido
Porque o perseguido tem a opção de todos os
caminhos
Mas ao perseguidor,
só resta ir atrás do perseguido”.*

Lúcio Flávio

2. CAPÍTULO II – FALANGE VERMELHA: INFLUÊNCIAS, MOTIVAÇÕES E ESTRATÉGIAS

2.1 Perfil dos Presos pela Lei de Segurança Nacional

Grande parte do conhecimento comum a respeito do Comando Vermelho foi construída no imaginário brasileiro com base nas manchetes sensacionalistas dos jornais. Segundo as notícias, o Comando Vermelho foi criado a partir do contato com os presos políticos. Os subversivos teriam “convertido” os criminosos comuns e lhes ensinado como se organizar. De fato, é inegável a influência dos grupos de esquerda na estrutura da facção criminosa. Contudo, concluir que o simples contato gerou todo movimento, e que esse processo de politização e de ideologização ocorreu de forma amistosa é uma perspectiva muito superficial da situação. Durante a ditadura de Vargas houve também o contato entre os presos políticos e os presos comuns. De certa forma, esse contato era mais livre e amistoso, uma vez que não havia muros que os separassem. Os presos políticos do Estado Novo também gozavam de maior autonomia do que os da década de 70. O integralista e médico Dr. França, por exemplo, chegou a trabalhar como médico no presídio no período que ainda estava preso. No entanto nos anos 70 a repressão acirrou, e os presos políticos, apesar da atenção diferenciada, encontravam-se em uma situação mais hostil do que os seus antecessores.

O ponto chave para entender o nascimento da Falange Vermelha é perceber que o perfil dos presos pela LSN era diferente dos presos comuns que até então estavam confinados naquelas celas. Durante mais de meio século, condenados morreram sob a arbitrariedade e violência das autoridades da Ilha Grande. Uma maioria analfabeta e miserável que não teve voz para se fazer ouvir. Nos documentos mais antigos da CCDR são raros os casos de denúncias feitas por internos, o quadro só começa a mudar com a chegada dos presos políticos. Escritores, médicos, funcionários públicos, homens instruídos, que conheciam as leis e os seus direitos.

Os presos comuns e os correccionais não deixaram muitos registros sobre as barbáries que eram cometidas; eles estão presentes nas fotografias dos relatórios e nos números oficiais. Nem mesmo lápides eles deixavam no cemitério quando morriam. Em alguns casos, escreveram cartas às autoridades. Os presos políticos conseguiram dar mais visibilidade ao tratamento recebido. As listas com os nomes de presos políticos, com dados sobre anos de condenação, entradas e saídas e doenças são mais acessíveis.

(Santos, Myrian Sepúlveda. 2009, p. 277)

No final da década de 60 começou a aparecer um novo perfil de criminoso, muito mais sofisticado. A quadrilha de Lúcio Flávio Vilar Lírio contava com o apoio de quase cinquenta homens, entre eles o seu próprio irmão Nijini, Fernando Gomes, e seu cunhado e “amigo do peito” Liéce de Paula Pinto. A quadrilha era especializada em assalto a banco e em roubos de carros ao redor do país. Lúcio Flávio era um bandido bem mais sofisticado que a média dos criminosos da época. Durante os seus doze anos na carreira no crime, enfrentou mais de quatrocentos processos, quase um século de pena e 16 fugas de instituições penais. Um bandido direto e consciente de suas atitudes, que fugia dos estereótipos da época. Bem apessoado, o assaltante era loiro dos olhos azuis, oriundo de uma família de classe média da Zona Norte do Rio. Certa vez em uma coletiva para a imprensa disse que ele não roubava trabalhador, roubava dinheiro de banco, que era um dinheiro sem dono e com seguro.

O motivo do sucesso das suas mirabolantes fugas foi o mesmo da sua ruína¹⁶, a relação conflituosa que mantinha com os policiais corruptos. Lúcio Flávio pagava suborno aos policiais por armas, por proteção e até mesmo para garantir a sua estadia e fuga da prisão. Ele foi uma testemunha chave no processo contra os policiais do Esquadrão da Morte, levando à prisão diversos elementos da polícia, inclusive o famoso P.M. Mariel Mariscot, que cumpriu pena na Ilha Grande durante a Década de 70. O jornalista e escritor do livro

¹⁶ Após delatar inúmeros policiais corruptos o criminoso Lúcio Flávio de 31 anos é assassinado à facadas na cela 7 da galeria D do presídio Hélio Gomes, no Rio de Janeiro, na madrugada do dia 29 de janeiro de 1975.

“Lúcio Flávio, O Passageiro da Agonia”, José Louzeiro, conta que Lúcio tinha contato até com o pessoal de Lamarca, um dos guerrilheiros de esquerda, liderança da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). A quadrilha tinha um conhecimento de táticas de guerrilha urbana muito próximo ao dos grupos de esquerda.

O bando de Lúcio Flávio não era o único a se interessar por livros “informativos” e considerados subversivos. Muitos presos da LSN tiveram a oportunidade de participar de grupos de leitura e de estudos dentro da cadeia. Entre os integrantes da primeira formação da Falange Vermelha, os primeiros a passarem por um processo de conscientização foram Nelson Nogueira dos Santos, Sergio Túlio, o Aché e Apolinário de Souza, o Nanai.

“Logo descobri que Nelson Nogueira dos Santos era um preso singular: tinha cerca de trinta anos de idade, lia muito, falava mais, gostava de música clássica. Exercia uma clara liderança intelectual sobre os outros. Era ele quem redigia os documentos, incentivava os grupos de estudo, fazia um acirrado trabalho de conscientização. No primeiro banho de sol, pudemos conversar longamente. Ele discorreu sobre as dificuldades do Fundão e a necessidade de organizar os companheiros, superando diferenças trazidas da rua, estabelecendo um modo de vida que permitisse liberar nossas energias para o confronto com a repressão e a luta pela liberdade.”

(Lima, Willian da Silva, 1993 p. 57)

Em uma de suas entrevistas Willian conta que foi Nelson quem o teria convencido a ajudá-lo nesse projeto. A ideia era criar uma espécie de grupo onde os membros se apoiassem mutuamente e trabalhassem em torno de um bem coletivo, colocando assim as desavenças pessoais de lado. Privilegiar o bem coletivo em detrimento dos interesses individuais, esse era o lema. Os companheiros começaram a praticar o lema dentro dos cubículos compartilhando os seus ‘bens materiais’. Geralmente os presos com visitas regulares possuíam um reforço de comida e de artigos de primeira necessidade extra. Esses internos eram colocados juntos aos presos sem visita ou sem apoio externo, para assim a falta de um ser compensada pelo apoio do outro.

Outro ponto importante era que os presos pela LSN tinham acesso a um conjunto de livros, o que não era comum em outras prisões. A lista dos livros achados no IPCM era grande, obras de literatura como autores como Euclides da Cunha, Jorge Amado e Lima Barreto até textos de guerrilha urbana como *Guerra de Guerrilhas*, Che Guevara, *Manual do Guerrilheiro Urbano* de Carlos Marighella, *A Guerrilha Vista Por Dentro* de Wilfred G. Burche e a *Revolução na Revolução* de Régis Debray;

“Os presos comuns do “fundão” tiveram contato também com textos clássicos da literatura marxista. O Manifesto do Partido Comunista, escrito por Karl Marx e Friedrich Engels em 1848, e A Concepção materialista da História, do russo Afanassiev, fizeram parte de planos de estudos dentro do presídio. Outros dois livros da literatura básica do marxismo também foram lidos: A História da Riqueza do Homem, do historiador Leo Hubberman, e Conceitos Elementares de Filosofia, de Martha Hannecker.”

(Amorim, Carlos. 2010 pp. 48)

Em seu livro Carlos Amorim (2010) conta que o diretor da Ilha Grande, o coronel Nelson Salmon, certa vez confiscou de um preso comum o livro “A Guerrilha Vista por Dentro”. Livro proibido pela ditadura militar por conter instruções sobre a luta armada, ele é um relato do inglês Wilfred Bucher sobre as táticas usadas pelos vietcongues. Esse não foi o único livro “confiscado” nos corredores de Dois Rios, dentro desses manuais tinha todo o tipo de informação prática como primeiros socorros, formas de fazer munição e bombas caseiras e como iluminar os túneis para eventuais fugas e etc.

Diferente dos presos comuns, os presos pela LSN tinham um nível de instrução maior que a massa carcerária e não tardou para que adaptassem as lições aprendidas durante o contato com o grupo de esquerda. Os presos políticos compravam dólares e investiam na bolsa de valores para render juros em cima do capital roubado, e a Falange investia parte dos seus ganhos em cocaína, armas e imóveis. Enquanto os presos políticos almejavam desenvolver uma rede de “aparelhos” que os desse suporte, o crime organizado executou essa ideia com maestria. A Falange comprava e alugava casas em alguns pontos do Rio, próximos as favelas que dominava, servindo de depósito ou de abrigo para os

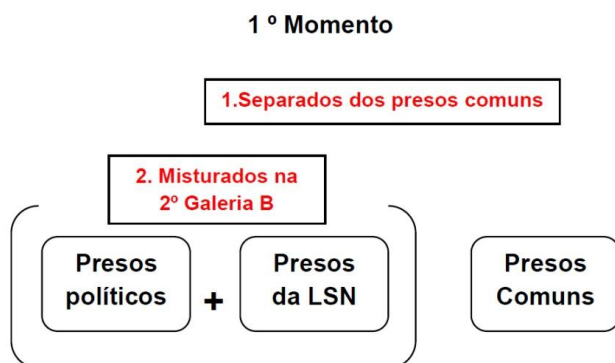
seus integrantes. Obteve assim o que nenhum grupo de esquerda conseguiu antes: o apoio e a simpatia da população carente.

O crime organizado foi muito além do que a luta armada revolucionária tinha conseguido nos anos 70, tanto em matéria de infraestrutura quanto na disciplina e organização internas. O bandido comum conseguiu romper o isolamento social que atormentava os grupos guerrilheiros, desenvolvendo laços de confiança com a população carente. Os militantes viviam clandestinos e sem qualquer ajuda, a não ser a fé que os movia. Os homens que servem ao crime organizado contam com a colaboração--ou pelo menos o silêncio--que os protege.

(Amorim, Carlos. 2010 p. 69)

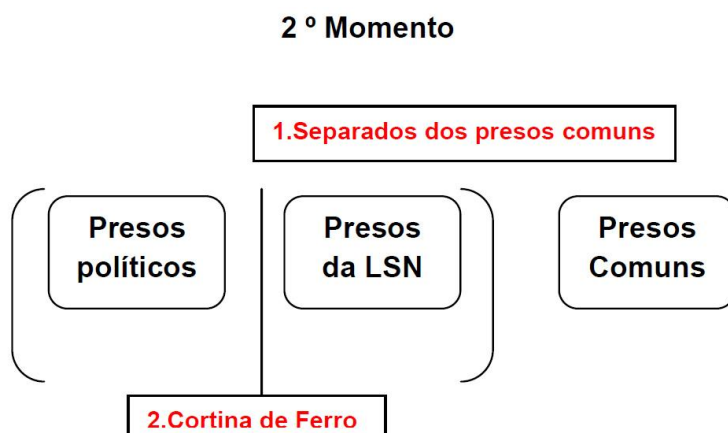
2.1.1 Divisão dentro do IPCM

Existiam três grupos de presos na Ilha Grande, os presos políticos, os presos da LSN e os presos comuns. Como pode ser visto no esquema abaixo, no 1º momento os subversivos e os assaltantes de banco são separados dos presos comuns e colocados na 2ª Galeria B do IPCM¹⁷. Nesse momento tanto preso político como os da LSN estão misturados pelas galerias.

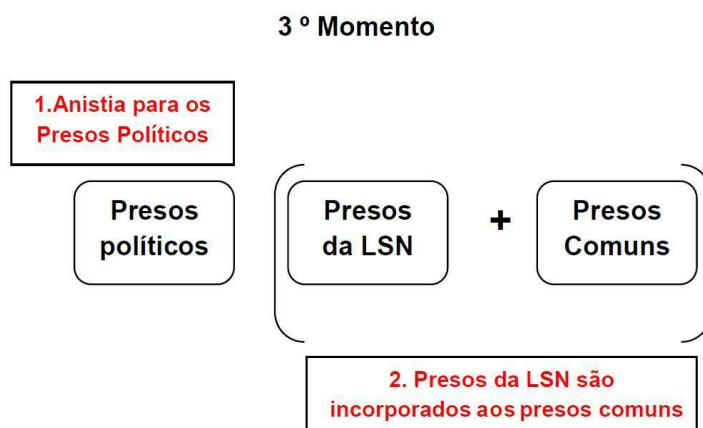


¹⁷ As prisões acontecem por volta de 1967, quando é promulgada a Lei de Segurança Nacional, o Decreto-Lei nº 314, de 13 de Março de 1967.

Em um 2º momento, por volta de 1971, os presos políticos e os presos da LSN são separados por uma placa de metal, a chamada “cortina de ferro”¹⁸Essa separação leva a um clima de desconfiança, porém não impede que alguns presos continuem a manter contato e a trocar ideias e livros pelas grades.



Com os movimentos a favor da Lei de Anistia os presos políticos em 1974 e 1975 são a ser transferidos para o continente. A chapa de ferro é retirada e os presos da LSN são incorporados à massa carcerária.



¹⁸ A história dessa separação será comentada mais adiante.

É importante perceber as diferenças entre esses dois grupos. Enquanto a massa de presos comuns é desunida, os presos pela LSN formaram um coletivo que privilegia o interesse do grupo em detrimento do individual. Os presos comuns roubavam, matavam e estupravam, ou seja, viviam sob a lei do mais forte, ao passo que os presos da LSN estabeleciam leis e regras para o bem estar e proteção dos seus membros. Apesar da diferença de pensamento, não existe um abismo que os separa como separava os presos comuns dos presos políticos. Muitos dos integrantes da Falange eram companheiros dos presos comuns, e alguns moravam na mesma comunidade. A incorporação permitiu que seus ideais pudessem ser espalhados pelos corredores de Dois Rios.

1.2 Influências

As diversas instituições penais que passaram pela Ilha Grande apresentavam uma cultura de violência e arbitrariedade. O seu isolamento geográfico permitiu a criação por parte das autoridades de um tipo de depósito de elementos indesejáveis ao sistema. Presos de alta periculosidade eram misturados com presos comuns que cumpriam o final da pena, e até mesmo com doentes mentais. Contudo, um dos momentos mais repressivos da instituição se deu a partir da criação do Decreto Lei nº 898 de setembro de 1969. Com a nova Lei de Segurança Nacional o número de efetivos de presos quase triplicou a sua quantidade comparando com o contingente que comportava no início da década de 50.

1951 - COLÔNIA AGRÍCOLA DO DISTRITO FEDERAL		
EFETIVOS DE PRESOS¹⁹		
	03/ Janeiro	30/Janeyro
Nas Galerias	346	338
No isolamento	9	16
Na enfermaria		
Residindo fora	1	1
*Residindo Fora	4	4
TOTAL	360	359
*Condenado pelo Extº T.S. Nacional		

Fonte: Arquivo Nacional

1961 - COLÔNIA AGRÍCOLA DA GUANABARA		
EFETIVOS DE PRESOS²⁰		
	1º dia do mês	Ultimo dia
Janeiro	529	536
Fevereiro	536	583
Março	586	588
Abril	589	578
Maio	578	591
Junho	591	581
Julho	581	595 - 2 foragidos
Agosto	593	592
Setembro	598	585
Outubro	585	601- 4 foragidos
Novembro	601- 4 foragidos	597
Dezembro	596	581

Fonte: APERJ

"PAG 39-B (01/01/73)

(...)Tópico 177

Sr. Chefe do JSCV

As 18:00 horas foi feito o confere geral encontrando o efetivo de 952 internos. Sendo 858 comuns e 94 da lei de s. nacional. Logo após foi concedido o programa de TV no CRI até às 22 horas(...) ²¹

(Livro de Ocorrência das Galerias IPCM 13/12/72)

¹⁹ Arquivo Nacional: SECOM/Sub-série:Org. e Adm. das Instituições Penitenciárias CADF - Processo:8979 - Caixa:4024

²⁰ APERJ : Fundo/ Coleção: Presídios da Ilha/Boletim de Serviço - Notação: 008

²¹ APERJ :Fundo/ Coleção: Presídios da Ilha/Livro de Ocorrência das Galerias - Notação: 253

A quantidade de detentos não foi acompanhada pela melhora da qualidade de infraestrutura ou pelo aumento no número de funcionários especializados. A superlotação do presídio e a escassez de recursos propiciou um ambiente de tensão e hostilidade entre os presos, e foram criadas diversas facções criminosas que tinham por finalidade roubar, matar e estuprar. Dentro das celas o que valia era a lei do mais forte, o mandamento era “cada um por si e Deus por todos”. Em meio a essa situação de violência a direção do presídio criava um clima de desconfiança e de hostilidade entre os internos.

Os presos políticos se organizaram a fim de combater as injustiças e arbitrariedades do sistema. Ainda que a relação entre dos presos políticos e os presos da LSN não fosse das melhores, havia certo sentimento de companheirismo e solidariedade entre alguns dos membros do grupo. Dos presos políticos, uma das figuras que mais influenciou os presos da LSN durante esse período foi o português Alípio de Freitas. Padre e professor de filosofia, ele chegou ao Brasil em 1957 e logo se engajou em diversos projetos sociais. Não demorou muito para largar a batina e pegar em armas contra o governo militar. Em 1969 fundou o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT), além de participar de diversas “expropriações” pela causa revolucionária. Em seu livro “Resistir é Preciso” o ex padre relata como era o clima do presídio dessa época de extrema repressão no início dos anos 70:

“Mas nem se pense que tais arbitrariedades só atingiram a mim ou a um grupo escolhido de presos. Não. Elas atingiam a toda a comunidade dos presos políticos e, do ponto de vista humano, muito mais ainda os presos comuns. A Ilha Grande era, para os presos comuns, um verdadeiro degredo, com características de campo de concentração. Dada a falta de união entre eles e, também, ou sobre tudo pelo trabalho de divisão e alcagüetagem desenvolvido pela administração, eram vítimas muito mais vulneráveis à prepotência e arbitrariedade”

(Freitas, Alípio de. 1981 pp. 114)

A violência e arbitrariedade eram generalizadas, os presos eram castigados, espancados e colocados em solitária de acordo com a vontade dos guardas. Em um trecho do seu livro Alípio conta que quando chegou na Ilha Grande em meados de 1970-71, o diretor da época, o Capitão da PM Sebastião Cezar Calheiros, o chamou em sua sala e ordenou que fosse colocado em uma solitária, mesmo sem um motivo válido para isso.

“Assim que cheguei à sua presença, fui logo informado pelo próprio Capitão Calheiros que, dada a minha periculosidade, iria ficar isolado numa cela. Argumentei que isso era ilegal e abusivo, pois se tratava de uma pena adicional, que ademais, ele não tinha autoridade de me impor. Como talvez, não esperasse a minha resposta, e muito menos o seu estado-maior, quase se enfureceu e, do alto de sua arbitrariedade, sentenciou que ali, no presídio, a lei, o juiz e a autoridade eram ele e só ele, e que. Por isso, eu iria ficar isolado pelo tempo que achasse conveniente.

Repeti-lhe ser isso irregular e um abuso e que comunicaria ao juiz auditor a arbitrariedade.

-Leve-o daqui – quase gritou para o guarda que me lavara à sua presença – Leve-o logo e bote-o numa das celas lá do fundo da galeria.”

(Freitas, Alípio de. 1981 pp. 108)

O ex padre foi colocado na solitária, e os seus companheiros de causa reponderam à direção com uma greve de fome. Sem saída, a direção reintegrou Alípio no convívio novamente e após inúmeras denúncias o Capitão Calheiros foi afastado do cargo. Esse foi o começo de muitas outras lutas que aconteceram na Ilha Grande. Não demorou muito para os presos da LSN ou os presos do “fundão”, como eram chamados, percebesse que a união e a organização dos presos políticos era algo precioso na luta contra o sistema. Muitos presos comuns chegaram a participar dos protestos e das

greves por melhores condições intramuros. Cada pequena vitória pode ser sentida e observada pelo pessoal do fundão, e toda essa experiência mudou a forma deles encararem a realidade dentro dos muros da cadeia.

Como dito anteriormente, a relação entre eles não foi de toda amistosa, e em 1971 os presos políticos pressionaram a direção para que houvesse uma separação entre eles e os presos pela LSN. O objetivo era criar um grupo a parte da massa carcerária, obrigando a ditadura militar a reconhecê-los como presos políticos. Contudo essa decisão provocou um forte ressentimento entre os presos comuns.

“Houve, como não podia deixar de ser, muitas incompreensões da parte dos presos comuns e, até, de companheiros presos políticos que se recusavam a enxergar as manobras da ditadura. Ademais foi difícil para muitos entender que éramos duas comunidades distintas, com objetivos diferentes, perspectivas até opostas, com hábitos de vida que a cada passo entrava em choque.

A separação teria de se dar, pois nem à absoluta maioria dos presos comuns interessava a sua transformação em presos políticos, nem nós aceitávamos perder essa condição. A separação aconteceu e deixou certas marcas de incompreensões, algumas transformaram-se em cicatrizes, mas era necessária.”

(Freitas, Alípio de. 1981 p. 123)

“Para esvaziar a luta pela anistia, a ditadura negava a existência de presos políticos no país. Nesse contexto, interessados em garantir sua visibilidade para a opinião pública nacional e internacional, os membros das organizações armadas dos anos 70 lutavam para isolar-se da massa, comportamento considerado elitista por nós. Seu discurso era coerente, mas frágil: a existência ou não de presos políticos no Brasil não seria uma questão decidida pelo fato de eles estarem isolados, mas pela força do movimento de oposição à ditadura. O desejo de isolamento indicava, entre eles, a hegemonia da classe média, cujos espaços de reintegração no sistema voltavam a se abrir, no contexto da política de distensão do regime.”

(Lima, Willian da Silva, 1993 p. 58)

O primeiro é um depoimento de um preso político, ex padre Alípio de Freitas, o segundo é de um dos criadores da Falange Vermelha, Willian Silva de Lima, também conhecido como “Professor”. O discurso de cada um mostra de forma direta o impasse e o ressentimento criado. Em meados de 1971 os grupos foram separados por uma chapa de ferro no meio da galeria. Essa chapa foi apelidada de “a cortina de ferro”, os assaltantes de banco ocuparam o espaço que passou a ser denominado de “fundão” como mostrado na imagem logo abaixo ²².

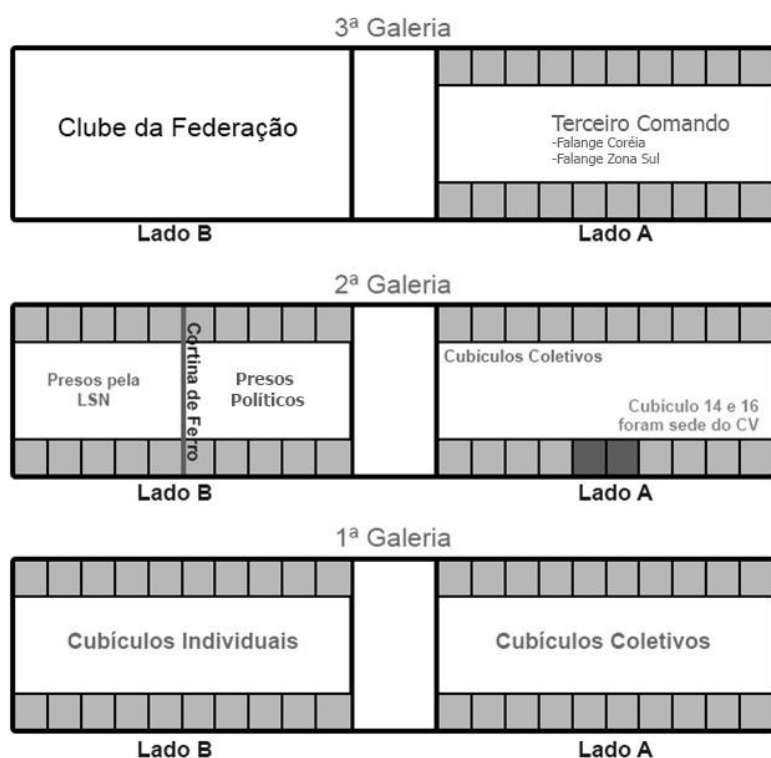


Figura X – Galerias da Ilha Grande

Fonte: Autoria Própria

²² Depois da Anistia os presos do chamado “fundão” são misturados com a massa carcerária e montam sua base na 2ª Galeria A nos cubículos 14 e 16; Outras facções se unem na 3ª Galeria A e criam o Terceiro Comando, ao lado da do Clube da Federação ou C.C.R.I - Clube Cultural Recreativo dos Internos- que será explicado no capítulo III.

Mesmo com os desentendimentos e ressentimentos entre o pessoal do fundão e os presos políticos a cooperação deles continuou, fazendo-os conquistar aos poucos pequenas melhoras. Com o aumento da oposição contra a ditadura militar, muitos grupos passaram a pressionar o governo para a elaboração da lei de anistia. Gradativamente os presos políticos foram sendo transferidos para o continente.

Quando em 1975 o último grupo de presos políticos estava para ser transferido, a direção do presídio informou para o pessoal do fundão que eles seriam incorporados à massa carcerária. A notícia gerou um grande descontentamento para o grupo. Uma vez misturados eles perderiam todos os privilégios adquiridos, seriam expostos ao antigo clima de desunião e violência do IPCM. Decidiram fazer um greve de fome reivindicando sua transferência para o continente e que o seu grupo permanecesse separado da massa carcerária.

“Sem defecções, começaram sua greve de fome, tendo até discutido conosco alguns pormenores a ela relativos. Isso era fácil, pois a sua galeria era a mesma que a nossa, apenas dividida por um muro e uma porta de aço. Não discutimos as suas razões, mas dispusemo-nos a ajudá-los, sobretudo divulgando os seus comunicados e granjeando-lhes o apoio social que nos fosse possível. Muitos daqueles que iam entrar nessa greve tinham participado conosco de lutas comuns, tinham até sido companheiros valorosos no enfrentamento da dura repressão do Presídio nos anos 70, 71 e 72, antes da nossa separação.”

(Freitas, Alípio de. 1981 pp. 226)

O pessoal do fundão queria ganhar tempo, precisava se fortalecer e se organizar para fazer frente ao poderio das facções criminosas do presídio. Apesar de o grupo ser incorporado aos presos comuns, eles permaneceram unidos, guardando as lições que observaram durante a convivência com os presos políticos.

2.3 Motivações

Com a saída dos presos políticos o tratamento do em relação ao pessoal do fundão voltou a ser extremamente violenta. Agora os olhos do continente não estavam mais voltados para os presos da Ilha Grande. Misturados com os presos comuns, o pessoal do fundão perdeu grande parte de suas conquistas. Deparam-se com problemas e intrigas que antes estavam isolados, de volta aquele ambiente hostil controlado pelas facções criminosas que matavam, roubavam e estupravam.

2.3.1 Péssima Infraestrutura e Abuso de Autoridade

Não existia nenhum mistério a respeito das péssimas condições do complexo penal da Ilha Grande. Eram comuns manchetes no jornal como “Na Ilha Grande até os porcos passam melhor que os detentos” (Jornal do Brasil 07/05/1961 p.58) ou “Ilha Grande O paraíso sem infra-estrutura” (Jornal O Globo 23/04/1976). A carência de recursos se refletia em todo o funcionamento do estabelecimento, constantemente em boletins os diretores reclamavam da falta de guardas nas galerias e dos problemas nas instalações dos prédios como vazamentos e infiltrações. Com a superlotação nos anos 70 a situação ficou tão ruim que nem cadeado para as celas o presídio tinha.

“(...)Tópico 614^a

Sr. Chefe da JSCV-2

Devo informar a V.S. que reiterando a comunicação verbal que fiz ao Sr. Chefe da Segurança no sentido de serem colocadas fechaduras nos portões das galerias e cadeados nos cubículos da segunda 2º galeria lado A, galeria dos subversivos e também cadeados nas celas e isolamentos, bem como reparos nos ferrolhos de diversos cubículos que se acham sem nenhuma segurança. Levo ao vosso conhecimento para sejam tomadas às possíveis providências como também devo informar da deficiência numérica das turmas compostas que prestam os serviços nas galerias (...)

(Livro de boletim de serviço 20/02/73)

A arbitrariedade e violência por parte dos guardas era outro fator bem conhecido no continente. Muitos diretores foram denunciados por casos de corrupção e de torturas, manchetes como “Diretor da Ilha Grande foi exonerado por torturar” (Jornal o Globo 04/09/1979 p.20) e “Presos: Major comanda torturas na Ilha Grande” (Jornal o Globo 17/12/1981 p.14) eram recebidos pelos jornais sem que houvesse uma grande preocupação no bem estar dos internos. Os diretores, afastados dos olhos do continente reinavam no presídio feito verdadeiros senhores Feudais.

“Acho que, ao ser nomeado Diretor do presídio, pensou que estava recebendo uma capitania hereditária ou, pelo menos, vitalícia, e, por isso, agiu fora e dentro do presídio como um senhor feudal ou um senhor de engenho”

(Freitas, Alípio de. 1981 p. 120)

2.3.2 Alimentação Escassa e Corrupção

As reclamações da falta de comida se intensificam a partir da redução de recursos e investimentos que aconteceu com a transferência do presídio para as mãos do Estado. Outro fator, comum no sistema penitenciário, era a corrupção, pois os mantimentos destinados aos presos eram sempre desviados. Uma assistente social contou em uma entrevista que frequentemente os guardas roubavam os presos, desde objetos que eram trazidos pelos familiares até a própria comida. Conta ainda que muitas vezes os presos tiravam fotos dos guardas que durante a noite furtavam a dispensa dos alimentos e entregavam para ela as fotos a fim de denunciar. O furto de alimento era tão comum que em certos períodos a chave da dispensa era guardada pelos próprios presos. Outro interno que passou mais de 30 anos na Ilha Grande conta que quando um guarda chegava na Ilha para ser treinado, durante os três primeiros meses de treinamento ele não recebia salário, então eles pegavam a comida dos presos. Muitas vezes

quando a comida chegava do continente era separada a parte dos guardas para depois ser levada para a dispensa do presídio.

*Antão, eles dizem lá embaixo que entrava pro Estado, mas aí ficavam três mês na prova pra poder ver se... pra aprender a trabalhar, e fala também numa... não ficava ocupando, eletricista, ou tira a guarda da pessoa pra trabalhar e etc, antão eles ficavam três mês sem direito ao pagamento. Só depois de três mês que tinham direito ao pagamento. Nesse período dos três mês a gente ainda, eu tava falando pra ele... e essa alimentação saía dos nossos, dos internos, antão, vinha pra casa de visita oficial ali, onde eu tomava conta, trazia... eu designava, dava o nome de *muniço*, dava um *muniço* pra eles fazer arroz, feijão, etc, etc, e de maneira que devia estar limpo ali, tinha dispensa, aí... Eles não vinham buscar. Ou os filhos, ou a patroa, antão, assim sucessivamente. Aí eu tinha que pesar, preparar um saco de comida pra dar pra eles levar. E os pessoas... o pessoal que fugia, que saía pro mato? O preso que fugia? O guarda que fosse atrás do preso no período que o preso tivesse também no meio do mato, alimentação da família, a gente tinha que mandar.*

(Entrevista com ex-presos do IPCM)²³

2.3.3 Controle sobre a Cadeia

Antes da Falange Vermelha, o presídio da Ilha Grande era dominado por diversas facções criminosas. Elas eram responsáveis pelo clima de terror e violência dentro da instituição. As facções cobravam pedágio pela circulação, controlavam as armas e os jogos dentro da prisão, além de roubar, assaltar e estuprar os presos comuns. Mesmo tendo a direção consciência da situação, pouco fazia para proteger os presos das ameaças internas. Em uma entrevista, um dos antigos funcionários do IPCM conta que as quadrilhas até “vendiam” presos para a prostituição.

²³ Entrevista realizada em 11 de dezembro de 2010 com ex-presos do IPCM, como parte da pesquisa Violência e Barbárie nas Prisões da Ilha Grande, coordenada pela prof^a. Myrian Sepúlveda dos Santos

Quando cheguei pra aqui em 75, aqui tinham, mais ou menos, umas 5 facções, quadrilhas, entende? Tinha um pessoal que, que eles se dividiam em quadrilhas, aonde tinha uma das quadrilhas que lhes assaltavam dentro do próprio cárcere, os próprios internos, eram assaltados por eles, entendeu? Se chegasse um, por exemplo, vinha um preso transferido pra cá, preso novo, né, boa aparência, e não tinha ligação nenhuma com outras facções, à noite eles iam e 'estrupava' o camarada, entendeu? 'Estrupava', e se o cara reagisse, eles matavam, quando o cara não reagia, eles 'estrupava' e vendia já pra outra quadrilha lá: 'Ô, me dá tanto que o cara é teu'. No outro dia, de manhã, quando o cara descia pro pátio, falava: Ô fulano, você vai lá pro meu cubículo.

(Entrevista feita com ex policial militar que trabalhou no IPCM)²⁴

Dentre os grupos de presos mais perigosos havia a Falange do Jacaré. Este grupo controlava a maior parte dos presos. Eles comandavam roubos, estupros e assassinatos, e tinham como liderança três detentos: André Luiz Miranda Costa, Valdir Pereira do Nascimento e Luiz Carlos Pantoja dos Santos, o Parazão. Os principais membros da quadrilha eram José Amaro Luiz; Paulo Roberto Sanches; Carlos Arlindo Ferreira; Wanderley Machado Amorim; Jorge Marcelo da Paixão, o Gim Macaco; Sérgio Roberto de Almeida; Artur Sanches Filho; José Cristiano da Silva; Ozório Costa, o Caveirinha; João Carlos da Silva, o Ratinho; e Antônio José da Silva, o Tatuagem; (Amorim, Carlos. 2010 p. 36)

Em segundo lugar, havia a Falange da Zona Sul. A quadrilha comandava a maior parte da Galeria C e apesar da pouca quantidade de membros ativos, controlava o jogo e o tráfico de drogas dentro do presídio. Ela era liderada por Joanei Pereira da Silva e Antônio Magrinho. Entre seus membros estavam: Carlos Henrique de Souza Abrantes, o Carlão; Osvaldo Aguiar Filho; Antônio Carlos Marçal; Valderi José da Silva, o Maneta; Neline

²⁴ Entrevista feita em 15 de abril de 2011 com ex-policial militar que trabalhou no IPCM

Marques, o Maneta; Adilson Balbino; José Renato; Alfredo Gonçalves Alves, o Alfredo Dedinho; (Amorim, Carlos. 2010 p. 36)

Por ultimo, havia a Falange do Coréia, um grupo numeroso, porém menos articulado que a Falange da Zona Sul. Sua especialidade era a violência sexual e roubo seguido de morte. Também tinha dois líderes, Merci da Silva Fernandes e Maurício dos Santos, o Maurinho, além de contar com mais 12 integrantes: Manoel da Silva, O Leleu; Íris Gomes da Silva, Zé Dunga; Bueno Gerônimo dos Santos; Jorge da Silva, o Zé Dumba; Carlos Alberto Veras; Cristiano de Oliveira; Adalto Paulino; Clarindo Jorge de Oliveira, o Negão Tereza; Roberto de Moraes; Mário Rita de Oliveira, o Rita; Waldir Klaus Carela, os Irmãos Carela; e Carlos Alberto Klaus Carela, os Irmãos Carela; (Amorim, Carlos. 2010 p. 34)

Com a transferência dos presos políticos em 1975, o pessoal do fundão foi incorporado aos presos comuns. O grupo conseguiu estabelecer base em dois cubículos, o 14 e 16 da segunda galeria A. Eles planejavam se fortalecer para acabarem com o reinado de terror dos grupos existentes.

2.4 Estratégias

Depois da separação entre os presos políticos e os presos comuns da LSN, o pessoal do fundão decidiu se organizar sozinho. Em uma entrevista Willian conta que participou da coordenação interna do grupo. Em 1974, o coletivo já tinha criado uma comissão de contato para negociar com a direção. O Grupo lutava pelo fim dos espancamentos, prática muito comum no presídio; pela abertura das celas, dando a liberdade de livre trânsito para os presos; e pela melhora no tratamento das visitas, que muitas vezes eram desrespeitadas.

Além dessas lutas, o grupo estabeleceu algumas regras, e a primeira e mais importante foi a proibição da violência entre os presos. Ou seja, sem assaltos, estupros e mortes, problemas pessoais deveriam ser resolvidos lá fora, não mais dentro da prisão. O grupo veio para acabar com a lei do mais forte.

A medida de número um — que representava uma verdadeira revolução cultural na cadeia — era a proibição de qualquer ato de violência de preso contra preso. As incompatibilidades pessoais deveriam ser deixadas de lado, para serem resolvidas na rua, pois era preciso criar, entre nós um ambiente tranquilo, que nos fortalecesse diante da repressão. Assalto, estupro ou qualquer forma de atentado estavam banidos.

(Lima, Willian da Silva .1993 pp 47)

A ousadia de ir contra a lei do mais forte dentro de um presídio dominado por facções não foi muito bem recebida por todos. Nem todos os integrantes do fundão aderiram ao movimento, não demorou muito para que os primeiros opositores do grupo aparecessem. Tudo começou com um roubo: um dos integrantes do fundão lesou o próprio companheiro de cela. O Grupo não mostrou misericórdia, agiu da única maneira que conhecia, matou o traidor²⁵. A morte daquele que desafiou a nova regra do coletivo serviu de mensagem para todo o presídio de que o pessoal do fundão não estava ali para brincadeira, e quem desobedecesse seria punido.

Depois que os presos políticos foram embora, houve um período de tensão entre as quadrilhas. A direção do presídio se tornou mais violenta, afinal agora os presos que tinham acesso à imprensa e a outras organizações da sociedade civil já tinham ido embora. A Falange Vermelha procurou se fortalecer mesmo nessas condições, e entre 1979-1989 a organização realizou quatro massacres para manter sua liderança. O primeiro aconteceu no dia 17 de setembro de 1979. Dois dias depois foi lançado em uma nota no Jornal o Globo “Assassinados em um dia seis presos na Ilha Grande”. Nesta época o público em geral não conhecia as disputas entre as facções dentro do presídio. A reportagem dizia apenas que a mortes foram consequência de uma briga entre os grupos pelo o controle da cadeia, mas não citava os nomes das

²⁵ Entre as inúmeras regras da Falange, a primeira era a de não violência. Um preso não poderia matar roubar ou estupro nenhum companheiro. Deveria deixar de lado as diferenças com o outro preso em prol do interesse coletivo do grupo. No entanto, quando um preso roubava, lesava ou ia de encontro dos interesses do grupo ele era severamente punido. Nesse caso, os presos que se colocavam contra as regras eram mortos.

quadrilhas envolvidas. O que se passou por um simples ato de brutalidade aleatório e sem importância para os jornais passaria a ganhar mais peso ao longo dos anos. Das seis mortes a mando da Falange Vermelha, quatro eram dos principais membros da Falange do Jacaré. Foi morto um dos líderes da quadrilha Luís Carlos Pantoja, o Parazão e mais três membros da facção José Cristiano da Silva, Osório da Costa, o Caveirinha e João Carlos da Silva, o Ratinho.

O segundo acerto de contas da organização começou a chamar a atenção do público. Ocupando quase uma página inteira do jornal, foi anunciado que “Oito presos são mortos a facadas na Ilha Grande”. Dessa vez os nomes das organizações envolvidas foram divulgados, “‘Robôs’ da ‘Falange Vermelha’ assumem autoria dos crimes” (Jornal o Globo 14/09/1983 p.13). Os mortos, como se esperava, eram membros ou pessoas relacionadas às facções inimigas. Dentre eles estava um dos líderes da Falange do Coréia, Merci da Silva Fernandes, o Chicão e mais dois membros do seu grupo, Bueno Jerônimo dos Santos e Íris Gomes da Silva, o Bonga. Outro morto foi o Neline Marques, o Maneta que fazia parte da Falange da Zona Sul. As mortes dos integrantes das facções inimigas continuaram. Mais tarde, com a criação do complexo penitenciário de segurança máxima Bangu I ²⁶ a direção do presídio transferiu os principais chefões da organização. Diferente da Ilha Grande, Bangu I era um grande obstáculo para a fuga da cúpula maior do Comando Vermelho.

O terceiro e o quarto massacre ocorreram um dia após o outro, sete mortes nos dias 1 e 2 de novembro de 1988 em presídios do continente e mais cinco mortes no dia 2 de novembro no presídio da Ilha Grande. As mortes tinham o objetivo de pressionar a direção do presídio de Bangu I, para que ela transferisse as cabeças da organização para outros estabelecimentos²⁷. A chantagem não funcionou. Contudo, as mortes alimentaram a fama de brutalidade da organização que, ao longo dos anos, perdeu o seu foco principal

²⁶ O Complexo Penitenciário de Gericinó, antigo Complexo Penitenciário de Bangu, foi criado em 1987,

²⁷ Como presídio de segurança máxima Bangu I era difícil de fugir os presos do CV pressionaram os diretores para a transferência dos seus líderes para um outro presídio. Jornal O Globo 01/11/1988 “‘Falange’ mata sete nos presídios”

na melhoria da vida dos presos e agora seguia seu caminho como uma organização de narcotraficantes.

Em uma entrevista, a antiga assistente social do IPCM conta o caso assustador que vivenciou no dia 2 de Novembro de 1988, no quarto massacre da organização, episódio esse que custaria o seu pedido de afastamento da instituição. Segundo o seu relato, a funcionária estava acompanhada de três presos de sua confiança que a ajudavam no seu trabalho. Durante o expediente, um dos presos perguntou inúmeras vezes se “já não estava na hora de você ir embora?”. Ela, sem entender o recado, continuou a responder que ainda faltava muito para o fim do seu expediente. Depois de mais alguns avisos sem sucesso, o preso virou para a assistente social e disse que sentia muito, pois agora ela não tinha mais tempo sair, teria que infelizmente assistir tudo de camarote.

A servidora apavorada tentou correr para a saída, mas o presídio estava fechado e não tinha nenhum funcionário por perto. Foi então que viu vários corpos sendo jogados do terceiro andar das galerias. Os corpos caíram próximo a ela, tamanha foi a brutalidade dos assassinatos que ela desmaiou com a quantidade de sangue que brotava deles. Os presos de sua confiança tentaram reanimá-la e a ajudaram a se levantar. Foi então que ela disse ter visto a cena mais chocante de sua vida: no meio de todos aqueles corpos esfaqueados, saiu um cachorro com o coração de um dos presos na boca. A assistente social entrou em choque e desmaiou novamente, e depois de acordar pediu o afastamento do cargo.

Após os massacres, as principais lideranças das três facções criminosas que comandavam a Ilha Grande morreram. Os sobreviventes das três quadrilhas se uniram na terceira galeria onde, alguns anos mais tarde²⁸ nasceu a segunda organização criminosa do país, o chamado Terceiro Comando.

²⁸ Apesar dos documentos e entrevistas não deixarem claro o ano exato da criação do 3º comando, estimamos que tenha sido formado no final dos anos 70 e início dos 80. O Jornal O Globo de 24/09/1983 já comenta sobre o grupo “Guerra de ‘falanges’ faz surgir na prisão o grupo ‘3º Comando’”

2.4.1 Greve de Fome e Protestos

Uma das primeiras táticas incorporada pela a organização a partir do contato com os presos políticos foi a greve de fome. Apesar da greve de fome ser uma ferramenta poderosa não tardou que perceberem que a repercussão gerada por eles era bem diferente da obtida pelos grupos de esquerda. Não havia suporte por parte da direção do presídio, e até sal e açúcar eram negados aos manifestantes.

Revoltado, iniciou nova greve de fome, que no início contou com a adesão dos demais (...) A administração não escondeu seu objetivo: impediu que os grevistas recebessem açúcar e sal, para minar suas forças o mais rapidamente possível (...) Nelson...Tornou-se, ao que se saiba, o primeiro homem a morrer em greve de fome no Brasil, na defesa de seus direitos e dos direitos dos demais prisioneiros.

(Lima, Willian da Silva. 1993 pp 58)

Nelson Nogueira dos Santos morreu durante uma greve de fome por indiferença da direção. Foi uma grande perda para o grupo, pois Nelson, como citado anteriormente, era uma dos integrantes mais esclarecidos e capacitados do grupo. A sua morte gerou grande revolta no grupo, mas eles não desistiram de lutar contra os seus carcereiros. “A repressão se acentuou. Raspamos a cabeça de três companheiros. Em resposta, raspamos as nossas também, formando uma galeria de noventa carecas solidários”(Lima, Willian da Silva. 1993 pp 55). Os protestos continuaram, e cada vez que a direção usava de violência, eles arrumavam um jeito de dar uma resposta.

Certa vez, abriram nosso cubículo e tentaram nos bater, mas revidamos à altura, comportamento considerado exemplar pelos demais presos que acompanharam a cena. A muito custo nos dominaram e não ousaram repetir a tentativa, enquanto permanecemos juntos. Pouco depois, fomos distribuídos nas celas, onde passamos a pregar a desobediência coletiva.

(Lima, Willian da Silva. 1993 pp 58)

2.4.2 Colegiado

Com a instalação da Cortina de Ferro entre as galerias, ficou claro que se tratavam de dois grupos distintos, e o pessoal do fundão não podia mais depender dos presos políticos. Foi então que eles criaram o que eles chamaram de Comissão de Contato, onde um pequeno grupo era escolhido para representar e negociar em nome do coletivo.

“Participei do grupo de coordenação interna do Fundão e, posteriormente, da comissão de contato com a administração, escolhidas sempre entre as pessoas mais populares de todas as quadrilhas, bem como de todas as comunidades, lá representadas.”

(Lima, Willian da Silva. 1993 pp 46)

Pouco tempo depois essa comissão de contato se organizou em torno de um clube destinado aos internos no presídio, o que lhe deu mais força e credibilidade.

2.4.3 Fundo coletivo

O fundo coletivo, organizado pelos presos políticos, teve outro nome entre os integrantes da Falange Vermelha. A famosa caixinha foi motivo de muitas lendas e especulações sobre o seu funcionamento. A ideia inicial era arrecadar recursos em uma ‘caixinha’ para ajudar o pessoal que fica confinado na prisão, melhorando sua alimentação e qualidade de vida.

“De volta à rua depois de longos anos de sofrimento, eu e alguns companheiros sentimos necessidade de ajudar quem havia ficado na cadeia. Mais uma vez, um gesto normal de solidariedade não tardou a ser apresentado à opinião pública de forma distorcida: segundo os jornais, formara-se um pacto, pelo qual se destinavam 10% dos assaltos para o financiamento de fugas.”

(Lima, Willian da Silva. 1993 pp 75)

Durante as entrevistas, segundo alguns depoimentos, a caixinha não tinha só esse objetivo humanitário, ela servia também para financiar drogas dentro do presídio e até para auxiliar em fugas da Organização.

2.4.4 Abaixo Assinado e Denúncias.

As denúncias e os abaixo assinados foram outras táticas comumente utilizadas pela organização.

“Fizemos uma denúncia formal, conseguindo apoiá-la em mais de duzentas assinaturas de presos comuns, além dos cerca de noventa que estavam no Fundão. O coletivo dos presos políticos nos ajudou a enviar o documento que, divulgado no exterior, levou à punição de diversos guardas penitenciários e integrantes da Polícia Militar.”

(Lima, Willian da Silva. 1993 pp 49)

No fim da década de 80, com o início da reabertura democrática os olhos do continente estavam mais atentos as barbáries até então escondidas e ignoradas. O numero de denúncias cresceram, e apesar da violência continuar, agora era mais comum o caso de guardas afastados ou transferidos dos seus postos por denúncias de tortura, corrupção e arbitrariedade. No próximo capítulo serão analisadas as cartas enviadas pelo Comando Vermelho. Como veremos, em algumas são relatadas as inúmeras denúncias realizadas pelo grupo às autoridades e aos jornais.

3. Capítulo III - Análise das Cartas do Comando Vermelho

As cartas que serão analisadas foram inicialmente doadas à prof^a. Rosane Prado por um ex-policia1 militar que trabalhava na Penitenciária Cândido Mendes. Os originais foram devolvidos. Em uma das visitas a Dois Rios, os bolsistas da pesquisa Violência e Barbárie nas Prisões da Ilha Grande, já mencionada, obtiveram autorização para fazer novas cópias. Nesse momento foram digitalizados, além das cartas, fotos, desenhos, recortes de jornal, e documentos da diretoria. O que mais chamou a atenção entre o material escaneado foram as cartas interceptadas do Comando Vermelho que datam de 1989 a 1991. As cartas são assinadas sob o carimbo do C.C.R.I. que significa “Clube Cultural Recreativo dos Internos”. O C.C.R.I. funcionava com um tipo de grêmio estudantil, onde um grupo de internos formavam um corpo representativo do coletivo, levando à direção da penitenciária os pedidos e reivindicações dos detentos. Eles também coordenavam a realização de eventos, festas, ligas de futebol e até administração de um espaço de lazer.²⁹

Existiam diversos cargos como o de presidente, secretário, diretor de patrimônio, e diretor de esportes, entre outros. Todos os cargos do C.C.R.I. eram ocupados pelas lideranças do Comando Vermelho. Foi em volta desse clube que os membros do CV se organizaram administrativamente, ganhando influência e credibilidade dentro e fora do presídio. A carta era um das formas de comunicação da organização, através dela as ordens saíam do presídio. Não eram cartas comuns escritas aleatoriamente, elas respeitavam parâmetros estabelecidos pelo grupo: tinham um cabeçalho próprio; uma saudação padrão; um linguajar peculiar aos seus membros; assinatura dos seus membros atestando que concordavam com a carta; e o carimbo do C.C.R.I.

Dada a relevância do material recolhido, o principal objetivo desse capítulo é analisar as cartas enviada pelo Comando Vermelho, a fim de compreender melhor a estrutura interna da organização. Para isso foram selecionadas sete cartas dispostas em onze imagens digitalizadas que se encontram ao final deste trabalho na seção “anexo”.

²⁹ 1 Entrevista com ex-policia1 militar que nos cedeu cópias das cartas, em 16 de abril de 2011

1.1 Carta de Número1, com data de 30 de Janeiro de 1989 – Anexo 1 e 2

Essa carta foi escolhida para iniciar a análise por ser bem representativa de todo o conjunto. Dentre outras coisas ela mostra a forma como o CV trata os seus integrantes, fala sobre a consolidação do C.C.R.I. e sobre a formação de um colegiado para a negociação com a direção. Como esta é a primeira carta, ela será trabalhada detalhadamente, parágrafo por parágrafo.

“ Amigos e Irmãos da nossa Grandiosa Família CV.

Primeiramente, desejamos que esta ao chegar, vá encontrá-los com boa saúde e muita paz, e que breve todos consigam almejar nosso grande objetivo que é a liberdade.

Amigos e Irmãos, o motivo deste, é para, Comunicar, que estamos com o C.C.R.I. formado e organizado, conforme os amigos podem ver nas assinaturas que seguem em anexo.”

(Fragmento da carta do C.V., Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 1989)

Antes de qualquer coisa é importante entender a forma pela qual os membros do CV que estão na Ilha Grande se dirigem aos demais membros do grupo, que estão fora da penitenciária. Nas cartas, observamos um cuidado especial com o uso de um tratamento fraternal, mostrando que os laços que os unem são fortes. O tratamento é o de amigo e irmão, porque todos eles fazem parte da mesma família, a “Grandiosa Família CV”. Nas mais de trinta cartas analisadas, todas elas existem referências fraternais aos seus membros e às comunidades em que o CV se estabeleceu. Eles se referem à grande “Família do Jacaré”, à “Família do Cantagalo” ou à “Família da Mangueira”.

Após a saudação cordial, as cartas geralmente são seguidas por algumas palavras de incentivo, desejando que aqueles que recebem a carta possam estar desfrutando de “boa saúde e paz”. Essa preocupação com o bem estar dos membros da organização se repete em todas as cartas, precedida por palavras como “primeiramente” e “em primeiro lugar”. Dando a impressão

que “antes” de qualquer pedido ou problema a ser discutido, é relevante que os integrantes estejam em paz, não deixando problemas menores interferirem no interesse geral da organização.

O segundo parágrafo fala sobre a consolidação do C.C.R.I. e faz referência às assinaturas que estão presentes no final da carta (anexo). As assinaturas ao final de cada carta são de imprescindível importância, pois, são provas da organização do grupo e lhe confere maior credibilidade. Servem também para impedir que sejam expedidas cartas sem o consentimento do grupo que está na liderança. Como veremos em outra carta, a ser analisada mais a frente, *Chiquito*, um dos líderes da organização na Ilha Grande no fim da década de oitenta, vai destacar a importância do carimbo e das assinaturas.

Ao analisarmos as legislações responsáveis pelas colônias correccionais e pelas penitenciárias da Ilha Grande, encontramos sempre o objetivo de recuperar o preso através do trabalho, atividade esta capaz de dignificar o homem. Desde o período de criação das colônias correccionais, existiram turmas de trabalho, na Ilha Grande. O trabalho dos presos sempre foi parte da manutenção da instituição. Havia a turma da roça, a turma da pescaria, a turma da faxina e assim por diante. Porém com a transferência da instituição da esfera federal para a estadual, em 1960, os recursos se reduziram drasticamente. O investimento que era necessário para o funcionamento de algumas atividades deixou de ser feito, e muitas turmas de trabalho foram fechadas.

“Continuamos lutando pela abertura total do presídio, e temos conseguido alguns espaços, como o banho de sol, quase que diariamente a toda semana procuramos realizar torneios de futebol, alguns amigos já estão saindo em suas faxinas extra-muros, com a promessa do Diretor, que depois do carnaval tirar algumas turmas, enfim, estamos conseguindo nossos espaços aos poucos, com muita disciplina e paciência.”

(Fragmento da carta do C.V., Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 1989)

Como visto anteriormente, o Comando Vermelho incorporou algumas táticas observadas durante a sua estadia com os presos políticos, como o comitê organizador, o fundo coletivo e o abaixo assinado. O comitê organizador era chamado de comissão de contato, ou seja, era constituída pelos representantes do grupo que negociavam com a direção e com outras figuras importantes. O fundo coletivo, mais conhecido como a caixinha era mantido graças às doações dos integrantes e da organização de dentro e de fora da penitenciária. Mais a frente haverá exemplos mais claros sobre a dinâmica da caixinha.

“Irmão, o Diretor Geral do Desipe, esteve aqui em cima, na quinta-feira passada dia 26.01, na oportunidade entregamos dois documentos, um pedindo a abertura do Prédio e com todas as *reiventações* de nossas necessidades e dificuldades, e outro pedindo a nossa “Festa de Natal”, que ainda não tivemos, a data pretendida é 25 e 26 de fevereiro. [...]”

(Fragmento da carta do C.V., Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 1989)

Na Ilha Grande sempre houve casos de violência e barbárie, e, com exceção dos presos políticos, a maior parte dos presos era pobre e analfabeta, não possuindo meios para se fazer ouvir. Porém os presos pela LSN possuíam um perfil diferente, como dito anteriormente. Em seus depoimentos eles fazem questão de ressaltar que não foram “convertidos” pelos grupos de esquerda.

“Havia pequenas bibliotecas dos próprios presos, e os pátios serviam como locais de encontro para a troca de idéias. Meu amigo Vandinho me passou *Os sertões*:

— Se você quiser conhecer a história do Brasil, não adianta ir à escola. Tem que ler Euclides da Cunha.

Euclides é para ser lido em voz alta, especialmente quando se está sozinho. Aprendi com ele o valor das palavras e o ritmo da língua. Fizemos um grupo de poesia e declamação e, com alegria, recebemos mais livros, enviados por Paschoal Carlos Magno, que nos incentivou o teatro. Naquela época os intelectuais se interessavam por coisas assim. Li cadernos de bispos do Nordeste, diversas cartilhas, Jorge Amado, Osny Duarte Pereira. Adorei Lima Barreto.”

(Lima, Willian da Silva, 1993 p. 36)

Eles já possuíam alguma educação formal, e tinham uma bagagem de leitura e conhecimento superior aos presos comuns da época.

“O livro de Régis Debray foi apreendido pela polícia no “aparelho” de José Saldanha--o Zé do Bigode--depois do maior tiroteio da história policial do Rio. Zé do Bigode era o número cinco da primeira liderança do Comando Vermelho e estava foragido da Ilha Grande. O livro ficou um bom tempo guardado na gaveta do diretor do Departamento de Polícia Especializada, enquanto o delegado Rogério Mont Karp pensava no que aquilo poderia significar. Quando o bandido morreu, o jornal O Globo publicou um editorial cobrando das autoridades uma ação mais enérgica contra esse novo tipo de bandido. Dizia o jornal, no dia 8 de abril de 1981: “Fica claro que a sua sofisticação [dos bandidos da quadrilha do Zé do Bigode] não se limitava ao tipo de armamento que usavam: sua periculosidade era, em consequência, muito maior. Usavam as técnicas da guerrilha, codificadas, na década de 60, por Marighela e Guevara. Aprenderam-nas, certamente, na cadeia, onde conviveram com terroristas de esquerda.”

(Amorim, Carlos. 2010 p. 47)

Com base nesse conhecimento, foi construído um coletivo conhecido como a “Grandiosa Família CV” que tinha por lema “Paz, Justiça e Liberdade”. Mas como lembrado pelo Willian Lima da Silva, o “professor”, esse lema não se aplicava para todos, era o lema dos sofridos. Paz para o coletivo, para os companheiros que resistem atrás das grades. Justiça, porque agora existia uma lei maior a ser seguida, a lei do CV. E por último a liberdade, a liberdade de pular o muro e fugir a qualquer preço.

“Amigos, esta semana, deveremos ter a confirmação da nossa “Festa de Natal”, na sequencia mandaremos ter a confirmação de nossa “Festa de Natal”, na sequência mandaremos um toque para vocês. Continuamos o nosso trabalho, pois a luta é árdua, só com muita União de toda a nossa Grandiosa Familia CV., poderemos recuperar todos os nosso espaços perdidos, nós aqui, estamos caminhando firme de encontro ao nosso objetivo, que é PAZ JUSTIÇA E LIBERDADE “

(Fragmento da carta do C.V., Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 1989)

Outro ponto marcante nas cartas da organização é a padronização da despedida. Elas terminam geralmente com o seu lema seguido da frase "... na certeza de que o mal jamais vencerá o bem", em referência ao sistema penal e aos seus "carrascos".

"Sem mais para o momento, na certeza de que o mal jamais vencerá o bem, segue um forte abraço a todos do Grupo e do Coletivo da nossa Grandiosa Família CV. –LEMM"

(Fragmento da carta do C.V., Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 1989)

Eles fazem uma inversão dos papéis de mocinho e vilão, essa inversão está relacionada ao lugar que eles ocupavam em um sistema de poder. Um exemplo disso foi quando o Willian Lima da Silva, o professor, conta a trágica história de Sergio Túlio Aché um dos seus companheiros da Falange. Tudo começa após a morte de Nelson Nogueira dos Santos, em uma greve de fome, no presídio da Água Santa por falta de suporte da direção. Sergio transtornado pela forma como o seu amigo morreu decide fugir, mais é pego pelos guardas. No meio da confusão ele rende um carcereiro e declara "Você não é uma pessoa ruim, mas é meu inimigo" e mata o homem, depois ele se dirige ao resto das pessoas que o observam e diz "Agora não vai ser um a zero não, vai ser um a um," em alusão a morte de Nelson. Pois se antes o seu amigo morreu, e o sistema não foi responsável, agora pelo menos ele faria justiça.

1.2 Carta de Número 2, com data de 5 de Julho de 1990 – Anexo 3 e 4

Além de informar as condições de dentro do presídio, a maioria das cartas analisadas na pesquisa, tinha como objetivo pedir o "fortalecimento" para alguma atividade ou festividade dirigida pela organização. O fortalecimento citado em tantas cartas significa um tipo de ajuda para reforçar, para prover algo em algum projeto ou intenção do grupo. A maior parte das cartas pede o *reforço* nas festas de datas comemorativas realizadas pelo grupo C.C.R.I., como a festa de carnaval, festa do dia dos pais, festa de natal e assim por diante.

“Amigo Irmão C.V. Beato Salú, O motivo pelo qual lhe enviamos este documento é para lhe por ciente que vamos realizar a nossa festa do Dia dos Pais nos próximos dias 18 e 19 de agosto, e pedimos à você que nos fortaleça, pois anteriormente não temos enviado documentos para você, porque sabemos que a polícia está encarnada na Mangueira e você está pedido, nessa condição fica difícil por falta de portador de confiança, no entanto, através de uma ideia com nosso Amigo Irmão C.V. Beto Careca da Bandeira 2 ficou resolvido que este documento chegaria em suas mãos, e ao mesmo tempo queremos agradecer à você de coração, pelo fortalecimento que você tem enviado para nossa Família C.V.”

(Fragmento da carta do C.V., Rio de Janeiro, 5 de Julho de 1990)

As festas realizadas pelo C.C.R.I são de fundamental importância, pois revelava se o grupo estava forte, coeso e organizado frente a administração do presídio. Apesar da influência e espaço que a organização conquistou dentro e fora do presídio, nem sempre as coisas eram tão fáceis. Às vezes a repressão era maior e mais violenta, fazendo-os perder algumas regalias que outrora os era comum. Como contado no trecho anterior, por vezes o grupo ficava incomunicável seja por falta de um portador de confiança ou pelo aumento na quantidade de policiais nas comunidades. Mais independente da sua situação, o poder e a influência da organização sobre a administração era notória como comenta em entrevista um ex-funcionário do IPCM:

“[...] a facção do comando vermelho quando ela se posicionou como comando vermelho e que eles assumiram o controle dessa cadeia, praticamente o diretor fazia o que eles queriam, dependia do diretor entendeu? Se eles queriam uma festa, chegava lá reunia a equipe botava o diretor “tem uma festa para o dia tal, queremos isso, queremos aquilo” entendeu? Então eles mandavam, “queremos assim, assim e assim”, a cadeia ficou de uma tal maneira que [...]o diretor ele não entrava nem mais na penitenciária[...].”

(Entrevista com ex-policiaI militar da IPCM)³⁰

³⁰ Entrevista feita em 15 de abril de 2011 com ex-policiaI militar que trabalhou no IPCM.

Como foi dito anteriormente, um aspecto importante a ser ressaltado é a construção do coletivo sob o nome da “Grandiosa Família C.V”.. Ao longo das cartas, sempre será mencionada o valor e apreço a esse ideal em comum, sendo frequente se referirem as comunidades em que mantém laço de família, Família CV. do “Morro da Mangueira” , do “Morro do Sampaio”, do “Morro do Tuiti”. Pois essa forte ideia de coletividade e de união por laços fraternais levou a outro lema comumente encontrado nas correspondências “Família unida jamais será vencida”. Ou seja, para que a organização se mantenha forte, não deve haver dissensões entre os integrantes. Apenas unidos eles são fortes contra o mal que é o sistema e seus agentes.

“Terminamos enviando o nosso Forte abraço, o Grupo do C.C.R.I. da Ilha Grande, juntamente do Forte abraço de toda Família C.V. da Ilha Grande ,à vocês e à toda Família C.V. do Morro da Mangueira.
FAMÍLIA UNIDA JAMAIS SERÁ VENCIDA.
O MAL JAMAIS VENCERÁ O BEM.
PAZ * JUSTIÇA * LIBERDADE “

(Fragmento da carta do C.V., Rio de Janeiro, 5 de Julho de 1990)

1.3 Carta de Número 3, com data de 10 de Julho de 1990 – Anexo 5; Carta de Número 4, com data de 22 de Junho de 1991 – Anexo 6 e 7

Neste tópico serão analisadas duas cartas a fim de melhor compreender como funciona a entrada de drogas e outros itens dentro do IPCM, assim como a dinâmica em torno dos visitantes e dos portadores de confianças da organização.

“Amigo Irmão C.V. Bocão, o motivo pelo qual te envio este documento é para te por ciente de que recebemos o fortalecimento que você nos enviou através de nossa Amiga Irmã C.V. D. Janete, esposa de nosso Amigo Irmão C.V. Cabeça Preto.

Aproveito a oportunidade para te comunicar que vamos realizar a nossa Festa do Dia dos Pais nos próximos dias 18 e 19 de agosto, e na medida do possível o que você puder fazer pela gente, agradecemos de coração. Nossa Amiga Irmã C.V. D. Janete é portadora de nossa confiança para qualquer comunicação.”

(Fragmento da carta do C.V., Rio de Janeiro, 10 de Julho de 1990)

As ordens da liderança ou os pedidos de fortalecimentos eram autorizados por cartas que entram entregues a um portador de confiança, geralmente a esposa de alguém detento que estava de visita. Esta entregava a carta com o pedido da liderança a algum chefe do morro ou da boca, assim que era liberado o portador o como era vulgarmente chamado, a “mula”, faria uma nova visita trazendo a encomenda. Existiam muitas alternativas para as encomendas chegarem às mãos dos integrantes, quando não era por suborno aos guardas e policiais As drogas geralmente eram escondidas no ânus ou na vagina, como relata o ex detento da Ilha Grande :

“É a mula.. então de maneira que aqui entrava por fora.. as mulas traziam tá compreendendo? E também os afeminados e quer dizer, assim sucessivamente. Mas nós tínhamos a guarda feminina para poder revistar as mulheres e tem os guardas masculinos para revistar também [...]. Vou falar o português certo, português claro, as mulas, as mulheres trazem a maconha na vagina e os homens que é masculino e *viado*, bota a maconha no ânus. Enfia no ânus, passa na revista, ninguém revista aquilo mesmo, as mulheres são outra coisa, as mulheres metem o dedo lá e desentoca entendeu?”

(Entrevista com ex-presos do IPCM)³¹

Porém nem sempre o transporte era tão tranquilo como esperavam. Os visitantes aguentavam uma viagem de barco demorada de Mangaratiba e ainda depois ainda enfrentavam a viagem de estrada até Vila Dois Rios.

“Umas passavam mal aqui dentro aí as irmãs [freiras] tinham que tirar o negócio de dentro delas. Só que elas não falavam nada para a segurança. Elas entravam e tinha um a mulher passando mal,

³¹ Entrevista realizada em 24 de Fevereiro de 2011 com ex-presos do IPCM , como parte da pesquisa Violência e Barbárie nas Prisões da Ilha Grande, coordenada pela prof^a. Myrian Sepúlveda dos Santos

iam lá tiravam o “troço” lá e muitas vezes não entregavam. Faziam a parte dela, mas não comunicava aquilo ali para a segurança. Muitas passavam mal mesmo, porque as vezes a quantidade era muita. O tempo também que elas vinham de Mangaratiba e chegavam no Abraão, ficava aquele tempo todo, até pegar a condução. Então vinha passando mal. Aí as irmãs avisavam que *inha* mulher passando mal, diziam até que estavam grávidas. Mas não estavam não! Era pra tirar o “negócio”.

(Entrevista com ex-policia militar da IPCM)³²

Além do risco de ser confiscada a encomenda, outros problemas mais sérios poderiam acontecer durante esse processo. A visita, o informante, alguém da boca ou até mesmo a mula poderiam usufruir indevidamente da encomenda. Neste caso quando era descoberto o traidor, o mesmo era sentenciado pelo grupo de acordo com a sua falta. Caso não fosse pego fora e caísse na cadeia a ordem era matarem o farsante. Em uma das cartas mais a frente será analisada mais minuciosamente um caso em que ocorre um problema de comunicação entre a liderança e a boca por culpa de um intermediário. Relatando como a organização reage diante de tal situação.

Em uma das entrevistas um ex funcionário se queixa da situação afirmando que a entrada de drogas teria aumentado quando acabaram com a censura dentro do presídio. Apesar dos empecilhos não há dúvida que as encomendas chegavam com frequência ao seu destino. Nas cartas, os integrantes se referiam a droga (cocaína?) como “Branco”.

“Amigos Irmãos C.V. o motivo pelo qual lhe enviamos esse documento é para lhe por cientes de que agradecemos de coração por todos fortalecimentos que tem nos dado, inclusive aproveitamos a oportunidade para expor que recebemos o fortalecimento (branco) que vocês nos enviaram na festa das Mães. Valeu, pois até quem não é de cheirar cheirou.”

(Fragmento da carta do C.V., Rio de Janeiro, 22 de Junho de 1991)

³² Entrevista feita em 15 de abril de 2011 com ex-policia militar que trabalhou no IPCM.

1.4 Carta de Número 5, com data de 14 de Outubro de 1990- Anexo 8 e 9

Antes da formação da Falange Vermelha a lei que prevalecia dentro da cadeia era a lei do mais forte, onde era “cada um por si e Deus por todos”. A fim de combater essa visão o grupo se uniu em torno de um coletivo, os interesses pessoais e as intrigas particulares deveriam ser deixados de lado. Como a união fez a força, esse era um ponto imprescindível. Willian Lima da Silva em seu livro conta um caso que aconteceu no início da organização, quando um dos companheiros do coletivo rompeu o pacto de não violência estabelecido entre eles , assaltando um conhecido. Esse tipo de atitude foi visto como uma postura desafiadora perigosa para a coesão do grupo.

“Que fazer? Aceitar sua impunidade seria uma confissão de fraqueza, desunião e pusilanimidade. Por outro lado, a única punição passível de ser sustentada com êxito era a mais radical e definitiva de todas: a morte. Ao contrário dos poderes constituídos, não teríamos autoridade para executar qualquer outra pena ou castigo. Que fazer?”

(Lima, Willian da Silva, 1993 p. 68)

A organização não poderia permitir esse tipo de comportamento desafiador opositor e agiu de forma rápida e eficaz, matando o seu desertor. A morte do companheiro que burlou a nova lei imposta pelo grupo era um recado que o grupo não estava ali para brincadeiras.

“Nesses momentos críticos é que a vida de um coletivo qualquer se põe à prova. Em nosso caso, o cadáver do preso assaltante, retirado ainda ensanguentado e quente, pelos guardas, ao longo das galerias, anunciou a toda Ilha Grande que não estávamos intimidados, nem rendidos, nem brincando. Quem, diante de nós, quisesse manter os velhos hábitos das cadeias — estuprando, assaltando e matando —, que se preparasse para enfrentar consequências.”

(Lima, Willian da Silva, 1993 p. 68)

A premissa do interesse do coletivo acima dos problemas pessoais continuaria forte nos anos seguintes. Em uma das cartas, um dos integrantes do grupo, Roberto da Bandeira 2 terá um desentendimento com um membro da organização. Em uma carta o líder do C.C.R.I. da época, Chiquito, informa que o grupo já está ciente do desentendimento que ocorreu o que essa situação os “causa tristeza”. A carta continua com um tom de compreensão, porém eles lembram que os integrantes da Grandiosa Família C.V devem ser “fortes e superar os momentos difíceis”.

“Amigo Irmão C.V. Roberto da bandeira 2, o motivo pelo qual lhe enviamos este documento é para lhe por ciente de que recebemos a triste noticia através de nosso Amigo e Irmão C.V. [...] do *desarcerto* que está acontecendo com você, isso é uma noticia que causa *tristesa* à todos nós, pois quando nossos Amigos Irmãos se encontram nesta situação, aqui ficamos abalados pois sabemos o que é passar por uma situação dessa, porém temos que ser fortes e superar os momentos difíceis, pois a corrente que é a Família C.V., torcemos todos pelo seu bem estar e de seus familiares e por sua liberdade. Pedimos à Deus e as crianças que o protejam.[...]Nossos Votos são os de que voce supere seus problemas o mais breve possível e que Deus lhe ajude para isso .”

(Fragmento da carta do C.V., Rio de Janeiro, 14 de Outubro de 1990)

Foi bem recorrente nas cartas analisadas o discurso de superação das diferenças e dificuldades em nome da coletividade. Utilizando um tom de forma apaziguadora, eles mandavam seus sentimentos em nome do “Coletivo C.V da Ilha Grande” suscitado em seu discurso a força dos laços fraternais que os uniam.

1.5 Carta de Número 6, com data de 6 de Novembro de 1990 – Anexo 10

Como a área de influência do Comando Vermelho era muito extensa de tempos em tempos acontecia de eles ficarem sem notícia de alguma parte da Família C.V., de algum do morro da organização. O contato e a manutenção dos laços era algo de grande importância, sendo frequentemente cobrado pelos integrantes do grupo.

“Pedimos à vocês para se comunicar com a gente , pois estamos desligados em termos de comunicação com a Família C.V. do Morro do Pavão, e isso não pode acontecer, pois os Amigos cobram de nós por que não nos comunicamos com nossa Grandiosa Família do Morro do Pavão. “AGUARDAMOS NOTÍCIAS URGENTES [...] FAMÍLIA UNIDA JAMAIS SERÁ VENCIDA, O MAL JAMAIS VENCE O BEM.”

(Fragmento da carta do C.V., Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1990)

O contado era uma parte importante do trabalho da liderança, as cabeças da organização formavam o chamado “Comando Maior do C.V.” e informação era algo indispensável. Os chefes de sempre estavam em contato com os gerentes da boca e os líderes da favela, formando uma rede de informação preciosa. Em uma entrevista, o chefe de disciplina do antigo IPCM reclama da falta e ineficiência da circulação de informação dentro da própria polícia “A dificuldade, realmente na polícia. É justamente isso, que não havia aquela união. Quantas vezes eu dei informação aqui da P2 aqui, a P2 mandava pro batalhão lá em baixo e...morria”*. Ou seja, o Estado enfrentava pela primeira vez uma organização criminosa organizada.

1.6 Carta de Número 7, com data de 17 de Março de 1991 – Anexo 11 e 12

A última carta a ser analisada foi escrita pelo líder do coletivo na Ilha Grande, Chiquito, que relata o caso de um problema de comunicação devido a traição de intermediário – um portador de confiança. Como dito anteriormente o

portador entregava o pedido – que era feito por via de cartas carta - à boca de fumo e o chefe liberava a droga para a entrega. Porém existiam casos em que o intermediário se aproveitava da falta de comunicação e pegava recursos em nome de outros para seu próprio benefício.

“Amigo Irmão C.V. Eraldo, o motivo pelo qual lhe envio este documento é para te por ciente de que chegou ao meu conhecimento erro cometido pela minha companheira Léia. Portanto, quero saber de você quem te autorizou a dar cocaína, dinheiro a minha companheira Léa, sem a minha autorização e o meu conhecimento. Tenho responsabilidade com o Comando Vermelho e sou presidente do Grupo do C.C.R.I. Quando foi pedido algum fortalecimento à você para o coletivo C.V. da Ilha Grande, foi pedido em documento assinado pelo Grupo C.C.R.I. e não em meu nome. Nunca mandei a minha companheira Léa ir na Rocinha apanhar tóxico e dinheiro com vocês para mim. É do meu conhecimento que foram apanhadas várias vezes coberturas de tóxico e dinheiro em meu nome, pela minha companheira Léa e pelas esposas de outros companheiros sem conhecimento do Comando Maior C.V.. “

(Fragmento da carta do C.V., Rio de Janeiro, 17 de Março de 1991)

No trecho acima, Chiquito pede satisfação a um dos chefes do morro por conta da liberação de recursos indevidos, lembrando que o pedido nunca é feito apenas em nome dele, mas em cartas despachadas pelo C.C.R.I. e com a assinatura dos companheiros. Por esse motivo é importante o tom de formalidade e de comprometimento como as regras da organização.

“Você está liberando cocaína e dinheiro para quem não está autorizado por mim, usando o meu nome. Portanto, está errado. Você não pode liberar nada sem a minha autorização para quem chegar usando o meu nome, seja quem for [...] Pois para eu enviar um portador à vocês para pedir cobertura, eu teria feito oficialmente, através de documento assinado pelo Grupo do C.C.R.I. e carimbado. Então se for qualquer pessoa pedir cobertura em meu nome, não atenda.”

(Fragmento da carta do C.V., Rio de Janeiro, 17 de Março de 1991)

Outro ponto importante é o respeito e a consideração com o Comando Maior do C.V.. Chiquito ao saber dos problemas que a sua companheira

causou, fez questão ter conhecimentos de todos os erros que dela a fim de dar satisfação a liderança maior do Comando, assumindo a sua responsabilidade.

“ É de meu conhecimento que minha companheira Léa praticou erros gravíssimos no Morro e você é ciente, portanto, peço à você que me ponha ciente de tudo o que aconteceu para eu poder assumir os erros de minha mulher e dar satisfação ao Coletivo C.V. da Ilha Grande, assim como à toda Família C.V. pois são erros sérios e graves e se não tiver pureza no esclarecimento, dá a entender que é traição: O MAL JAMAIS VENCERÁ O BEM.”

(Fragmento da carta do C.V., Rio de Janeiro, 17 de Março de 1991)

Nem todo intermediário que traía os interesses do Comando tinha a sorte de ter alguém influente para interceder pela causa. Geralmente, quando o sujeito era descoberto, a ordem era matar o portador desleal. Muitos fugiam, porém se fosse preso e caísse na prisão, já sabia do seu destino.

“Então a visita aqui nossa levava um “catatal” escrito para ir no morro tal pegar ou mandar para cá o tóxico e mandar dinheiro para as bocas lá fora, sendo que tinha pessoas que iam e pegavam o responsável lá fora para encaminhar,mas não encaminhava, embolsava. Mas eles não pensavam que um dia poderiam cair aqui, então esse que embolsou quando menos esperava, caía em contradição e caía aqui. Chegando aqui tinha alguém para cobrar dele o que mandou pedir lá fora, sendo que ele mandou pela visita de preso o pedido, a visita volta aqui novamente e ela diz “eu mandei o pedido por fulano ” e então eles vão cobrar delas. Elas vão ter que usar seus recursos e lá fora ela mandou avisar os outros para diz que mandou, que despachou, mas não chegou. Então quando chegar aquela pessoa que pegou e vez de ser cobrado lá fora, era cobrado aqui dentro. Então qual era o regulamento? Matar.”

(Entrevista com ex-presos do IPCM)³³

³³ Entrevista realizada em 11 de dezembro de 2010 com ex-presos do IPCM , como parte da pesquisa Violência e Barbárie nas Prisões da Ilha Grande, coordenada pela profª. Myrian Sepúlveda dos Santos

CONCLUSÃO

Durante a ditadura militar, com a entrada do presidente “linha dura” Costa e Silva a repressão contra os opositores do sistema se acirrou. Em setembro de 1969 foi promulgado o Decreto-Lei N°898, mais conhecido como a lei de segurança nacional. O Art.nº27 condena severamente *“Assaltar, roubar ou depredar estabelecimento de credito ou financiamento, qualquer que seja a sua motivação”* fazendo com que assaltantes de bancos comuns e grupos guerrilheiros da esquerda fossem enquadrados na mesma lei e enviados ao presídio da Ilha Grande. Isolados da massa carcerária na 2º galeria B do IPCM, os assaltantes de banco enquadrados pela LSN passaram a conviver com os presos políticos, aprendendo suas táticas e estratégias de organização e luta.

Apesar de esse contado ser de suma importância para o nascimento da Falange Vermelha, ele por si só não possibilitaria a criação do grupo. A convivência entre presos políticos e comuns não é algo inédito no Brasil, ocorreu também na Ilha Grande no final na década de 30 durante o Estado Novo. A diferença principal entre esse contato durante a ditadura de Vargas e a ditadura Militar está no perfil dos presos da LSN. Os presos comuns da era Vargas eram em sua maioria homens analfabetos e de baixa renda, enquanto os assaltantes de banco da LSN era um grupo mais instruído e oriundo de uma classe média.

Seus crimes eram mais bem planejados do que os assaltantes comuns, eles sabiam o tempo dos sinais de trânsito, ou quanto tempo uma viatura demorava chegar ao banco e o horário de chegada do carro forte. Ao chegar à Ilha Grande, muitos presos já tinham uma carga extensa de leitura dos grandes clássicos de esquerda. Todos esses elementos, que os diferenciavam dos presos comuns, possibilitaram a criação de um grupo diferenciado de presos comuns que se organizaram entorno de um coletivo para combater as injustiças dentro e fora dos muros da prisão.

Dentro do IPCM houve grande repressão e violência o que fez com que os presos políticos se organizassem: greves de fome, abaixo assinados,

denúncias formais, todas essas estratégias foram usadas para combater as arbitrariedades da direção do presídio. Essa união e organização dos subversivos permitiram avanços para a melhora de suas condições intramuros. Tais ações não passaram despercebidas pelos criminosos comuns da LSN, que entenderam que a força deles estava na união.

Com a pressão da população para a criação da lei de anistia, os presos políticos passaram a ser transferidos para o continente e os assaltantes da LSN foram incorporados a massa carcerária. Mesmo com o fim do isolamento os ideais de um coletivo forte que protegeria o preso e combateria as arbitrariedades da direção de presídio não acabaram. O grupo se uniu e criou a Falange Vermelha, o grupo tinha por objetivo transformar as regras de convivência dentro da prisão. Era proibido roubar, estuprar e matar por motivos pessoais, as desavenças entre os companheiros deveram ser resolvidas fora da prisão e não dentro dela.

Nem todos aceitaram as novas regras e muitos morreram nas mãos da Falange Vermelha, mas não demorou muito até que esse coletivo prevalecesse dentro da cadeia. A falange fez o que o governo não conseguiu fazer, proteger o preso dentro da cadeia e dar suporte aos seus familiares. O grupo tinha adesão dentro e fora dos muros, além de conquistar a simpatia da população carente das comunidades carentes. Se não conquistou a todos, pelo menos obteve o silêncio e a proteção dentro das favelas onde decidiu se territorializar.

BIBLIOGRAFIA

ALVAREZ, Marcos César. **A Criminologia no Brasil ou como Tratar Desigualmente os Desiguais**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 45, n. 4, 2002

ALVAREZ, Marcos César. **Bacharéis, Criminologistas e Juristas. Saber Jurídico e Nova Escola Penal No Brasil**. São Paulo: Método 2003.

AMORIM, Carlos. **Comando Vermelho: A História Secreta do Crime Organizado**. 3ª edição. Rio de Janeiro, Record, 1993.

AMORIM, Carlos. **Cv-Pcc: A Irmandade do Crime**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BRETAS, Marcos Luis. **História das Prisões no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco 2009

CANCELLI, Elizabeth. **O Mundo da Violência – A Polícia da Era Vargas**. 2ª edição. Brasília: Universidade de Brasília 1994.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão**. RJ: Zahar Ed 1979.

FREITAS, Alípio de. **Resistir é Preciso**. Rio de Janeiro, Record, 1981.

FRY, Peter & CARRARA, Sergio. **As Vicissitudes do Liberalismo no Direito Penal Brasileiro**. Revista Brasileira de Ciências Sociais 2, nº1 1986

FRY, Peter. **Direito positivo versus direito clássico: A psicologização do Crime no Brasil no Pensamento de Heitor Carrilho**. In A cultura da psicanálise, ed. Servulo Figueira. São Paulo: Brasiliense 1985.

GABEIRA, F. **O Que é Isso Companheiro?** Rio de Janeiro. Editora Guanabara, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. SP: Ed. Perspectiva 1974.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2006

LIMA, William da S. **Quatrocentos Contra Um: uma história do Comando Vermelho**. 2. edição, São Paulo: Labortexto Editorial, 2001

LEMONS, José Gabriel Britto. **Os Sistemas Penitenciários do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. Vol. 1. 1924

MISSE, Michel. Malandros, **Marginais e Vagabundos: A acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia do IUPERJ, 1999.

NORA, Pierre. Entre a **Memória e a História: A Problemática dos Lugares**. Projeto História, nº10 1993

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. 2ª. edição. São Paulo: Livraria Martins Editora 1953.

RAMALHO, José Ricardo. 1983. **O Mundo do Crime**. Rio de Janeiro: Edições Graal.

REZENDE, Maria José de. **A Ditadura Militar no Brasil: Repressão e Pretensão de Legitimidade: 1964-1984**. Editora Londrina 2013.

SALLA, Fernando. **As Prisões em São Paulo: 1822-1940**. São Paulo: Annablume 1999.

SOUZA, Mirella Bravo de. **O Fluxo Narrativo de Personagens Criminais: Um estudo das 'estórias' jornalísticas sobre Lúcio Flávio Vilar Lírio e Leonardo Pareja**. Dissertação apresentada no programa de Comunicação da Universidade Federal Fluminense em 2006

VALLES, Miguel S. Técnicas **Cualitativas de Investigación Social: Reflexión Metodológica y Práctica Profesional**. Editora Síntesis S.A. 1999.

WACQUANT, Loïc J. D. **As Prisões da Miséria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001^a.

WACQUANT, Loïc J. D. **Os Condenados da Cidade**. Rio de Janeiro: Revan, FASE 2001c.

WACQUANT, Loïc J. D. 2001b. **Punir os pobres: A Nova Gestão da Miséria nos Estados Unidos**. Coleção pensamento criminológico v. 6. Rio de Janeiro, RJ: Freitas Bastos Editora 2001b.

PERIÓDICOS

A CRESCENTE tensão de um sistema deteriorado. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1987, p. 16

ARSENAL é Recolhido entre presos da Ilha Grande. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1983, p. 8

ASSASSINADOS em um dia 6 presos na Ilha Grande . *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 19 de Setembro de 1979, p. 13

BANDIDOS da 'falange' preparam fuga de chefes'. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1987, p. 24

BANDIDOS da 'Falange' presos tinham até fardas da polícia. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1981, p. 17

BANDIDO que preparou fuga visitou 'Gordo' horas antes. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1987, p. 14

'CHEFÃO' da 'Falange Vermelha' retona à Ilha Grande . *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 7 de Julho de 1983, p. 15

CINCO presos feridos em tiroteio na Frei Caneca . *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 14 de Agosto de 1987, p. 11

'COMANDO Vermelho': a máfia dos cárceres. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 16 de Abril de 1989, p. 22

'COMANDO' roubou 937 mil tiquetes de leite. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 5 de julho de 1989

DESIPE investiga ação de grupos que estimulam fugas. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 8 de Julho de 1983, p. 8

DIRETOR da ilha Grande foi exonerado por torturar. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 4 de Janeiro de 1979, p. 20

DIRETOR da ilha Grande revela o desaparecimento de 36 detentos. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 27 de Junho de 1987, p. 14

DESIPE investiga ação de grupos que estimulam fugas. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 8 de Julho de 1983, p. 8

DEZ guardas faltam no dia da fuga de 'Escadinha'. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 8 de Dezembro de 1986, p. 9

UM DETENTO morto e 11 Feridos na tentativa de fuga. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 9 de Novembro de 1983, p. 7

EM REALENGO, cercado e preso membro da 'Falange Vermelha'. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 8 de Abril de 1981, p. 8

'ESCADINHA' usa helicóptero para fugir da Ilha Grande. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 2 de janeiro de 1986, p. 13

ILHA Grande – Um paraíso sem infra estrutura. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1976, p. 8

EXÉRCITO vai à Mangueira e prende traficantes. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1987, p. 11

'FALANGE' entra em greve de fome. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 18 de Dezembro de 1986, p. 15

FALANGE leva guerra ao São Carlos. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 22 de Abril de 1988, p. 11

'FALANGE' e 'Jacaré' Impedem projeto agrícola para presos. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 9 de julho de 1984

'FALANGE' e 'Jacaré' suspendem matança nos presídios. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 8 de Julho de 1984, p. 26

'FALANGE' mata sete nos presídio. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 1 de Novembro de 1988, p. 10

'FALANGE Vermelha' mata mais cinco. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 2 de Novembro de 1988, p.11

'FALANGE Vermelha' quer pagar reforma de presídio. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 21 de junho de 1987, p. 21

FRACASSA fuga por túnel no Presídio Ary Franco. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 17 de Setembro de 1987, p. 17

FUGA por túnel falha em Água Santa. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 7 de Abril de 1989, p. 10

GOVERNO isola chefes para acabar com 'Falange'. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 11 de Setembro de 1987, p.8

GUERRA de 'falanges' faz surgir na prisão o grupo '3º Comando'. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1983, p. 17

ILHA Grande – O paraíso perdido sob o certo do progresso.. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1977, p. 38

ILHA Grande vai ser cidade turística com hotel-prisão. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1972, p. 8

MULHERES Temem pela vida de presos da Falange . *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 18 de Setembro de 1986, p. 15

MORTE de 'Meio Quilo', polêmica entre hospitais. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 1 de Setembro de 1987, p. 15

PRESOS do 'Comando' Fogem da Frei Caneca. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1989, p. 14

NA ILHA Grande, a vida não mudou. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 8 de Fevereiro 1976, p. 10

NOVA rebelião em Água Santa. Fogo foi o sinal. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 15 de Dezembro de 1986, p. 8

OITO presos são mortos a facadas na Ilha Grande . *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 14 de Setembro de 1983, p. 13

PENAS da 'Falange' vão aumentar. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 4 de Novembro de 1988, p. 13

PM domina revolta da 'Falange' no Ary Franco. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 27 de Abril de 1987, p. 9

PMs substituem guardas em greve nos presídios. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1987, p. 7

POLÍCIA: 'Falange' recebe dinheiro de traficantes. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 9 de Abril de 1981, p. 13

POLÍCIA põe na rua 300 agentes para caçar 'escadinha'. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 3 de Janeiro de 1986, p. 9

POLÍCIA revela quem são os 50 fugitivos que assaltam no Rio. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 10 de Abril de 1981, p.11

PRESIDIÁRIO enforcado dentro de ônibus do Desipe. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 25 de Setembro de 1986, p. 15

PRESÍDIO é o terror dos moradores da Ilha Grande. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 19 de Janeiro de 1987, p. 9

PRESO do bando da 'Falange' com advogada de 'Escadinha'. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 19 de Abril de 1985, p. 15

PRESO em Niterói 'Mimoso', Chefe da 'Falange Vermelha'. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 22 de Abril de 1981, p. 8

PRESO revela quem fornece armas à 'Falange Vermelha'. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 11 de Abril de 1981, p. 13

PRESO um dos ladrões dos tíquetes de leite. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1989, p. 14

PRESOS: Major comanda Torturas na Ilha Grande *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 17 de Dezembro de 1981, p. 14

PRESOS ou soltos, eles controlam o tráfico no Rio. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 26 de Julho de 1987, p. 22

PRESOS temem veneno e mantêm greve de fome. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 21 de Agosto 1986, p. 15

PROMOTOR traz da Ilha presos ligados a Mariel. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 07 de Fevereiro de 1976, p. 11

PUNIÇÕES começam na Frei Caneca e até mantimentos são confiscados. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 3 de novembro de 1988, p. 14

QUADRILHA assalta banco e diz que é da 'Falange'. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 10 de Abril de 1981, p. 11

QUINZE feridos em rebelião no presídio Ari Franco. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 14 de Dezembro de 1986, p. 29

RIO concentra ladrões especializados em bancos. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 13 de julho de 1986, p. 27

TRANSFERIDO para ilha Grande detentos da 'Falange'. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1983, p. 15

UMA REBELIÃO com muitas causas e uma interrogação: para onde irão os presos da Ilha Grande? *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 22 de Março de 1979, p. 37

UM DETENTO morto e 11 Feridos na tentativa de fuga. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 9 de Novembro de 1983, p. 7

VOLTA à Ilha Grande será a minha sentença de morte. *Jornal o Globo*, Rio de Janeiro, 18 de Abril de 1976, p. 21

APÊNDICE A - ENTREVISTA 1

Realizada em 24 de fevereiro de 2011 com ex detento do IPCM , como parte da pesquisa *Violência e Barbárie nas Prisões da Ilha Grande*, coordenada pela Prof^a. Myrian Sepúlveda dos Santos

Transcrição: Inoã Urbinati (primeiros 41 minutos) e Yasmim Issa (a partir dos 41 minutos)

Wesley: Que dia é hoje? Hoje é dia 24 né?

Yasmim: É, hoje é 24. O senhor quer sentar?

[Início; o grupo se instala e dá início à entrevista]

Yasmim: Mas então, da Madame Satã, o que que o senhor lembra? O senhor lembra como ele era? Madame Satã?

Yasmim: Ele era alto, baixo?

Entrevistado: Ele tinha assim meu corpo, mais alto um pouquinho, né, mais claro um pouquinho, que ele era todo... ele era baiano, e de maneira que é assim, o tipo dele. E de maneira que... então, eu fiz uma duas ou três viagens com ele lá embaixo, que minha cadeia de origem é essa aqui em cima, é a colônia agrícola, tá entendendo? Tava até falando sobre isso ontem, um pouquinho... e hoje tava falando aqui com o Bira aquilo lá, a respeito de... Um rapaz, ele entrou para a Guarda agora há pouco tempo e já era da... e eu sou da época que aqui era federal, então a disciplina era tudo diferente, e ele *antão* ontem, conversando comigo, fui mostrando uma parte do passado pra ele, quando cheguei aqui, e de maneira que... e assim sucessivamente. E até, eu também tava fazendo um livrinho com a Myrian, aí, eu cheguei (vim até) ???? quando cheguei a (ouvir)???, encerrou, não deu pra terminar, que acabou o filme...e também acabou a história, e de maneira que não deu pra chegar aqui embaixo...senão eu ia por passo a passo, que eu falei pro cara ontem também, entendeu? Porque tava falando sobre minha vida pregressa, e tá fazendo um livro, e de maneira que, *antão* conto essas histórias. Mas vamos à tua... Da Madame Satã. A Madame Satã, ela viajou comigo umas duas ou três vezes, lá pra baixo do Rio, e de maneira... conversei com ela, porque, quando ela veio *praqui*, eu ainda me achava na rua, em liberdade. Eu nem pensava em ir pra cadeia. (Ela)??? tava chegando aqui...

Wesley: Ah, então foi lá fora que a senhora conheceu ela?

Entrevistado: Não, conheci aqui dentro.

Entrevistado: Sendo que ela, viajando juntos, ela ia pra penitenciária, e fomos conversando na embarcação, a respeito do passado, e de maneira que aí eu fui acompanhando as histórias dela e tudo mais, e ela me contou um pedacinho da vida dela, porque que ela veio parar aqui, tá compreendendo? Porque eu também contei um pedacinho da minha, tem um motivo. E de maneira que... *antão*, sobre isso, eu sei falar alguma coisa a respeito. E ela não teve aqui em cima na minha época, não. A cadeia dela de origem é lá embaixo, no Abraão, na Penal, sendo que no período do... quando acabou a cadeia, (quando acabou a cadeia) eu tava lá embaixo no Rio e ela veio *praqui*. Acabou a cadeia lá embaixo, a Penal, ela veio *praqui*. Nesse período, eu tava na rua fugido, (eu tava na rua fugido). Quando eu cheguei, ela já tinha ido embora da rua, e assim sucessivamente, né. Mas eu tenho um pedacinho da história dela.

Wesley: Foi entre 51, 58?

Entrevistado: Não, eu fugi...eu fugi em 60, voltei em 64. Aí já não encontrei mais ela aqui, entendeu? Foi em 60 que a gente teve uma palestra, né, 60, penitenciária.

Yasmim: Mas o que é que a Madame Satã te contou, da vida dela?

Entrevistado: Da vida dela é o seguinte: por aqui, alguma coisa... Ela trabalhava, ela veio pra cá, de uma limpada, de uma briga na Lapa. Ela deu um chaga no cabaré, *antão*, teve uma briga na Lapa, ela pegou, teve lá uma parte na briga, e nessa briga, entrou um detetive no meio, ela fez uso de uma arma que tava ali em cima que era uma navalha. Aí meteu a mão na navalha e o detetive entrou na frente, mas quando ele viu a navalha, ele pulou pela janela, e ela acompanhou o lance e deu uma navalhada nas nádegas dele.

Os entrevistadores: (risos)

Entrevistado: De maneira que... sendo que essa navalhada que ela deu nas nádegas dele, *antão*... esqueci o modo como se fala, de arma branca... De acordo com o local, ela... é um crime doloso, compreendeu? Quer dizer, no rosto, nas nádegas, quer dizer, e ela deu nas nádegas tanto que foi crime doloso, e *antão* ela pegou uma cadeia *meia* grande. Veio parar aqui na colônia através dessa navalhada que ela deu no detetive, tá compreendendo? E, derivado também da...tava numa briga, aí foi pra juízo, enrolou mais alguma coisa, aí teve uma penazinha meio violenta, porque naquela época só vinha pra cá quem tinha mais de dez anos de cadeia, assim sucessivamente.

Wesley: Por aqui na...

Entrevistado: É, aqui e lá embaixo.

Wesley: Ah, os dois?

Entrevistado: É, e na Penal. E de maneira que esse pedacinho ela me contou, *antão*...

Yasmim: Mas e as histórias daqui, e no carnaval? Todo mundo falava que no carnaval ela gostava de sair.

Entrevistado: *Antão*, no carnaval, aí já é uma história diferente, por motivo que...eu me dou... vamos dizer, eu estudei um pouquinho de música, *antão*, quando nós ia lá embaixo tocar música no clube lá embaixo, no carnaval, eu ia com o pessoal... ??? tá compreendendo? Fazia parte da música, e nós tinha lá embaixo... na penitenciária, aula de música, que também tinha professor, mestre, tinha tudo. E de maneira que então que eles falaram pra mim a respeito que ela gostava de dançar ballet, gostava porque a... lá mar, no hotel com mar, com tranquilidade. Aqui na dona Jurema, nas Palmas, no hotel das Palmas. Aí a Dona Jurema pedia... ??? Então ela ia lá fazer a (visitação)??? quando começava... pessoal tudo gosta dele...então, isso aí é contado pelo pessoal do local. E também eu tenho uma fita, que até inclusive tá lá embaixo, na Ilha do Governador, um documentário que eu fiz, que também tá essas histórias, o documentário. Porque foi a Nair Matoso, do Abraão, que fez também o documentário comigo, sobre aqui a ilha, sobre o trabalho na horta, etc. ??? pedacinho de história.

Wesley: Mulher do seu Natalino, não é?

Entrevistado: Justamente, a dona Nair Matoso. Então...

Yasmim: A gente tava querendo entrevistar ela, mas parece que ela foi pra Angra, que ela tava meio doente.

Entrevistado: Dona Nair, tem tempo que não vejo ela. A gente tem assim uma fita em conjunto. E de maneira que, até me dou muito com ela, porque... no Abraão, morei oito anos, entendeu, numa casa modesta, e de maneira que então eu conheço esse pessoal todinho ali...

Wesley: O senhor é famoso lá.

Wesley, Yasmim e Entrevistado: (risos)

Entrevistado: É porque é o seguinte... um período aí que a criançada vinha todo dia lá da escola... eu sou cozinheiro *estufador* e o comandante ainda tava vivo quando tinha a feira da escola, aí mandava, né, fazer salgadinho, e tudo mais, pra criançada da escola, dar um apoio, fazer a festinha deles. *Antão* de maneira que, todo mundo me conhece, pessoal do passado.

Yasmim: No livro da Madame Satã, ela fala de um soldado Vasconcello, o senhor já ouviu falar? Falaram que era um cabra mal, mal, mal, que botava os presos no formigueiro, que mandava até cantar! O senhor se lembra dele?

Entrevistado: Esse eu não *alembro* e nunca ouvi falar.

Yasmim: Nunca ouviu falar não?

Entrevistado: Mais pra poder encher página de jornal, isso é um pouco fora da... pessoal inventa nome, inventa coisas, né. E eu já sou diferente, eu não gosto de inventar com as palavras...

Yasmim: Mas ele falou que tinha um castigo, Castigo do Ganso, o que que era isso?

Entrevistado: Castigo do Ganso? Bom, aqui tinha um guarda, chamado... Milton Lopes. Mas disseram que... tinha um burro, todo mundo aqui tinha burro, então botaram o burro dele de Ganso, *antão* inclusive, eu trabalhei com ele três dias na estrada, e depois saí, vim pra casa do diretor, (fui falar com ele)??? , na casa do diretor, e não voltei mais trabalhar com ele, (que ele é que era com a história do ganso)??? Mas, sobre o ganso...

Wesley: Qual era o castigo dele, do ganso?

Entrevistado: O Ganso? Ele era um homem grande, tá compreendendo? Ele trabalhou na estrada, trabalhou comigo na cozinha, de maneira que é o seguinte... Ele... dos internos, ele era um dos... como é que se diz? O correto...

Wesley: Rude, mais rude?

Entrevistado: É.

Wesley: Mais forte?

Entrevistado: Não, ele era... qualquer coisinha ele chamava a atenção, ele era muito *rildo*.

Yasmim: Rígido?

Entrevistado: Rígido, é, justamente. Disseram que, *antão*, que o Ganso ele mandava fazer qualquer coisa, com os pauzinhos, e se não cumprisse certinho com ele, ele usava uns cacetes, botava assim debaixo do queixo... então ele fazia isso, botava debaixo do queixo, pra todo

mundo ver... Na cozinha ele fazia isso, mandava o pessoal fazer o preparo, escolher o arroz, feijão, etc e tal... aí a pessoa escolhia, “tá bom, seu Milton”? Ele olhava lá, mexia... “Não, refoga novamente”... escolhia tudinho. Aí o pessoal, escolhia... E ele ali com... a bengala. E se, por exemplo, de acordo com.... olhando pra ele... dizia assim...tão querendo fazer o trabalho... ele falava assim: “Pode deixar assim, que eu tô mandando!” Aí ele pegava a bengala, como se fosse uma arma...então, ele dizia que era (barba), é igual a um diretor que tinha aqui, que deu muito apoio, o Paulo *Amer*, ele batia até no guarda.

Yasmim e Wesley: Paulo Américo?

Entrevistado: É, Paulo *Amer*. Aqui tem um guarda que ele fala pra chuchu, mas ele é (vítima)??? do Paulo *Amer*.... o seu Lupércio, sabe quem é?

Yasmim: Ah, sei.

Entrevistado: Sabe qual é? *Antão* além de bater nele, ainda tomou a mulher dele!

Wesley: (risos)

Entrevistado: A primeira mulher dele ...

Wesley: O Paulo Américo tomou do seu Lupércio?

Entrevistado: É, pois é. Ele fala muito da Maria José, né? É uma outra mulher dele... aquilo tudo ele??? a primeira mulher dele, com o filho que ele tem, foi embora pra fora, Paulo *Amer* que tirou das mãos dele, ele e a Maria José. Mas eu particularmente não...Agora vamos entrar na...

Wesley: Madame, né?

Yasmim: É, é mais ou menos isso. A gente só queria saber mesmo a história, ela era uma pessoa tranqüila, a Madame Satã?

Entrevistado: Ela... ela... “ela” porque era afeminado, né? Eu digo, ela era uma menina tranqüila, *carma*, não era agressiva, tá compreendendo? Quer dizer que é o seguinte... muito habilidosa nos trabalhos dela, que ela cuidava negócio de...na (Dona Endaú)??? ela lavava, negócio das roupas do diretor... tinha criação de porcos, tá compreendendo, ali tomava conta da casa do capitão (Dino)???, tesoureiro lá de baixo do queijeiro. Isso aí é o seguinte, eu cheguei a ir lá na casa pra ver, do capitão Dino, e ver... ele criava, tinha criação de porco, ganso, essas coisas, tá compreendendo? E assim sucessivamente. Ele também gostava de

uma macumba. Porque aqui os... (sentenciados)??? era tudo macumbeiro . Ela também era macumbeira. Então, de maneira que a esse respeito eu posso falar que... E ela foi embora com a liberdade, e ganhou a liberdade condicional, foi pra Ipanema, lá ela ficou doente, morreu, pediu pra enterrar ela aqui no Abraão. É, ela retornou aqui no Abraão depois de morta, enterrada. Depois o... seu Antônio de Castro pegou... trouxe os pertences dela, que ele também era macumbeiro, aí foi aqui pra cima aqueles santos, aquele negócio [Wesley concorda] , foi jogado naquele canto ali, e de maneira que... Aí a filha do Madame Satã, ele tem uma filha, aí veio aqui pra poder *percurar* os pertences que tavam na mão da... ??? *Antão* de maneira que ele juntou aqui, jogou tudo fora, entendeu? E eu encontrei aquilo atrás da pedra ali aqueles santos, aqueles negócios... disseram que era da Madame Satã. Aí conheci a filha dele, era uma mulata assim da altura dela, assim uma mulata clara, tá compreendendo? E de maneira que...

Wesley: O nome dela, o senhor lembra?

Entrevistado: O nome é que eu não me *alembro*, gostaria de saber o nome. Eu tomava conta da casa de visita oficial daqui de cima, e a casa do diretor... Então...pessoa que vinha aqui visitar tinha que passar por mim. Então, de maneira ... e ela veio através de fiscal, buscar pertences, e de maneira que *antão* passou pela casa de visita e assim sucessivamente.

Wesley: O senhor sabe da história, de como ela morreu, lá no Rio, do Madame?

Entrevistado: Do Madame Satã? Disseram que é o seguinte: a doença dela, não sei dizer não, agora... ela morreu lá em Ipanema, (morreu em Ipanema), e de lá ela veio pra cá. Quando ela foi enterrada eu já estava aqui, no Abraão. Só que eu não fui lá ver nem... mas tá ali no cemitério do Abraão.

Yasmim: É, tem até foto. E outra coisa, falaram lá embaixo, né, que quando chegava preso novo, a Madame Satã ia lá pra ponta e ia escolher quem ia pra sala dela. Tinha esse negócio, ou não?

Entrevistado: Isso, isso é história.

Yasmim: É história?

Entrevistado: É história. Quando chegavam os presos, não podia nem... só polícia e funcionário. Mais ninguém. Se quisesse ver, ou chegar, os presos chegando na baía, tinha que sair a longa distância, tinha um espaço afastado pra poder assistir à chegada dos presos. Eu mesmo quando pegava o barco no Abraão, quando via os presos lá de baixo do Rio, *antão*, era cozinheiro do comandante, eu deixava um pouquinho de trabalhar, ia pra ponte, pra poder

assistir, mas ficava distante, porque não podia, né... a chegada... pra ver se tinha alguém conhecido, etc, etc. *Antão*, assim sucessivamente.

Yasmim: Tinha esse negócio de quando chegava, tinha que ficar em silêncio, quando chegavam os presos novos, eles ficavam separados, ou já juntava?

Entrevistado: Os presos novos, nós temos um regulamento, na época... tinha, por exemplo, 30 presos, chegavam lá embaixo na Penal, onde hoje é o posto policial, ali tinha uma sala que era pra gente ir pra lá, todos nós. Ali tiravam os presos da Penal e tiravam os presos daqui da Colônia Agrícola, porque aqui era a Colônia Agrícola, lá embaixo a Penal. Então vinha logo, tomava um (papel pra ficar lá embaixo, e ficava)??? lá. E quem tava.. subia pra cá Então quando chegava lá, que que eles faziam? Botavam o preso num... alojamento. Num alojamento individual, quem tava chegando recentemente. Não misturava com os outros presos, não. Só depois de dez dias ou quinze, que se ambientasse, pra depois sair pro trabalho, varrer ali o Abraão, varrer ali... E quando saísse ali do alojamento, já saía com a sua faxina designado, compreendeu? Aqui a mesma coisa, nós tinha (alguns dias de espera)???... chegava, ficava vinte dias na prova de silêncio, quando saía do cubículo já saía com a turma certa. Aqui nós tínhamos mais ou menos umas cinquenta turmas, *antão* se viessem dez presos, ia um pra uma turma, outro pra outra, pra outra, espalhava tudinho, mas já tava ambientado com o pessoal que tava aqui, tá compreendendo?

Wesley: Essa prova de silêncio era pra isso, então, pra se ambientar?

Entrevistado: Pra poder legalizar tudo, sucessivamente.

Wesley: Entendi.

Yasmim: E só uma pergunta. Essa questão do... mulher de preso, coisa e tal, eles forçavam, ou é história, não tinha esse negócio não?

Entrevistado: Sobre... a nossa visita, né? A nossa visita é o seguinte. Nós temos direito à visita... lá embaixo na penitenciária nós temos direito à visita de... (pra abrir)??? de um modo geral, e tem a da... Por exemplo, os *casal*, lá embaixo tem um setor... como é que é o nome? *Falatória*, essas coisas, etc, etc. Aqui já era diferente. Aqui nós tinha casa de visita oficial, comunitária, pessoal, guarda, etc. E tinha casa de visita dos internos, que era pro lado da ponte, ??? ,cemitério... Ali era casa de visita, então ali que havia uma base de umas cinquenta e poucas visitas. *Antão* aqui subia umas trinta visitas, fosse pai, e mãe, aí ia pra lá. O interno saía seis horas, entrava sete horas da noite, fazendo ??? durante o dia ficava lá com pai e mãe, aí voltava. E *arredor* da casa, ficava um policiamento, tomando conta, pra não sair a cerca de

aramé, pra não sair pra fora pra passear, a não ser que tivesse uma ordem pra tal, fora isso ficava lá mesmo. Três dias, com direito a tudo!

Wesley: Três dias?

Entrevistado: É, três dias. Médico, comida, tudo! *Antão...* por conta do Estado. E... assim sucessivamente. E eu que tomei conta da casa de direito oficial aqui, aqui já era diferente. Quando chegava um visitante, aí eu *percurava* saber porque que ele veio, o que que ele fazia. Se veio a trabalho ou se veio visitar a ilha, aí... com direito a tudo também! Aí eu mandava botar (num livro de saudação) e ficava certo que??? *Antão...* com todo direito, médico, comida, etc, etc, quer dizer que... e assim sucessivamente.

Wesley: Sobre o doutor França, o senhor lembra alguma coisa dele?

Entrevistado: Doutor França era um bom médico. Pessoal fala que é o “Médico da Balança”, né?

Wesley: É, a gente ouviu essa história aí.

Entrevistado: (risos) *Antão...*eu, eu, por exemplo, só posso falar bem dele, elogiar, porque eu... eu fui um dos... como se diz, um cliente dele, e de maneira que...

Wesley: Ele atendia o senhor, então?

Entrevistado: Ele me atendeu, e eu fui cozinheiro dele também, lá embaixo no Abraão, cozinhas pra ele, porque ele... Na época ele não tinha família. Depois que ele arrumou uma companheira em São Paulo é que ele... ela viveu com ele uns tempos. Quando morreu, até que ficou com uns bens dele.

Wesley: O senhor lembra do nome dela?

Entrevistado: O nome dela eu tava... não tenho na memória, não. Até me dei muito com ela, mas não vou lembrar.

Wesley: A gente tem um nome, é apelido na verdade, é Cininha.

Entrevistado: Deve ser isso mesmo, é, deve ser isso mesmo. Não posso dizer que é positivo, por que é o seguinte. Eu me dava muito com ela, e de maneira que até quando eu tava cozinhando lá pro doutor França, ele gostava muito de comer negócio de massa, negócio de macarrão, essas coisas, nhoque, essas coisas, e ele tinha um sobrinho, filho dela, que

detestava isso. Ele falava: “poxa, meu tio, o senhor manda fazer macarrão, nhoque, carne moída, etc, etc,” toda vez que ele vinha, só tinha isso... ele mandava só fazer aquilo né, aí ele falava comigo que tudo... *Risos do Wesley* via que...

Wesley: Esse sobrinho é, pelo visto ele...

Entrevistado: É lá de São Paulo.

Wesley: É o Renato, Renatinho?

Entrevistado: É, ele era um grandão, alto, magro.

Wesley: Acho que é esse mesmo, que falaram que ele era meio alto mesmo.

Entrevistado: É, esse é alto.

Yasmim: Ele tinha filho, filha, o doutor França?

Entrevistado: Não, não. Ele era sozinho. A família que ele arrumou aqui, foi a época que... que eu me *alembro*.

Wesley: Entendi. Então o senhor achava que ele era um bom médico?

Entrevistado: Bom médico. Eu quando vim pra cá, lá embaixo na penitenciária, que eu fui encarregado das cozinhas e da secretaria, da... da enfermaria, da, do... hospital, cozinha geral, eu sempre trabalhei, *antão* eles me exploravam nesse setor. Então, e eu, o que é que eu fazia? Eu trabalhava num vapor do... (passar a tempo)??? essas coisas, eu... e lá como era a (serra de comida)??? *Antão* às vezes chegava um mingau, uma farinha, voltava quente pra chuchu, a chapa tudo fervendo, pra fazer bife... chapa, essas coisas, então tinha que deixar bem quente, de maneira que... E o que é que acontece? Aí eu venho pra cá e eu senti umas dores de ???, dor de barriga, e de maneira que... E o que é que eu fazia? Pegava aquilo que tava lá no fogo e também bebia água gelada, enfim, aí eu passei a evacuar sangue. Aí falando com ele, ele disse: “Entrevistado, o negócio é o seguinte. Isso aí é derivado de muita caloria que você pegou, na barriga”.

Wesley: Calor, né?

Entrevistado: É, calor, caloria.

Wesley: *Aham...*

Entrevistado: Aí, eu vim da penitenciária pra cá, ele tava aqui, aí ele falou, eu tava conversando com ele, me dava muito com ele, e disse, “o problema é esse: o senhor você vai fazer um negócio. Vai pegar a.... usa o depósito de erva de bicho, depósito de erva de bicho, e tomar um chá, e somente isso. E quando você for no banheiro, em vez de você... se limpar, você pega, se lava”... porque o pessoal lá pra se lavar é... (apreensivo né)???, os *homem* não gosta de passar *Wesley ri*, se lava, não se limpa com papel higiênico. *Antão*, ele me ensinou, aí eu digo, “muito bem, e isso vai acabar tudinho” aí ele também me ensinou como é que se usava o depósito, na hora de dormir, coisa e tal, etc, etc, pra não molhar... congelador, etc, né, que é o... a caloria nova no intestino, é que faz... ele não quis fazer... *antão*... o organismo não aceita. *Antão* e de maneira que ele me ensinou a diminuir o (pixe / rijo)??? Aquilo acabou até hoje, nunca tive mais problema de (estômago)??? alguma. *Antão* o pessoal fala muito do Doutor Balança foi tal, mas, de balança... e outra coisa: quando a gente chegava aqui, depois que ele... ??? seis meses, aí ele dava um purgante, pra todo mundo, geral, e esse purgante era um purgante de erva de... purgante de (sal de mel)???, vocês já ouviram falar, né? É um sal de mel, sal mel, que desmanchava no álcool e aí e tal, salobra, uma água salobra, e então, de um modo geral. E de maneira que mandavam fazer a alimentação, na cozinha, com (plantinha de erva)??? *antão*, pra fazer um... se tivesse. E... na parte da manhã eu levantava, de jejum, tomava aquilo, meio copo cada um. Era a (segunda na manhã)???... (elemento)??? e quem fazia o ??? era mesmo que aqui. Desmanchava aquele sal na água e aí bebia aquilo. *Antão*, meio copo cada um, pra todo mundo de manhã cedo. Pesava na balança, pesava quantos quilos tava pesando, e mandava entrar num reservado, tirava a roupa fora, e subia na balança, depois vestia a roupa, na frente tomava aquele copo. Lá tudo funcionava na mesma hora, tinha que tomar, e beber e... *antão*... assim sucessivamente, todo mundo, o pessoal e o doutor, a enfermeira, a enfermeira e tudo. E de maneira que ele acompanhava aquele movimento. Todo mundo que trabalhava em serviço braçal, às vezes o cara chegava gordão, tava cheio de verme, se ele tivesse, por exemplo, magrinho, é, tava, com verme também, aí ele tirava foto, cuidava da matéria dele, né, *antão* que de maneira... e ele pesava na balança, e se o cara chegava ali ??? chegava barrigudo, já tava tudo desbarrigado, quer dizer, *antão*... ??? mas tinha que passar pela balança, pra ele saber como é que tava funcionando. E quando ia lá falar com ele, ele disse: “Pesa, pra ver quantos quilos você tá pesando, ??? ver se *miorou*, se piorou, pra também fazer uma análise né. E de maneira que então, eu que trabalhava com ele eu, que trabalhava com a administração, e *antão* eu fazia... julgava isso. Porque muitos faziam uma má idéia, mas eu não, digo “ele tá certo, pra poder acompanhar as coisas tem que...tem que... (comprar positivo)???

Wesley: O senhor lembra se ele reclamava alguma vez que lhe faltava medicamentos?

Entrevistado: Não, porque medicamentos na época, a Federal tinha... tinha um...(paiol)??? bastante, bastante. E de maneira que... e aliás tanto eu tomei conta tanto do... fui encarregado do Estado, e da desapropriação, e de maneira que... sobre alimentação, remédio, roupa, saúde, aqui não faltava nada, tudo era, compreendeu, era com excesso. Eu queimei muito remedinho, porque eu fui assessor de confiança de diretoria, *então* essas coisas assim tinha que ter pessoas de confiança pra poder dar comida, e não se pode guardar nada do Estado, né, nem dinheiro! Se veio pra gastar, tem que ser tudo gasto, *então* assim sucessivamente...

Wesley: Até quando virou do Estado, já tinha, ou piorou?

Entrevistado: Não, aí quando mudou pra Estado, eu tenho... ficou mal. Faltou até comida pra gente!

Wesley: Faltou até comida?

Entrevistado: Comida, roupa e tudo mais.

Yasmim: Essa história que guarda pegava comida de preso, é verdade? Levava pra casa...

Entrevistado: Sobre essa (finalidade)??? eu vou explicar pra vocês como é que funcionava. Eu trabalhava na casa do, ali do... na casa do... casa de visita oficial, *então* o que eu pedi ??? era pra vir pra cá, e todos os guardas que vinham aqui, era já, do Estado, e o pessoal que tava (aprendendo)??? banco, tinha metade de guarda que ficava lá...era...sumia com guarda daqui, mas não era... ??? isso era modo de falar... **Então, eles dizem lá embaixo que entrava pro Estado, mas aí ficavam três mês na prova pra poder ver se... pra aprender a trabalhar, e fala também numa... não ficava ocupando, eletricista, ou tira a guarda da pessoa pra trabalhar e etc, então eles ficavam três mês sem direito ao pagamento. Só depois de três mês que tinham direito ao pagamento. Nesse período dos três mês a gente ainda, eu tava falando pra ele... e essa alimentação saía dos nossos, dos internos, então, vinha pra casa de visita oficial ali, onde eu tomava conta, trazia... eu designava, dava o nome de muniço, dava um muniço pra eles fazer arroz, feijão, etc, etc, e de maneira que devia (estar limpo)??? ali, tinha dispensa, aí... Eles não vinham buscar. Ou os filhos, ou a patroa, então, assim sucessivamente. Aí eu tinha que pesar, preparar um saco de comida pra dar pra eles levar. E os pessoas... o pessoal que fugia, que saía pro mato? O preso que fugia? O guarda que fosse atrás do preso no período que o preso tivesse também no meio do mato, alimentação da família, a gente tinha que mandar.** Outra coisa também, o pessoal idoso que não tava...que não tava, como se diz? Tinha que ter uma assistência do presídio, por que não tinha... aqui não tinha... [Entrevistado busca se lembrar de um nome]

Yasmim: Assistência?

Entrevistado: É. Eu esqueci o nome... *Antão*, vinha a mercadoria, lá embaixo no Abraão, eu tinha que (pagar)??? um pessoal carente, fazer um arroz, feijão...

Wesley: Marmita?

Entrevistado: Hein?

Wesley: Marmita?

Entrevistado: Não.

Wesley: Doação?

Entrevistado: É, doação. E eles assinavam um nome no caderno, e eu dava a...

Yasmim: Isso tudo dos presos?

Entrevistado: Não, isso aí é da...um outro órgão que tinha lá embaixo, que ajudava o pessoal.

Wesley: Tinha muito idoso preso aqui?

Entrevistado: Hein?

Wesley: Preso idoso?

Entrevistado: Tinha bastante. Mais até *pruma* faixa de 50 anos... Daí pra... entendeu?

Wesley: Adolescente não tinha não, né?

Entrevistado: Hein?

Wesley: Adolescente.

Entrevistado: Adolescente tinha lá embaixo, no... na penitenciária. Tinha lá embaixo, tinha cadeia de menor, *antão*.... depois que chegou esse Paulo *Amer*, que botou os adolescentes de castigo, que inventaram uma (forma ideal???) com a gente, porque misturou menor com adulto.

Wesley: Então misturou então, os dois?

Entrevistado: Misturou. Aí começou a... o menor a matar o adulto. Porque nós adultos não podemos fazer nada ao menor.

Wesley: Ahn...

Entrevistado: E o menor podia fazer à gente.

Wesley: Eles matavam, assim?

Entrevistado: Justamente. *Antão*... através disso eles abusavam. Houve até aqui um crime doloso aqui, na Parnaioca, então veio um menor pra cá, aí bota pra trabalhar na... no mato, aqui, veio o Feijão, Foinha... os outros eu não me recordo o nome. ??? então, são assaltantes, matador... aí aqui *eles pegou*, foi separando uma chave, em vez de ele...matou uma lá, (botou) pra trabalhar, ele abandonou a turma, saiu, foi lá pro (mato do lado)???, chegou lá e invadiu uma casa lá de uma menina lá, agarraram a menina, estupraram a menina e mataram. Quer dizer que... esse chamava Foinha. Aí depois levaram pra ... ??? aí mataram ele lá, os próprios funcionários.

Wesley: Mataram lá?

Entrevistado: É, mas deram oportunidade pra ele fugir, aí ele pensava que tava abafando, aí mataram ele. É, ele entrou... ele pensou que tava abafando, aí... mas já deram mesmo pra poder matar, porque ele matou a menina aqui, pegou ela, levou ela.... era muda e surda.

Yasmim: Ah, seu Lupércio falou que...

Entrevistado: *Antão*, o que acontece? Lupércio sabe, é da época dele. *Antão*, levou ela pra cachoeira, lavando lá as roupas, coisa e tal, aí agarrou ela, pra dentro do mato, pegou ela lá, e depois meteu o braço numa (chave)???, estuprou e matou. Jogou pra lá pra ninguém saber, mas aí é o seguinte: (a viatura)??? aí pegaram ele... ??? ... aí mandaram o próprio guarda, irmão da menina que ele tinha feito... mandou matar, né?

Wesley: É. (pelo jeito) mandou matar.

Entrevistado: ... mandou matar.

Wesley: Entrevistado, antes.... sempre foi misturado, oi foi o seu Américo, que misturou o pessoal, ou sempre foi misturado?

Entrevistado: O Paulo *Amer*... aqui, menor não vinha pra cá, só lá embaixo. Mas o Paulo *Amer* veio aqui....??? de errado, na época dele, e ele era... a segunda pessoa do juiz, ele era delegado, *antão*... o delegado é o segundo depois do juiz, você sabe disso né? [Wesley concorda] *Antão* ele, com aquela força toda, ele pegou, aqui ele pegou, prendeu... apareceu um boato em que o pessoal da Parnaioca tava fazendo (troço pra casa dele)??? Ele mandou prender os dois caras da Parnaioca, botou aqui junto com os... dentro da cela com os condenados, o que não pode. Não pode misturar cara condenado com pessoas que não têm condenação nenhuma. [Wesley concorda] Aí um desses, nós não sabemos se ele se matou enforcado ou se mataram ele, tá compreendendo? E aí eu... esses crimes quem vai pagar, é a diretoria, não é o cara que matou não, porque é o seguinte, é o diretor, porque ele é responsável por nós, por nós na cadeia, o juiz, é ou não é? [Wesley concorda] *Antão*, ele botou, *antão*... o que é que ele fez? Ele mandou... ficou um, o outro morreu enforcado. Aí ele pegou, foi lá na Parnaioca, mandou ir lá, mandar todo mundo ir embora da Parnaioca! A Parnaioca é um povoado que tem aqui. *Antão*, ele mandou todo mundo embora! Através do crime, pessoal assustado, na época, todo mundo... separou só o... ???

Wesley: Era na cadeia?

Entrevistado: É. Aí foram embora, esvaziou a Parnaioca... e... aí botaram uma (pedra)??? lá em cima justamente pra acabar.... o Paulo *Amer* também, ele fez um negócio comigo, (tinha)??? de ruim e de bom, que é a história do Paulo *Amer* comigo,né. *Antão*, lá embaixo na penitenciária... e de maneira que... *Antão* isso aí ele era atencioso. E de maneira que...sobre essa (finalidade / particularidade /penalidade)???

Wesley: Mas lá embaixo também era misturado?

Entrevistado: Lá embaixo?

Wesley: Sempre foi misturado?

Entrevistado: Não, lá embaixo tinha detenção, lá tinha um manicômio, e a cadeia do manicômio e *antão* tem lugar pro maluco, lugar pro menor, tudo separado, tá, Casa de Detenção. E tinha a penitenciária pros adultos, compreendeu? A Detenção é a cadeia de menor, pessoa que tá chegando da rua, que não tem condenação nenhuma.

Wesley: Contraventor?

Entrevistado: É.

Wesley: Bêbados, esses negócios?

Entrevistado: Criminoso, mas vai esperar ser chamado do juiz.

Wesley: Ah.

Entrevistado: Mas por enquanto tá em... tá em correção. *Antão*, o que é que acontece? Era a cadeia individual. Mas o... Paulo *Amer*, ele vai começar muito o problema lá dentro, aí trouxe os menor, com... quando acabou a federal, botou o menor misturado com adultos. Aí dentro da penitenciária, o menor, o que é que fazia? O adulto tinha que andar sob o domínio do menor. Mandou *assartar* ele da cadeia. Você não podia andar com relógio, um cordão, tudo que tivesse o menor tomava, e se você não desse, ele matava! *Antão*, esses dois que matou lá embaixo, que matou um rapaz chamado Mineiro, e tal, que tava com um cordão no pescoço, e não quis dar, aí juntou os menores de... ???

Wesley: Então eles tinham tipo uma quadrilha lá dentro, os menores?

Entrevistado: É, justamente, justamente. *Antão* os menores (eu digo)??? Eu não, me dava bem com os menores tudinho. (Maluco, tranqüilo)??? *Antão* é o seguinte. Me dava com tudo mundo. E eu na época tomava conta da cozinha, eu era empregado, eu era do Paulo *Amer*, ??? que ele arrumou pra mim, porque... O Paulo *Amer*, eu cheguei na Penitenciária, aí... fiquei lá embaixo. Aí fui trabalhar no rancho, servir alimentação para... pros meus companheiros. [transição da transcrição] Mas na minha ficha reza, estofador e cozinheiro, então o Paulo Américo mandou me chamar lá na cozinha... quem assumia a cozinha os internos matavam, tá compreendendo? Se a comida estivesse ruim matava e tinha mais uma coisas, se a comida estava ruim, mandava chamar a saúde pública para ver a higiene e etc... e de maneira que o povo não comia mesmo. [Conta que mataram todos os responsáveis pela cozinha até que o chamaram para impor moral] ... e quero que você já para lá para colocar moral naquilo lá

Wesley: Colocar moral lá.

Entrevistado: Colocar moral lá (risos), mas quando eu fui para lá, falaram para mim, fala com o Paulo Américo de cabeça erguida se não ele levantava com um tapa... é você falava com ele olhando para dentro da cara dele ...ai eu disse, tudo bem não vai acontecer isso comigo não, eu era muito audacioso. Ele disse você vai assumir e eu disse, tem um problema, eu só vou assumir se o meu chefe daqui, Seu Miguel, pegar e fazer uma reunião no auditório com o pessoal toda da cadeia, se é de acordo que eu seja encarregado da cozinha. Se eles acharem que não sou, não posso aceitar, só vou aceitar de acordo com os meus companheiros. Ele falou assim, tudo bem mais tarde, depois da janta todo mundo no auditório, de maneira que fui [eleito] pela maioria [conta que a maioria foi favorável]... E então eu assumi...quando acabou lá o movimento [para assumir a cozinha] ai o pessoal veio e falou, preciso falar contigo, preciso falar contigo, ai eu digo, tudo bem vou dar atenção a eles. Atenção é sobre o negócio do tóxico,

que corria na cozinha, lá era (opaió)??? que guardava o tóxico [pequeno trecho incompreensível] e é guardado na cozinha e no pátio da cozinha.

Wesley: E o Senhor já sabia disso ou não?

Entrevistado: Sabia, sabia porque eu acompanhava todo o movimento. Então de maneira que eu disse, tudo bem...então me chamaram e disseram que eu tinha uma porcentagem. Ai eu disse, sobre o movimento ai dentro eu não quero me envolver nisso, sendo que é o seguinte, o faxina do pátio na época era o João canseira, um cara muito falado, era o faxina do pátio que guardava o tóxico, de maneira que... eu vou impedir do pessoal entrar, entrada franca, do pátio comum para o pátio da cozinha. Lá vai ficar somente o João canseira zelando pelas plantações [pequeno trecho incompreensível] Então o pátio da cozinha era tudo quadrado assim, aquelas pedras quadradas, então no meio daquelas pedras tinha cheio de vasos de planta [pequeno trecho incompreensível] Seu Julio conta que o problema foi resolvido depois que ele bloqueou a entrada franca e permitiu somente a entrada de João canseira e dos responsáveis pela droga]...E tinha também quando saía a comida lá no rancho...

Wesley: Rancho é refeitório né?

Entrevistado: É refeitório. Então o primeiro que saía pra poder apanhar comida, o que acontecia, para poder ter tumulto na cadeia, revolução, ai jogavam um cigarro no feijão, jogavam tudo de ruim, cuspiam dentro porque ninguém ia comer. Tinha que fazer outra comida, então tinha que chamar a saúde pública e o pessoal entrava em guerra, quer dizer, incendiava colchão e etc...Tinha que fazer outra comida [pequeno trecho incompreensível / conta que se o cozinheiro não colaborasse com o movimento eles o matavam, por isso Entrevistado colaborava e passava a “mão na cabeça” deles] ... então de maneira que eu assumi a cozinha maio ou menos um ano e pouco sem problemas, derivado do meu conhecimento. E a saúde pública de vez em quando ia lá conversar comigo, o médico também, perguntar sobre o peixe e a carne, se estava boa, o legume se estava passado. Ai eu dizia, esse legume está assim e assim, a batata está podre, o saco de banana está podre, tem que devolver e etc e etc, a carne está azulada, está passada. E o médico ficava na cabeceira para ver se eu estava entendendo das coisas, aí ele cheirava os legumes, ai os legumes estavam melando por exemplo, tinha uma batata podre ao mais ... porque a gente tem direito a tudo de primeira... e trezentas gramas de cada coisa... e ninguém come tudo, trezentas gramas de carne, trezentas gramas de feijão, trezentas gramas de arroz...

Wesley: Entrevistado o Senhor assumiu a cozinha em que ano, o senhor lembra?

Entrevistado: ...eu não me lembro..[Diz que está em algum papel que talvez tenha passado pela Myrian]

Yasmim: Mas é na época do [Paulo] Américo não é?

Entrevistado:É...

Yasmim: Essa questão das drogas era assim que entrava? Entrava também pelas visitas ou não?

Entrevistado: O tóxico também entra pelas visitas tá me compreendendo? Lá na penitenciária [Lemos de Brito] o tóxico entrava diferente... [Vai contar como a droga entrava na Lemos de Brito, pelas bolas que as crianças jogavam futebol no campo do lado da penitenciária].

Yasmim: Mas aqui tinha esse lance da bola?

Entrevistado: Não, aqui era diferente... lá tinha o lance da bola e tinha também o lance da ... [pensa] como se diz... o lance da mula.

Wesley: Mula?

Yasmim: É quem leva a droga.

Entrevistado: É a mula.. então de maneira que aqui entrava por fora.. as mulas traziam tá compreendendo? E também os afeminados e quer dizer, assim sucessivamente. Mas nós tínhamos a guarda feminina para poder revistar as mulheres e tem os guardas masculinos para revistar também [pequeno trecho incompreensível]. Vou falar o português certo, português claro, as mulas, as mulheres trazem a maconha na vagina e os homens que é masculino e viado, bota a maconha no ânus. Enfia no ânus, passa na revista, ninguém revista aquilo mesmo, as mulheres são outra coisa, as mulheres metem o dedo lá e desentoca entendeu?

Wesley: E normalmente ia parar na cozinha né?

Entrevistado: Aqui não [CADF] lá embaixo [CPCM] era onde é o... o florestal. Ali era o lugar de revistar as mulheres, os homens e tudo mais, as bichas e tudo mais e de maneira que entrava . E por trás os próprios funcionários traziam o tóxico, cansei de avisar aos funcionários que traziam tóxico para dentro, porque toda revista que tinha e que ia dar o bote nos funcionários, então eu ficava a par , porque era preso de confiança do comandante e quem revista o funcionário são as polícias, o P2, ela tinha autorização para revistar e também para sair daqui e ir lá para o rio na casa do preso para buscar em casa o tóxico, arma de fogo e essas coisas. E eu me dou com todos eles e tem marmelada para tudo (risos)

Wesley: Então tinha revista e o senhor ficava sabendo?

Entrevistado: É ficava sabendo ... isso porque eu jurei bandeira, e quem jura bandeira tem que respeitar todo o direito do outro.

Yasmim: A Myrian perguntou se tinha que ir alguma vez no Rio Depois de preso? O pessoal vinha para cá, mas ainda não era condenado certo, alguns?

Entrevistado: Não... ontem eu estava conversando sobre isso, na cadeia de condenado só pode entrar quem já estiver condenado. Quem está preso assim por suspeita então é correção ele não pode ficar misturado com preso condenado, porque a responsabilidade é do juiz e do diretor.

Wesley: Lá nos arquivos nós vimos assim, a disposição do chefe de polícia. Quem eram esses, você sabe?

Entrevistado: Era o seguinte... à disposição do chefe de polícia era o cara que estava preso mas e o chefe de polícia era responsável por ele para encaminhar para o juiz essas coisas e etc.

Yasmim: Ele ainda não era condenado?

Entrevistado: Não, não. Então ele está aguardando ali à disposição dele.

Wesley: Justiça comum é que já foi condenado né?

Entrevistado: Quando ele é condenado ele já é preso condenado e tem que ficar com preso condenado. E antigamente também tinha [quem pagava] cadeia pequena não pode ficar com [quem tinha] cadeia grande. Outra coisa, quem vai ser posto em liberdade o outro preso não pode saber, porque se não ele encarna nele até ele abrir um processo e ficar preso com ele lá.

Wesley: E os que estavam a disposição do chefe de polícia eram os contraventores, vagabundos, bêbados?

Entrevistado: não, não... é preso que está aguardando ser chamado, para ser entrevistado...

Wesley: O Senhor lembra de uma de uma tal de lei da economia?

Entrevistado: Lei da economia...

Wesley: Tinha lei de guerra e lei da economia.

Entrevistado: Essa eu não sei não.

Yasmim: Lá embaixo tinha os contraventores, bêbados... aqui em cima não tinha não né?

Entrevistado: ... tinha o contraventor, ele faz crime diferente [Conta a história de um amigo que era contraventor e matou um homem e depois voltou como preso condenado]. O bicheiro também vinha para cá, de acordo com o crime, agora se fosse crime só de negócio de ???, pegava só seis meses, sete meses.

Wesley: O bicheiro vinha para cá por outros crimes também?

Entrevistado: Vinha.

Wesley: O Senhor lembra quando acabou a penal para onde foram os presos?

Entrevistado: Os lá de baixo? .. eu fugi antes de acabar a penal. O Lacerda esteve lá, ai eu estava premeditado a fugir ... então o Lacerda esteve lá em sessenta e mando acabar e derrubar a cadeia ai mandou os presos de lá para penitenciária Bangu e alguns para aqui em cima, foi quando a Madame Satã veio parar aqui.

Wesley: Dividiu, um pouco para cada lugar.

Entrevistado: É, espalhou.

Wesley: E como é que foi isso? Veio muita gente para cá? O número de contingente de guardas aumentou? Foi difícil, muita gente?

Entrevistado: acabando lá embaixo, também mandou um pouco de guarda lá para baixo [rio] e os guardas para cá e o policiamento.

Wesley: Mas não ficou muito brabo assim com muita gente?

Entrevistado: Não, não... O Paulo Américo fazia rodízio, botava o pessoal do comando vermelho do comando o jacaré rodar. Chegava aqui uma equipe de trinta quarenta e tirava e mandava para o Rio de Janeiro, depois mandava para Teresópolis, depois mandava para Paraíba do sul ele fazia o pessoal rodar. Quando chegava o advogado com a licença, não encontrava, chegava aqui a família procurando e não encontrava, ele não deixava o pessoal esquentar o lugar, ele fazia rodeio.

Yasmim: Outra coisa, os diretores e os guardas, já tiveram algum diretor que os guardas não gostavam? Que eles queriam tirar? Que não faziam direito o trabalho para tirar o diretor?

Entrevistado: Aqui o diretor era responsável pelos guardas e os guardas tinham que fazer o que o diretor pedisse e se não quisesse fazer ele mandava para outra cadeia tá compreendendo? Quer dizer...mandava para lá como castigo compreendendo?Que dizer que...o seu Lupércio mesmo foi um que foi expulso daqui (risos) ele o Zaqueu . Nós tínhamos um chefe de disciplina.. que diz... [pausa] como ele falava mesmo? “eu fui diretor interino” ..ehhh... quer dizer o diretor interino cortou a minha mesada.. e ele queria eu fosse falar com o ... (muda de assunto) fiquei aqui preso com direito todo... tudo da cadeia. Ainda até hoje eu tenho direito a tudo, médico [*pequeno trecho incompreensível*]/ voltou ao assunto]Então o que o Sr. Hotair me fez, quando ele foicou vinte a quatro hora.. nem chegou a isso, como diretor interino para mudar o diretor de um ano para o outro porque era militar, na ausência fica um guarda para poder passar um trabalho

né? O que o Hotair me fez, me corta a minha pensão, cortou tudo. Aí eu fazia um movimento com a madeira do lado aqui, até isso ele cortou *tudinho*, aí eu desci e não voltei, fui pegar o meu material... tá tudo cortado, eu digo “não” . Ai fui lá falar com ele, ai ele disse “não, faz lá um requerimento lá novamente para o juiz lá e etc” ai eu disse “negativo”, eu não vou ficar atrás do juiz para ficar culpando o homem por bobagem é ou não é? Eu sei o lugar que eu estou, eu não vou culpar ele. Eu tenho que culpar o juiz por um negócio muito sério. Falei para ele [para Hotair] que não estava lidando com um bobo. Como eu vou perturbar o juiz com comida se tem coisa muito mais coisa importante?Ai eu peguei e não fui e falei para ele “eu tenho recursos”, eu tenho uma *reservazinha*, vou viver da minha reserva. Eu ganhei cadeia condicional então eu tinha direito a tudo e ele cortou, só que ele pensava que eu ia ficar pedindo a ele.

...

Wesley: Entrevistado, então super lotação não teve?

Entrevistado: sendo que é o seguinte ...a cadeia ...o caveirão ele tinha...[pausa] oitocentas pessoas ... e de maneira que veio o capitão (Carero)??? veio para cá ai criaram o comando vermelho e tudo mais na época, ai fizeram outra cadeia ali do lado que dá o nome de (ANEP)???, anota no papel ai (ANEP)???, então essa cadeia pediram para ANEC fazer ali a separação... do preso do comando vermelho *pro* preso do bando do jacaré. Quando brigava botava o pessoal lá no ANEP ou no caveirão.

Wesley: Então a separação era um na (ANEC)??? e a outra no caverão?

Entrevistado: É...e a passage é alí no cinema.

Wesley: Haaaaaaa

Entrevistado: É que ali tinha um muro, só que derrubaram o muro e então fizeram duas cadeias, ai o que o Paulo Américo fez, botou na época dele... botou o engenheiro que fez a cadeia [...] ai o Paulo Américo colocou ali mil e quinhentas pessoas.

Yasmim: Nossa.

Wesley: Nossa.

Entrevistado: No (ANEP)??? Morava dois em cada cubículo e a comida vinha lá do caveirão para cá... quando o pessoal fazia guerra de fome e o pessoal fazia guerra contra o jacaré, o

jacaré *[Trecho não compreensível]*.. que é a minoria, então o pessoal do caveirão não queria que desse comida para eles. Aí fazia comida, mas não podia vir comida de lá para cá e ali não tem cozinha. Ai o que acontece, eu fazia comida aqui no casarão, pra minoria*[Trecho não compreensível]* de maneira que fazia comida e ia com as irmãs de caridade levar comida para o pessoal do jacaré, as favelas... pra dá comida a eles porque o pessoal do comando vermelho não queria que o pessoal do (ANEC)??? Comesse.

Wesley: Entendi, faziam pressão.

Entrevistado: É faziam pressão.

Wesley:

Entrevistado: Ai o que acontecia... fazia a comida simples para poder dar vazão, aí eu ia levar lá para as irmãs. [...]

Wesley: Entrevistado colono livre, aqui tinha muito colono livre?

Entrevistado: Aqui teve quase a metade toda da cadeia de colono livre.

Wesley: Quase a metade, era os de bom comportamento né?

Entrevistado: O de bom comportamento.

Yasmim: Tinha um guarda responsável pelo colono ou não?

Entrevistado: A guarda toda era responsável pelos colonos.

Yasmim: [...] e o Senhor Nicasso? Ele trabalhava... [procurando presos] o apelido dele era cachorrinho do mato.

Entrevistado: Colocaram esse apelido nele quando ele... quando eu voltei da fuga e o fantástico e o jornal do Brasil, o jornal veio tudo atrás de mim. Fazer um levantamento sobre a minha vida, meu (projeto)??? minha fuga, aproveitaram a oportunidade e entrevistaram ele também e entrevistaram o pessoal da (peça)??? aqui também, assim sucessivamente.

Wesley: O senhor conviveu com algum preso político?

Entrevistado: Eu convivi aqui [CADF] e na penitenciária.

Wesley: Com que assim ...?

Entrevistado: Convivi lá com o pessoal do Getúlio Vargas... o pessoal que matou Getúlio (???)... com uns políticos antigos que não me vêm na memória o nome, porque quando eu cheguei já estavam lá. E daqui tinha o pessoal....

Wesley: Conheceu o Gabeira?

Entrevistado: Conheci, ele esteve aqui... como se diz ... na época do Castor de Andrade, ??? imperial... de maneira que assim sucessivamente.

Wesley: Então não era só preso político que era colono livre não? Então todos que tinham bom comportamento e que precisa-se era colono livre?

Entrevistado: Não, vou explicar a origem ... como é que criamos o colono livre...

Wesley: Haaa como é que foi

Entrevistado: O Colono livre nó já era federal e de maneira que foi todo mundo para Brasília que era federal, guarda ... foi lá pra Brasília, aqui virou Estado E o Estado não tinha verba para manter aqui a cadeia, então faltou comida pra nós, roupa, faltou tudo. Porque nós tinha tudo com excesso para usar, vender e dar... sendo que é o seguinte, quando veio

para Guanabara, aí faltou tudo também entendeu? Aí veio um diretor maluco para cá, que era do exército que era

Yasmim: Otávio pinto? ...era o Otávio pinto?

Entrevistado: Não, não, era o Mendonça.

Yasmim: Haaa o Mendonça.

Entrevistado: Aí o Mendonça que era militar... viu que a cadeia não tinha alimentação então não podia soltar os presos... aí ele pegou e criou o colono livre. O pessoal que quisesse sair pra fora de bom comportamento, quisesse sair, então fazia uma casa aí, (da noite pro dia)???, ou morava de baixo da pedra (risos), ou se acampava, dormia debaixo de uma árvore [...] de maneira que ele mandou o pessoal para fora. Eu já morava fora, eu morava na casa de visita ali e eu fiz um barraco lá em cima naquela (holaria)??? e tomava conta do estábulo [...] nós saíamos para fora para fazer plantação para se manter e mandar alguma coisa para o pessoal que não tinha nada lá dentro.

Wesley: Que estava sem recursos.

Entrevistado: É sem recursos... e abriu uma portaria para nós pedir recursos para a sociedade lá fora.

Wesley: Haaa entendi.

Entrevistado: Então escrever para a sociedade pedindo recursos, alimentação, material para fazer barraco, casa e etc, etc. Então a gente precisava pedir socorro.

Wesley: As condições físicas, o refeitório, o rancho, a saúde, roupa, até quando era federal era bom, depois então...

Entrevistado: Que acabou tudo ... aí nós tínhamos que usar a nossa roupa a paisano [muda de assunto e pergunta se estávamos cansados de ficar sentado]... aí o que você perguntou?

Wesley: Das condições físicas... há outra coisa que a Myrian pediu para perguntar, o pessoal daqui, os guardas não reclamavam do isolamento não? Por e muito distante... ?

Entrevistado: Não, não... porque nós tínhamos o regulamento para viver isolado. Nós tínhamos por exemplo... uma hora de banho de sol... tá compreendendo? E se quisesse um médico, tinha um médico... tinha meia hora para descer para a refeição, fazer a refeição mais cedo ates da coletividade tá compreendendo? De maneira que quando descia para o isolamento tinha contato com os funcionários que precisasse, médico, saúde, qualquer coisa pegasse e comunica-se. E mesmo a noite na hora do confere, passava por lá, tivesse algum problema pedia um médico [...]

Wesley: Outra coisa, quando mudou para Estadual a disciplina mudou também?

Entrevistado: Alguma coisa mudou, em vez do guarda mandar no preso, era o preso que estava mandando no guarda (risos), pega ai o comando vermelho [...]

Wesley: O senhor acha que por não ter verba, o preso começou a ser usado... ter mais poder lá dentro? Porque não tinha muita verba para controlar?

Entrevistado: Eu já penso... sim, porque a verba diminuiu de um modo geral e o preso, por exemplo, que tem recurso suborna o superior, aí ele passa a ser dominado pelo interno . Você é meu guarda... não tem nada, aí é o seguinte, e quero botar qualquer coisa aqui para dentro, aí

eu te passo um oferta, se você aceitar...você que está precisando de um qualquer. Aí é o seguinte, eu to comprando você, então as coisas funcionam.

Inoã: Seu Julio o senhor sabe se o transporte de presos sempre de Mangaratiba ou de Angra ou vinha sempre, direto do Rio de navios e de barcos?

Entrevistado: No inicio o ??? da marinha trazia aqui... vinha aqui e desembarcava no Abraão e depois passou a vir de Tacuruça e depois passou a embarcar e Mangaratiba .[...]

Yasmim: ...os presos iam no porão do barco ou como é que era que eles iam?

Entrevistado: Nós quando vinha de lá [Rio] para cá [Ilha] nós vinha naqueles carros pequenos que ai vinha dos, três carros, então a gente vinha na caçapa ali atrás. Depois botaram um negócio chamado coração de mãe que vinha de ônibus, as tem umas grades separadas, cada preso num *cubículozinho* daqueles, sentados num banquinho... sendo que chegava em Itacuruça... aí já passou a ser em Mangaratiba, mas antes era em Itacuruça... lá embarcava e entrava no porão da Loreti [...]um preso de privilégio que nem eu , aí é o seguinte, vinha e cima da Loreti, porque é o seguinte, os policias sabia que eu trabalhava para o superior , respeitador de todos os programas, então ele deixava eu ir em cima da Loreti, no convés e os outros iam no porão. No inicio eu vinha no porão também.

Wesley: O senhor sabe o que é a terceira galeria, era um tipo de cela?

Entrevistado: Era onde era o isolamento... é o isolamento, era ala de música ...

Wesley: O senhor lembra como os guardas entravam aqui, se era concurso público ou eles eram contratados daqui mesmo?

Entrevistado: [...] quando vinham do concurso... já vinham com direito ao pagamento direitinho, agora o que era contratado aqui, então não era concurso então ele ficam aqui três meses sem receber... ai tinha que dar alimentação a eles, tirar na nossa para dar para eles [...]

Wesley: Essa eu não sei se o senhor sabe a diferença entre recluso e detento?

Entrevistado: O recluso no meu modo de pensar é ... uma pessoa que não tá culpado ainda , não te processo... não tá... não tá julgado. Qual o nome que eles dão?... ..haaa que não tem culpa nenhuma.

Wesley: Sobre o Dr. França, ele vinha atender aqui [CADF] né, marmo á em baixo ele vinha atender aqui né?

Entrevistado: Ele vinha para cá para atender aqui.

Wesley: Porque a gente tem uma desconfiança de que ele não era médico... que ele era veterinário

Entrevistado: [muda de assunto e fala sobre um veterinário da ilha]

Wesley: O senhor se lembra quando o Dr. França morreu?

Inoã: Se foi antes ou depois da desativação do presídio?

Entrevistado: Foi antes, foi antes.

Wesley: Eu acho que já está bom né?

APÊNDICE B - ENTREVISTA 2

Realizada em 11 de Dezembro de 2010 com ex detento do IPCM , como parte da pesquisa *Violência e Barbárie nas Prisões da Ilha Grande*, coordenada pela Profª. Myrian Sepúlveda dos Santos

Entrevistado: A gente que jura bandeira, pessoa que confiança, então tem que respeitar os direitos dos outros. Então eu era de confiança da administração e os meu companheiros também.

Myrian: O senhor era um mestre, como o senhor conseguia isso? [pergunta sobre como o S. Entrevistado conseguia ter o respeito dos presos e dos guardas ao mesmo tempo]

Entrevistado: Eu queria saber [risos], quer dizer que é o seguinte é mesmo aquele lá em cima, quer dizer que tá sempre me protegendo e os outros também, quer dizer que assim sucessivamente.

Myrian: S. Entrevistado eu vou escrever o segundo volume daquele livro que vem de cinquenta para cá. E a gente não está encontrando os dados nos arquivos, aí eu disse “haa S. Entrevistado vai me ajudar”! Porque o senhor veio para cá muito cedo não é? Cinquenta... cinquenta e oito o senhor foi para penal.

Entrevistado: Vim para cá, fui para penitenciária, depois votei para penal.

Myrian: O senhor veio primeiro para cá [CADF] ou para lá [CPCM]?

Entrevistado: Para aqui [CADF].

Myrian: Cinquenta e oito o senhor veio para cá.. haaa é o senhor Lupércio falou que ele estava aqui quando o senhor chegou.

Entrevistado: Isso é história do Lupércio, mas já estava aqui. Sendo que eu o conheci depois de sessenta e oito para cá.

Myrian: Tá, mas o senhor chegou aqui em cinquenta e oito e quem era o diretor aqui você lembra?

Entrevistado: O diretor aqui na época era um civil, estava passando o trabalho para um militar, eu esqueço o nome dele, o seu Lupércio sabe o nome dele ...

Myrian: Haa o Seu Lupércio falou ... [pensando] era o João Coimbra.

Entrevistado: João Coimbra, justamente, eu conheço ele também, sendo que na época eu estava chegando e ele saindo...

Myrian: Mas será que era o mesmo Coimbra? O senhor Lupércio falou que essa Coimbra saiu em cinquenta e quatro quando o Getúlio morreu, então ... [pensando] então tem um Maldonato.

Entrevistado: Não, não, espera aí eu chego lá. Então o ex-coronel Coimbra que teve aqui da segunda vez, é esse inclusive que trouxe a minha patroa, que eu vivo com ela hoje, a Zindoca Mas sendo que houve outro Coimbra que inclusive eu tinha uma placa dele ... que estava no... não era coronel, era Tenente Coimbra...

Myrian: Heitor Coimbra? Tinha um Heitor Coimbra?

Entrevistado: O Heitor Coimbra eu achei uma placa dele no cemitério de bronze.... tava no cemitério porque ele morreu... mas isso há muito tempo atrás... eu nem me achava aqui.. Mas

vamos voltar para... Quando o Maldonato estava recebendo desse diretor, era quando eu estava chegando...

Myrian: Maldonato era civil?

Entrevistado: Militar, Coronel Maldonato.

Myrian: Ai ele entrou em cinquenta e seis e ficou até aqui até sessenta e um, então quando o senhor chegou aqui... o senhor lembra dele? Como ele era? Bom, mal diretor?

Entrevistado: Era um bom diretor, aliás um homem que me deu o maior apoio.

Myrian: haaa. Então o senhor teve apoio desde o início.

Entrevistado: Inclusive ele era padrinho dos meus filhos , a patroa dele dona Diolinda era madrinha, ele me ajudou muito.

Myrian: E o senhor veio direto para cá, e o senhor ficou quanto tempo dentro e quando o senhor conseguiu sair?

Entrevistado: Lá dentro não sei quanto tempo eu fiquei, mas todo mundo trabalhava fora. Então eu fiquei lá dentro na prova de silêncio que tem que ficar vinte dias, logo quando chega para poder se adaptar com os outros presos e ai o chefe de disciplina legalizar a nossa saída, fazer as fichas e etc... Esse período a gente fica lá dentro e depois eu sei lá... Sai para fora para trabalhar e não voltei mais, só entrava depois de dez horas da noite para dormi e seis horas da manha já estava de volta. Porque eu tinha que fazer o café para ele, para patroa dele e tudo mais e etc. Então eu era cozinheiro, mas antes eu passei pela faxina, antes de acontecer isso. Trabalhei três dias na estrada, três dias na lavoura ai que depois eu fui para casa dele.

Myrian: Ai lá deu certo.

Entrevistado: Ai é o seguinte, fui lá para poder forrar os móveis, botar os cortinas naquele casarão, na sala ali que a senhora deve conhecer. De maneira que eu coloquei , deu certo ai o cozinheiro deles brigou com a patroa deles, com a dona Diolinda. Botaram ele na cela ai na minha ficha reza, estofador e cozinheiro, ai mandaram eu fazer um teste na cozinha, passei também e ate hoje eu não voltei mais, só trabalhando na casa de patronagem.

Myrian: Ai o senhor ficou aqui até quando? Porque depois o senhor saiu, quando o senhor saiu daqui o senhor fugiu? Foi isso? E depois voltou?

Entrevistado: Ai ei fiquei aqui, mais ou menos, um ano e pouco trabalhando aqui por dentro e depois eu pedi para descer para penitenciária, desci para lá ...

Myrian: Qual?

Entrevistado: Professor Lemos de Brito. Ai lá em baixo era o Coronel ?????.[silêncio]

Myrian: Ai de lá quanto tempo o senhor ficou?

Entrevistado: Fiquei um oito meses mais ou menos. Porque lá e baixo me aproveitaram para trabalhar na cozinha da penitenciária, eu fiquei trabalhando na cozinha e fiquei mais ou menos oito meses... fui lá para penal porque a minha tendência era fugir e lá embaixo era mais perto do continente do que aqui, só tinha que por a canoa lá e vou embora [risos], mas essa parte deixa para trás. E ai o que acontece, fui pedir para trabalhar na penal e era o senhor Mendonça o Diretor da penal.

Myrian: E Senhor lembra que ano e isso? Cinquenta e nove ou por aí?

Entrevistado: Isso aí eu não me lembro.

Myrian: Mas isso foi um pouquinho antes de desativar né?

Entrevistado: É um pouco antes. O Lacerda foi lá, eu me achava lá na época, aí o pessoal reclamava com o Lacerda sobre o tal do tratamento, alimentação de maneira que o Lacerda estava com um projeto de acabar com a penal e aproveitou o embalo, aí antes dele acabar com a penal eu fugi [risos].

Myrian: Então seu Entrevistado a sua lembrança desse período é muito valiosa para a gente, o senhor teve aqui em cinquenta e oito, cinquenta e nove e provavelmente em sessenta. Lá um pouquinho antes de acabar. Então o senhor é a única testemunha que a gente tem dessa penal. O Seu Antônio Simplício estava lá nessa época?

Entrevistado: Não, não, ele trabalhava lá em cima.

Myrian: então só tem o senhor para contar como era lá em cima. O Diretor você lembra o nome?

Entrevistado: Era o Mendonça.

Myrian: Haa era o Mendonça e ele ficou até desativar?

Entrevistado: Quando eu fugi eu deixei ele lá.

Myrian: Então conta para gente como era lá [CPCM] e aqui [CADF].

Entrevistado: Lá embaixo [CPCM] o pessoal quando a gente vinha da penitenciária aí vinha uma barca de vinte, trinta pessoas e um grupo para lá e um grupo para cá. Cadeia grande o pessoal vinha aqui para cima [CADF] que era serviço braçal e no mato e etc e lá para baixo [CPCM] ia o pessoal que... defeito físico, já de idade, doente, com cadeia pequena ia para lá. Porque lá não tinha trabalho igual era aqui, o trabalho de lá era braçal, trabalho de mato só que tinha mais pessoas para andar a toa, no meio daqueles matos, nas cachoeiras, mais do que para trabalhar. Porque lá tinha essas pessoas, malucos, velhos, doentes, então ficava tudo lá para baixo. Aqui vinha pessoas com saúde porque tinha que trabalhar mesmo. O que não trabalhava botava lá no sol no curral deixava lá, ou se não tivesse jeito botava lá no segundo, terceiro andar que era o isolamento, porque nós tínhamos que chegar aqui e trabalhar. Então a pessoa que não achava que tinha que trabalhar ia para o isolamento, então aí cansado do isolamento ele pedia para ir trabalhar e o diretor diz que não, agora você quer ir mas eu não quero. Quando eu quis botar você para trabalhar você não quis e agora você quer ir?

Myrian: Quer dizer que aqui [CADF] era mais rígido?

Entrevistado: aqui era, lá embaixo não.

Myrian: Lá em baixo tinha fuga?

Entrevistado: Tinha, aqui tinha uma sirene em cima do muro e quando fugia ligava ela aqui dentro e todo mundo ficava a par que tinha fugido ou matado alguém no mato tinha que recolher as turmas todinha, lá embaixo [CPCM] a mesma coisa. Então o pessoal fugia, tocava a sirene, o pessoal vinha tudo se apresentar no presídio pra fazer o confere pra ver se tinha fugido mesmo ou não porque lá em baixo tinha preso que não tinha o que fazer e ficava o dia todo andando no mato pra conhecer ilha, depois chegava lá para quatro horas e tinha um

porém, não ligava para o almoço, negócio de janta, roubava almoço dos caipiras [risos], o que tivesse no meio do mato, fazia e comia. Porque falava a respeito da comia lá embaixo, o tratamento lá em baixo era muito precário, lá eles davam somente mesmo... era feijão, macarrão, lombo, aquele lombo vermelho, a carne era só pelanca porque o melhor os funcionários levavam tudo para casa então só sobrava mesmo resto. Então jogava aquilo na panela, cozinhava de qualquer jeito e quem quisesse comer come e quem não quisesse...Então tinha o senhor chamado Valdemar Travasso e o pessoal que ele sabia que trabalhava e que queria ter uma melhora na alimentação chegava e pedia uma cebola para ele, uma cabeça de alho, um pedaço de carne ele sempre dava porque sabia o que nós íamos fazer no meio do mato, cozinhar aquilo numa lata qualquer para termos uma comida melhorada. Foi por isso que eu briguei lá em baixo, briguei com um funcionário sobre o problema de roupa e de alimentação e tive que falar com o diretor e pedi-lhe o apoio, o apoio pra ajudar a gente porque estava brabo.

Myrian: E aqui [CADF] era melhor a alimentação?

Entrevistado: Aqui [CADF] era tudo melhor.

Myrian: trabalhava mais, mas era tudo mais organizado.

Entrevistado: Tudo mais organizado, mas lá embaixo [CPCM] não, quando você tinha duas mudas de roupa tinha que dá a outra para o outro vesti. Tinha gente que ficava no pátio de short ou de cueca para lavar a roupa. Foi quando o Lacerda chegou lá e mandou fechar...[Seu Entrevistado aí contar a história se quando um guarda desertor -que cumpria prisão aberta- mandou os presos subirem para trabalhar perto do pico do papagaio sem estarem alimentados devidamente só ameaça de chuva e os presos sem uniforme extra, seu Entrevistado se recusar a executar a ordem e terá o apoio do diretor vigente- Mendonça]

Myrian: Isso era comum, alguém que era acusado de algum crime ser usado como guarda?

Entrevistado: É comum, isso porque o guarda tem arma, pode dar tiro e tem direito de pagar crime trabalhando, pode ser guarda, polícia, só não pode pagar no mesmo ambiente de trabalho, tem que ser transferido de um lugar para outro. Se for num quartel, sai de um quartel para o outro e continua na função dele de acordo com o crime. Por exemplo um guarda sai daqui [CADF] e vai para penitenciária, sai da penitenciária e vem para aqui pagar, mas a ideia é essa regalia, de acordo com o crime... [conta mais alguns exemplos de guardas que cometeram alguma falta e foram transferidos para outros lugares] Então a hierarquia da esse privilégio, é a mesma coisa com o preso também, eu por exemplo sou ou preso de privilégio, eu fiz aberta na penitenciária e não paguei. Eu fui a juiz, cheguei lá o diretor foi junto, Paulo Américo, e quando eu fui falar o diretor falou para eu não falar nada que ele é que falaria por mim, na delegacia não falei nada e deixei o outro falar porque eu agredi ele e assim ele mesmo acabou se comprometendo o juiz então me absolveu... [conta como ele era revoltado consigo mesmo e com as autoridades]

Myrian: E a penal lá de antigamente, os presos eram violentos uns com os outros? O senhor eu já vi fotos de antigamente era fortão e ninguém mexia.

Entrevistado: Não, não...

Myrian: Mas e aqui como era?

Entrevistado: Não, não tinha essas coisas não.

Myrian: Não tinha abuso de preso nessa época.

Entrevistado: Aliais não tinha porque tudo é de acordo com ...[pausa] entendeu? Quer dizer que não tinha nada de valentia, forçado, era tudo espontâneo

Myrian: Isso lá na penal e aqui [CADF]?

Entrevistado: Aqui a mesma coisa [conta como ele era valente e que não gostava de abusos, principalmente contra os fracos]

Myrian: Seu Entrevistado também tem uma coisa que eu não consigo entender, essa coisa de colono livre. Tinha lá [CPCM] e tinha aqui [CADF] nessa época?

Entrevistado: Tinha, tinha.

Myrian: Quem tinha direito? Ficava totalmente solto? Era preso, era solto?

Entrevistado: Lá embaixo ou aqui?

Myrian: Quero saber dos dois.

Entrevistado: Bem aqui [CADF] quando acabou, a Federal foi embora pra Brasília nós estava todo mundo lá dentro, nós tínhamos de tudo. Quando falo de tudo é tudo, então quando acabou a federa e foi para Brasília, começou a faltar tudo. Aí o diretor ficou em pânico.

Myrian: Qual era o diretor na época ?

Entrevistado: Chamava-se também de coronel Mendonça.

Myrian: Era o mesmo ou era outro?

Entrevistado: Era outro, o de baixo era civil e os daqui [CADF] era militar. Então o que aconteceu, faltou alimentação, faltou roupa, faltou tudo. Nós estávamos comendo à prestação, é faltou tudo. E o que vinha tinha que dá um mocado para os funcionários , porque sempre viveram da nossa “tapa”, nós dá o nome de tapa entendeu? E lá embaixo na penal eles também... é a mesma coisa. Quando ficou ruim lá embaixo, eles [os funcionários] mandaram cada um cuidar de si e deixaram nós sem comida pra nós tomarmos uma iniciativa qualquer. Se quisesse fugir, fugia, se quisesse roubar as roças dos caipiras, podia roubar, só não podia entrar em flagrante. Também se entrasse em flagrante eles davam dez dias de cela, somente, e depois de dez dias saia e solta de novo, e ainda falavam, pode dar um jeito de se virar porque comida não têm. Isso lá em baixo [CPCM], aqui em cima quando começou a faltar tudo o senhor Mendonça pegou e recorreu lá para baixo as autoridades máximas e não tinha recursos , aí o único jeito que tem... não pode deixa os presos com fome, o pessoal saiu de bom comportamento... e morar fora, fazer casinha como eu fiz a minha e também fazer uma plantação para sobreviver e ajudar aqueles que não podem sair aqui fora. Nós saímos tudo com esse projeto e agimos assim, entendeu? Então isso tomou tudo de barraco, até Abraão, Parnaióca, lá.. como era o nome? Caxadaço... lá naqueles cantos era tudo barraco.

Myrian: E vocês tinham o confere?

Entrevistado: Tinha, aí era o seguinte, a gente pegava, trabalhava para casa e trabalhava para si próprio pra poder fazer uma plantaçãozinha para sobreviver entendeu? Agora tinha confere

as seis da manhã, meio-dia, quatro horas da tarde e as dez horas da noite para o pessoal que morava fora.

Myrian: Então seu Entrevistado, o senhor contou para gente que fugiu da penal pouco antes de desativar, aí quando o senhor voltou para cá? Que ano?

Entrevistado: Aí eu não tenho na memória, porque eu voltei e fiquei uns tempos na penitenciária

Myrian: Lá na Lemos de Brito?

Entrevistado: Justamente, novamente. Fiquei uns tempos lá, briguei na penitenciária e me mandaram para cá [CADF], aí cheguei aqui em sessenta e quatro, o chefe de disciplina era o Zaqueu, esse que está aí [...]

Myrian: E quando o senhor voltou o diretor era o Paulo Américo?

Entrevistado: Era o Paulo Américo lá em baixo.

Myrian: Lá embaixo?

Entrevistado: É lá no Rio

Myrian: E aqui [CADF]?

Entrevistado: Aqui também teve, Paulo Américo rodou as cadeias todinhas, menos na penal.

Myrian: Mas quando o senhor voltou em sessenta e quatro, você lembra quem era o diretor?

Entrevistado: Era ... [pensando] Capitão Torres

Myrian: Capitão da PM Samuel de Oliveira Torres, era esse?

Entrevistado: Era

Myrian: E como ele era?

Entrevistado: Ele era um homem forte, assim que nem o senhor Lupércio, amorenado, cheio de saúde. Seus cinquenta e poucos anos [...] tivemos uns debates eu e ele, de maneira que assim sucessivamente.

Myrian: Ele então não era um bom diretor?

Entrevistado: Não, não é isso. Nós tivemos um debate, porque o seguinte quando eu voltei o seu Zaqueu me colocou dentro do presídio sem direito a recreação por motivo que eu era fugido. Eu tinha que ir para cela ou para o isolamento, então o que acontece ... me colocou na cela sem recreação, trabalhando na cozinha , perguntou se eu aceitava... aí a minha vítima veio comigo, mas eles mandaram a minha vítima vir comigo pra mim pegar ela dentro do carro, ou dentro da lancha ou aqui em cima. Armaram pra mim, as como eu sempre fui um cara ... botei a minha cabeça para raciocinar [...]

Myrian: Então amaram para o senhor.

Entrevistado: É ..[Começa a explicar,mas acaba mudando de assunto. Conta a História sobre quando ele foi para escola na Lemos de Brito e não foi ensinado, só humilhado pelo o professor. Depois conta a umas história sobre o lanche do professor].

Myrian: Quanto tempo o senhor ficou lá na Lemos de Brito?

Entrevistado: Penso que eu fiquei quase uns dois anos.

Myrian: E o senhor ficou sempre na cozinha?

Entrevistado: Sempre trabalhei só em cozinha, logo no início trabalhei no rancho... depois trabalhei na cozinha...

Myrian: Lá o senhor me contou que tinha uma questão de disciplina, que ganhava umas medalhas

Entrevistado: Não era medalha, era estrela... tinha estrela branca, estrela amarela estrela azul, dependendo do comportamento

Myrian: Isso só lá né? Porque aqui não teve.

Entrevistado: Não, não, só lá tinha isso.

Myrian: Lá [Lemos Brito] tinha trabalho também?

Entrevistado: Tinha, lá era carpintaria, sapataria, faxina geral, cozinha compreendeu? Obras para conservar o prédio, bombeiro.

Myrian: E aqui tinha escola? Aqui em Dois Rios tinha?

Entrevistado: Tinha, meia hora também... Quem estava estudando não ia para a turma do mato, porque tinha que descer para escola

Wesley: E o senhor lembra da copa do mundo aqui? Em 58, em 62?

Entrevistado: Eu não me lembro, porque não sei muito essas coisas de esportes[...] ma pode perguntar.

Myrian: Vamos voltar lá para penal, em cinquenta e nove o senhor já falou que esse trabalho lá fora já estava meio desorganizado, mas as turmas eram de que? Haaaa o senhor conheceu o Dr. França?

Entrevistado: Conheci.

Myrian: Conheceu na penal ou aqui?

Entrevistado: Conheci ele aqui.

Myrian: Quando veio da segunda vez?

Entrevistado: Quando vim da segunda vez.

Myrian: Era ele que era o senhor balança?

Entrevistado: Perfeitamente.

Myrian: Ele ficou aqui muito tempo

Entrevistado: Ficou.

Myrian: Ele botava vocês para pesar e dizia que estava tudo bem?

Entrevistado: Perfeitamente.

Myrian: Eu estava querendo que ele pesquisasse um pouco, depois ele morou muito tempo, acho... no Abraão não foi?

Entrevistado: Muito bem, vou falar um pouquinho sobre o senhor França, vou defender ele, o pessoal aqui mete o málio nele. O Dr. França foi uma dos melhores médicos aqui para mim.

Myrian: O senhor tem conato com a família dele?

Entrevistado: Não, não. A patroa dele que ele arrumou aí, lá embaixo [CPCM]... tá em São Paulo, mas tem um terreno lá na Crena e um lá o Abraão, tinha uma casa ali perto na da igreja, mas acho que vendeu. De maneira que e eu ver, acho que nem reconheço mais.

Wesley: O senhor lembra o nome dela?

Entrevistado: Não. Também tinha um sobrinho que não era dele não, ele arrumou através da mulher dele de São Paulo. A mulher dele mesmo lá de fora não vinha aqui, porque ele era alemão. E de maneira que, falando do senhor França, eu tive um problema um problema intestinal e falei para o Dr. França... falei o que estava acontecendo, a respeito também do meu trabalho... O problema meu era que eu estava evacuando sangue, de maneira que ele disse, vou te dar um remédio, de maneira que você vai usar o supositório, tomar o chá e vai acabar com isso tudo. Quanto eu ia evacuar, fazia força e saía sangue, então ele mandou eu comprar, lá em baixo na farmácia uma caixa de supositório de erva de bicho... depois me ensinou como fazer o uso do supositório e como fazer o chá... aí o seguinte, passei a evacuar, com o chá parei de evacuar sangue e até hoje, ele que me deu essa receita. Então eu agradeço a ele. [conta que o Dr. França o alertou a respeito de diversas coisas que fazem mal a saúde, como o vapor quente nas pernas e o excesso de calor na barriga quando se trabalha na cozinha]

Wesley: O senhor lembra do período que ele ficou lá trabalhando?

Entrevistado: ...isso eu não tenho na memória não, mas o período quando eu voltei ele já estava aqui, até ajudei ele muito ali na enfermaria. Porque assim que começou aqui em cima [CADF] na cadeia tinha muito, negócio de facada, crime de morte, essas coisas e de vez em quando parecia um esfaqueado e tinha que costurar para poder mandar para o Rio e a enfermeira aqui para costurar dava um trabalho, botar o cara numa cama, costurar sem dar uma anestesia, nosso couro era muito duro, então as vezes pedia para segurar o cara para esquentar agulha e eu estava sempre lá, então sempre acontecia isso.

Myrian: ... senhor lembra das turmas de trabalho por aqui? Que tinha melhor comportamento ia para pescaria, tinha alguma diferença ou não? Naquela época o senhor trabalhou m alguma?

Entrevistado: Saía com a turma... tinha uma placa na parede, tinha turma da pesca, (holaria)???, areia, (sarmeira)???, pedreira, estrada, faxina geral, lenha, viga...

Myrian: Viga anda era aquela coisa pesada de se carregar?

Entrevistado: Mais é claro, a gente cortava e lá dentro tinha máquina para cortar tudo isso. O caminhão vinha e colocava as madeiras lá na esteira, aí fazia tábuas, fazia pranchão, fazia tudo, fazia móvel. Então tinha essas turmas todinhas, tudo era turma, oficina, mecânica. Tinha a placa e tinha que formar ali e eu era da turma da "tindá", tindá era o nome daqueles que trabalhavam nas casas dos funcionários. Então tinha muito afeminado, quase todos os caras afeminado saíam na turma da tindá, botava os homens para lavar roupa na casa dos funcionários de maneira que assim sucessivamente. Os homens não queriam sair na turma dos tindá, porque tinha muito afeminado, a bichas tudo... O pessoal ia para fila, as bichas formavam na frente e os homens formavam na retaguarda e eu recentemente chegando aqui, me colocaram na turma da tindá. Então alguns dos meus companheiros chegaram e me chamaram para conversar... E perguntaram, você vai sair na turma do tindá? E eu falei "vou".

Myrian: Mas vocês podiam escolher ou não, tinha que obedecer? Vocês podiam escolher para que turma iam?

Entrevistado: Se não quisesse ir também era só falar com o chefe de disciplina. E eu disse “eu vou” e perguntei a ele o porquê dele estar me censurando, então botaram uma pedra em cima da malícia.

Myrian: Era um trabalho bem mais leve né?

Entrevistado: O que a turma da tindá fazia, limpava o quintal, varrer casa, lavar roupa, cozinha para o funcionário enquanto as mulheres Deles ficam por aí na praia, contando história...

Myrian: E tinha preso político aqui na época?

Entrevistado: Tinha, tinha subversivo e tinha político. Político não fazia nada, ficava lá dentro no gabinete, junto com a diretoria... e o militar ficava no cubículo, até descer lá para baixo, porque eles não podem ser misturados com os outros presos.

Myrian: Então não misturava

Entrevistado: O subversivo era o militar, então o militar que rouba, que mata, que vem para cadeia, que assalta isso é subversão... Eles tem instrução e passa para quem não tem ...

Myrian: Seu Entrevistado o senhor esteve lá embaixo na penal, aqui na agrícola e lá na Lemos de Brito, quando a violência saiu de controle? Porque antigamente o senhor falou que não tinha valentia.

Entrevistado: A violência, quando começou o comando vermelho... aí não tinha violência, tudo era em comum acordo, mas tinha quem achasse que ia acabar os acordos... tinha preso que era casado um com o outro inclusive alguns combinavam com o guarda de colocar o cara no sua cubículo, o guarda botava mas sabia que boa coisa não acontecia por lá... mas para essas finalidades tinha apoio, ficava responsável do outro, até os pertences dividiam... A gente estava na detenção e lá tinha a divisão, de lá ia para a penitenciária. Então quando a gente chegava o chefe de disciplina separava, a gente entrava no salão e ficava sentado e falava o seguinte, os homens cara cá, para lá o amador para cá... aí eles examinavam os documentos dos fichados na delegacia e o amado que não era fichado em lugar nenhum e se na daquele amador quisesse entrar no meio dos homens para não ir, porque tinha separação, não o seu lugar é lá... então não precisava fazer nenhum exame, então se precisasse porque foi agarrado no carro, havia estupro essas coisas, então o diretor mandava ir para Angra dos Reis fazer exame de corpo e delito. Fazer o exame e trazer o laudo para saber se ele era estupro mesmo, se ele era profissional ou se era amador. Porque o amador aqui a gente chama de viciado, as bichas não, as bichas são fichados, então se ela que casar ela casa, se não fica por aí a vontade... Aqui por exemplo tinha esse direito, o cara veio aqui e me agarrou, ou fui flagrado pelo superior então vou para o corpo e delito ..

Myrian: Mas o pessoal ia mesmo seu Entrevistado? O pessoal não tinha medo de morrer?

Entrevistado: Medo tinha, mas tudo tem o amor, o carinho e umas histórias, porque as vezes um individuo vai conversar com o outro afim de ... transação errada e então ele diz, você escolhe seus colegas já passaram por isso e está todo mundo ia com saúde COI e tal coisa e tal.... mas se ele achar que deve brigar pra proteger a moral dele etc e etc aí já é diferente, mas aí tinha acordo, fazia programa e assim sucessivamente.

Myrian: Mas o senhor começou a falar isso porque eu perguntei onde era mais violento, o senhor falou que foi quando o comando vermelho chegou.

Entrevistado: O comando vermelho veio para acabar com esse negocio de pederastia etc e etc na cadeia, mas infelizmente, em vez de acabar.... acabou agitando mais. Vou explicar o motivo, o pessoal aqui todo assalto que tinha lá fora, uma parte, um subsídio vinha aqui para dentro. Assalto de banco, assalto de joalheria, todo tipo de pintar dinheiro uma parte vinha cá para dentro, do tóxico uma parte vinha para dentro. Então a visita aqui nossa levava um “catatal” escrito para ir no morro tal pegar ou mandar para cá o tóxico e mandar dinheiro para as bocas lá fora, sendo que tinha pessoas que iam e pegavam o responsável lá fora para encaminhar,mas não encaminhava, embolsava. Mas eles não pensavam que um dia poderiam cair aqui, então esse que embolsou quando menos esperava, caia em contradição e caia aqui. Chegando aqui tinha alguém para cobrar dele o que mandou pedir lá fora, sendo que ele mandou pela visita de preso o pedido, a visita volta aqui novamente e ela diz “eu mandei o pedido por fulano ” e então eles vão cobrar delas. Elas vão ter que usar seus recursos e lá fora ela mandou avisar os outros para diz que mandou, que despachou, mas não chegou. Então quando chegar aquela pessoa que pegou e vez de ser cobrado lá fora, era cobrado aqui dentro. Então qual era o regulamento? Matar. Então criou dois comandos, comando do jacaré e comando vermelho, houve então uma separação aqui na galeria, comando do jacaré de um lado e comando vermelho do outro para evitar desses problemas. Quer dizer, se o comando vermelho está com medo ou o jacaré, então ele pedia seguro de vida, então iam para o seguro para evitar de estarem brigando... e para nós aqui arma era fácil, era só jogar por cima do muro, marcar o apontamento, vou jogar tantas horas vai cair lá, coisa e tal, depois procura e assim sucessivamente. E às vezes quando eu vinha da condução, do Rio lá para cá, o carro era fechado que nem esse aqui, dois, três agarrava um. Para desmoralizar porque estava devendo, aí quando chegava aqui já tinha nego esperando para matar, tinha gente que ia na direção mas não tem jeito, isso é coisa de cadeia, então ficava por isso mesmo. Quem matou vai se dar um processo, quem morreu (vai bem)???

[Myrian vai embora e Wesley e Yasmim continuam. O entrevistado comenta sobre as respostas que ele já deu]

Yasmim: A gente está também fazendo uma pesquisa a parte, o senhor conheceu a Madame Satã?

Entrevistado: Conheci

Yasmim: Como ele era? O senhor Lupércio falou que ele trabalhava na turma do tindá né?

Entrevistado: Trabalhava no tindá e aqui [CADF] também, ela teve aqui, mas eu não estava aqui, estava lá para baixo, as ela trabalhava na tindá. Era cozinheira, lavava roupa, criava porcos, galinha essas coisas, morava fora. E sobre a moradia fora, não só ela que tinha lá, mas uma meia dúzia de companheiros que moravam fora, lá tinha o bexiga , tinha o malvadeza ... [fala nomes de presos] isso tudo era preso que morava lá fora.

Wesley: Colono livre?

Entrevistado: Colono livre. Já os outros moravam dentro do cubículo, porque lá não era pavilhão... [explica a localização da galeria com gestos- não explicativo em áudio] ... No pavilhão morava quem tinha bom comportamento, quem trabalhava lá dentro, quem tinha uma melhor regalia, por exemplo, a pessoa que era cozinheiro, pessoa que lavava para os internos lá dentro etc e etc, então ele morava no pavilhão, pessoal de regalia. Já os outros não moravam no coletivo, morando cinquenta em cada cubículo quer dizer, assim sucessivamente.

[Termina a entrevista com ele dando alguns nomes de moradores antigos do Abraão]

APÊNDICE C - ENTREVISTA 3

Realizada em 15 de Abril de 2011 com ex-policial militar funcionário do IPCM , como parte da pesquisa *Violência e Barbárie nas Prisões da Ilha Grande*, coordenada pela Prof^a. Myrian Sepúlveda dos Santos

Entrevistadores: Inoã, Rafaely, Renata, Wesley e Yasmim.

Renata: Dia 15 do 4 de 2011, seu nome, por favor?

Entrevistado: (trecho cortado) tenho 61 anos, sou de 1949, nascido na cidade da – pega bem?

Wesley: Pode, pode, pode falar sim. À vontade!

Entrevistado: Nascido na cidade de Bel Monte, estado da Bahia, ta? Sul da Bahia. E.., vim pra Ilha Grande em 1975, quando eu vim pra servir à Polícia Militar. E cheguei aqui e estou aqui até os dias de hoje.

Yasmim: O senhor veio por concurso? Veio transferido?

Entrevistado: Não. Eu vim por concurso.

Yasmim: Fez concurso?

Entrevistado: Fiz concurso e vim pra Polícia Militar, só que meu recrutamento foi feito aqui, nós ‘era’ uma turma de cento e poucos homens, duzentos e poucos homens , mas ficamos aqui, ficamos cem e os outros cem foram lá pra CEFAP. Nós fizemos o recrutamento na Ilha Grande ‘memo’.

Yasmim: Mas geralmente era concurso ou não?

Entrevistado: É, por concurso.

Yasmim: Por concurso. E... aqui, quando o senhor chegou aqui você conheceu quem? O Seu Lupércio já tava aqui?

Entrevistado: É quando eu cheguei aqui já tinha o Seu Lupércio, o Antonio Simplício, são guardas antigos, tinha o Zaqueu, o Pereira, já moravam aqui.

Yasmim: O senhor veio com a família, veio sozinho?

Entrevistado: Não. Quando eu vim pra Ilha Grande, eu vim praticamente sozinho, eu cheguei aqui, gostei da Ilha Grande e foi praticamente aqui que constituí família.

Yasmim: E... o senhor começou a trabalhar então em que ano?

Entrevistado: Em 75.

Yasmim: Em 75.

Entrevistado: Em fevereiro de 75.

Yasmim: O senhor trabalhava como o que?

Entrevistado: Não, começamos aqui fazendo policiamente, a segurança do presídio externo, né. Nós fazemos o policiamento externo da penitenciária, mas com, depois de um ano, aí eu recebi um convite pra trabalhar, é ..., interinamente, no presídio junto com a segurança do presídio. Aí passei a trabalhar com turmas de presos. (palavra que não entendi) turmas de presos pra trabalho, entendeu? Aí, depois passei a trabalhar ajudando a segunda sessão, da PM, que somos aqui da companhia, e a P2, trabalhava em conjunto com a P2 porque eu, eu trabalhava com presos e tinha muito informações sobre o presídio, sobre a questão de, de, da, de fuga de presos, sobre a questão de presos que andavam armados de facas e tal, e maconhas eram trazidas. Então, como eu trabalhava com presos eu procurei sempre me empenhar nesse sentido de informações sobre a questão do, da segurança do presídio, aí passei a trabalhar juntamente com o pessoal da P2, e..., trabalhando, né, aí quando foi em 87, fui convidado pra assumir um cargo de chefia no presídio. Chefe de disciplina e depois logo a seguir eu assumi a segurança. Aí fiquei até 93, quando, fui, retornei à PM e foi em 94, houve a implosão.

Wesley: O senhor lembra das turmas que o senhor pegava lá?

Entrevistado: turmas?

Wesley: É.

Entrevistado: ahh, eu trabalhei com turma de estrada.

Wesley: Estrada.

Entrevistado: Trabalhava com vinte e poucos presos na estrada, sozinho. Com a turma da lenha, trabalhei com a turma da lenha, entendeu?

Wesley: E... o senhor se sentia seguro, o senhor achava que...

Entrevistado: Não. Seguro você, aqui, como era, assim, uma cadeia atípica, e você trabalhava com vários tipos de presos, não só com aquele preso, é, pé de chinelo, mas com presos mesmo de, de alta, né, e eu procurava sempre trabalhar com preso de tudo quanto era tipo, porque eu trabalhava com muitos informantes, entendeu? Então, eu tinha que ter na minha turma muitos informantes, e pra que eu não tivesse a sofrer algum tipo de, né, uma fuga e eu não saber. Aí, geralmente, quando ia acontecer alguma fuga eu já ficava sabendo antes, então a gente já se prevenia, entendeu? Aí a gente procurava se prevenir como ia, entende? Eu trabalhei com a turma da estrada com presos assaltantes de bancos, né, e o pessoal da lenha mesmo, trabalhei com o pessoal do, com uma turma de doze, eram treze homens na lenha e só nessa época da lenha eu tive, eu, teve uma certa época eu 'tava' com o pessoal da lenha e eu tinha um informante, né, e a turma 'mermo' que trabalhava comigo era tudo da pesada, né, inclusive foi tudo pessoal do terceiro comando hoje, terceiro comando. E esse pessoal, ele, tinha um dos internos de turma que morava extramuro, e nesse dia eu saí com a turma e fomos pra turma da maravilha e chegamos lá a turma subia, né, pra derrubar lenha e ficou esse preso, ficou junto comigo, conversando comigo e eu falei: ó, você não vai subir não? Ele falou: Não, não vou subir não, porque estou me sentindo meio doente. Aí eu, mas aí eu fiquei, eu tava prevenido pra tudo, a gente sai e sabe que, né. E... o pessoal começou a derrubar, botar a lenha pra baixo e chegou o motorista da caçamba, o piloto, chamado piloto. Ele chegou e aí eu perguntei pra ele: Ué, o que 'tá' fazendo essa hora aqui, ainda não, a lenha não 'tá' pronta não! Ele ficou ali conversando, rodava pra lá, rodava pra cá, mas eu tava prevenido e esse rapaz o que tava na turma, da minha turma (esse que ficou com ele dizendo que estava meio doente) ele não se afastava onde eu estava, estava sempre próximo a mim, aí tal, ficou ali. Então falei: Olha, então faz o seguinte, 'cê' vai, retorna com a caçamba e daqui a meia hora você volta pra 'panhar' lenha. Vai lá pra estrada que a turma já deve estar precisando da caçamba, você retorna aqui que a gente vai colocar a lenha. Ele saiu com a caçamba e aí depois no outro dia o Beto, que esse rapaz, veio conversar comigo e falou comigo, ó: o problema era esse, esse e esse. Os caras iam tentar pegar o senhor (pegar o Entrevistado), entendeu? Por isso que eu não subi (o informante falando a Seu Entrevistado). Porque nós já tínhamos acertado lá dentro, entendeu? Os caras chamaram o pessoal da turma que eles iriam pegar o senhor como refém pra fugir com a turma da estrada, com a outra turma da estrada, então o pessoal da lenha não concordou com eles, devido ao tratamento que eu dava pra eles, né, eu tinha, dava toda liberdade, mas dentro dos limites. E ele falou assim, olha: Os caras 'ia' pegar o senhor, o piloto é que ia fazer a parada, ele ia seqüestrar o senhor aqui, e a turma já estava aguardando lá e ia prender os outros dois guardas lá da estrada pra fazer o... Aí ele me falou isso. Aí eu falei; Tranquilo. Aí foi quando eu entrei em contato com a, o pessoal da direção e nós procuramos

retirar esse pessoal, recolher esse pessoal que, entendeu, que estava com esse 'prano' de fuga. Então, foi só uma única vez que...

Wesley: Era comum ter esse, ter esse, esse contato, essa comunicação assim desses informantes que o senhor falou?

Entrevistado: Praticamente é porque você trabalha com preso, entendeu? E quando você trabalha, você tem que saber de tudo, porque se você não tiver informação você não consegue nada, entendeu? E eu procurei, procurava sempre trabalhar com informação, tanto que até hoje, é..., o que eu falo pra vocês aqui é porque eu vivi. Tem guardas aqui, têm policiais aqui que trabalharam aqui 30 anos dentro da cadeia e não sabem nada, contam, às vezes, uma história que não é verdadeira, entendeu? Se perguntar como que é que o Comando Vermelho foi, surgiu o comando vermelho, ele vai contar (os guardas e policiais), mas não vai saber por detalhe ou porque, o que que foi, entendeu? Como é que surgiu o Terceiro Comando, quantas facções tinham na cadeia, entendeu? E tudo isso eu tinha, sabia, entendeu? Sabia de tudo isso, como surgiu, quantas facções tinham dentro do cárcere. Quando cheguei pra aqui em 75, aqui tinham, mais ou menos, umas 5 facções, quadrilhas, entende? Tinha um pessoal que, que eles se dividiam em quadrilhas, aonde tinha uma das quadrilhas que lhes assaltavam dentro do próprio cárcere, os próprios internos, eram assaltados por eles, entendeu? Se chegasse um, por exemplo, vinha um preso transferido pra cá, preso novo, né, boa aparência, e não tinha ligação nenhuma com outras facções, à noite eles iam e 'estrupava' o camarada, entendeu? 'Estrupava', e se o cara reagisse, eles matavam, quando o cara não reagia, eles 'estrupava' e vendia já pra outra quadrilha lá: Oh, me dá tanto que o cara é teu. No outro dia, de manhã, quando o cara descia pro pátio, falava: Ô fulano, você vai lá pro meu cubículo. O cara passava a ser o garoto, garoto é o 'veado' da cadeia, é o garoto, né, se você chamar, chegar numa cadeia e chamar um cara de garoto ele vai ficar bravo, um garoto na cadeia é o 'veado'.

Wesley: Isso já em 75, né?

Entrevistado: É, em 75, entendeu? Aí, depois, 75, 76, mais ou menos em 77, já, foi quando houve as brigas de facções, que o Comando Vermelho ele, ele foi, na época, a Falange Vermelha, né, já em 75, quando saiu os últimos presos políticos, então a Direção Geral mandou pegar o pessoal do fundão que era o pessoal da Lei de Segurança Nacional, que eram os presos que eram assaltantes de banco, que eram enquadrados no AI-5, Ato do, do, da Ditadura. Aí mandou jogar todo o pessoal no convívio, né, mas como eles já tinham contato com o coletivo porque eles viviam na mesma penitenciária, só que isoladamente. Mas eles se comunicavam porque eles viviam nas 'mesma' comunidades que os presos 'comum' viviam, eram presos da Providência, presos da, da, do Rebu, presos do, do, lá de, de, da Rocinha, entendeu? Então eles já tinham contatos, já sabia, é: Fulano tá aí e tal. Então eles já,

entendeu? Já se organizavam dessa maneira, então o Comando Vermelho ele se formou em Falange Vermelha. Tanto que, quando liberaram, eles escolheram: Não, eu quero ir pra terceira galeria. Muitos foram pra terceira galeria porque lá já tinha o pessoal do, da terceira que eles 'conhecia' lá do Rebu, lá do, entendeu? Lá de Senador Camará, entendeu? Aí já foram pra lá, outros já foram pro, entendeu? Depois é que eles estabeleceram dois cubículos que ficou o cubículo 14 e o 16, que passou a ser o pessoal do Comando Vermelho, entendeu? E depois que eles se estabilizaram, eles fizeram o que? Ganharam o coletivo porque eles começaram a se organizar, montaram a cooperativa de que antes tinha as cantinas nas, nas, nos cubículos, eles formaram uma cooperativa, o diretor concedeu aquela oportunidade e eles, né, a cantina, na época, era dirigida pelo, pelo funcionário, funcionário que mantinha a cantina lá dentro. Aí, quando eles se fortaleceram, o que que aconteceu? Essas cantinas eram sempre arrombadas, entendeu? Vinha um preso lá 'bichava', tal, e roubava tudo. Aí o guarda o que fez? Abandonou a cantina. Aí eles montaram a cantina deles, era cooperativa. Então eles fizeram o seguinte, o pessoal que fugia era obrigado a mandar uma quantidade de dinheiro, entendeu? Era obrigado a financiar fugas, entendeu? Pra poder eles manter aquele. E eles começaram a trabalhar dessa maneira, pessoal do Comando Vermelho. Aí foi quando eles se uniram ao pessoal do, do, do Terceiro Comando que é hoje Terceiro Comando, mas antes era o pessoal do Coréa. Coréa era um elemento que tinha aqui que chamava-se Coréa, porque ele morava lá na Coréa. E... se uniram a eles o pessoal da zona sul também que era chamada (palavra que não entendi) chamada zona sul pra eliminar o pessoal do Jacaré, aquele pessoal que assaltava, que 'estrupava', que matava sim, (palavra que não entendi), pra roubar. Aí que houve uma matança, eles mataram o pessoal, o restante é.. pediu pra sair fora, conseguiu sair, pedir seguro. Então, eles tomaram o comando da, da penitenciária. Só que depois, o Comando Vermelho queria mais, eles 'queria' mandar sobre toda a penitenciária.

Inoã: Antes era Falange do Jacaré?

Entrevistado: Antes era Falange Vermelha, depois eles mudaram pra Comando Vermelho, né.

Wesley: O Jacaré era Comando do Jacaré, né?

Entrevistado: Não, o Jacaré era Jacaré puro.

Wesley: Só puro?

Entrevistado: Jacaré era uma quadrilha... num era aquela quadrilha organizada, entendeu? Era uma facção assim, um grupo, eram grupos, assim como tinha Zona Sul, como tinha o pessoal da Terceira, tinha o pessoal do Jacaré, entendeu? Eles 'estrupavam' então eles faziam tudo, entendeu? Às vezes, tinha muitos presos no seguro, que não, se saísse era, ia ser morto, então pedia pra ficar no seguro. Então o Comando Vermelho o que ele fez? Pegou esses

presos e garantiu a eles, ó: Vou tirar vocês do seguro, 'cês' ficam no nosso cubículo, fica com a gente. Qualquer coisa, vocês assumem. Então se a gente tiver que matar alguém o cara vai lá e assume: Ó, fui eu que matei. Então esse era o famoso robô. Aí foi criado, eles foram criando o robô porque os caras matavam e pegavam você, ou você, que não tinha nada a ver com, pegava a faca e: Fulano (o robô) ó, vai lá e se entrega. O cara chegava lá no diretor e: Matei o cara lá, tal, fiz isso e pá, pá, matou. Quer dizer, pegava o elemento e levava pra Angra dos Reis e ele assinava lá um 121, mas os verdadeiros assassinos ficavam aqui, entendeu? Daí tinha uns outros bondes aqui. E eu chegava aí o cara ó: Vai morrer fulano e fulano. Aí o cara chegava lá e arrumava 5, 6. Fulano, 'vamo' lá. Ia lá pegava o cara e pum, matava, aí chegava lá pegava o cara, o famoso caneta, é o cara que só assina. Fulano, ó, vai lá. Vai lá pegar lá, chega lá. Matei o cara lá, fui eu que matei. Às vezes morria 3, 4, o cara chegava, um cara sozinho assim e entregava: Matei. Às vezes um cara aleijado, a 'perna' todo. Sabia que o cara matava, 'a palavra dele'. Entendeu?

Wesley: Não tinha investigação interna não?

Entrevistado: Não. Mas o presidente não vai falar, 'tendeu'? O guarda sabia, mas isso às vezes o... Ele nunca ia saber, o cara se entregou. Chegar na delegacia também, galera quer saber que o cara assinou lá, como assassino. E às vezes o cara passava a ser o cara de morte nas costas, aí, 'tendeu'? Mas 'os verdadeiro' assassino não... Então tudo aquilo é, é, eu sabia de tudo aquilo. É tanto que muitas das vezes eu chegava: Ó, vai morrer alguém. 'Cabar chegando num barco aí 'pa morte'. Às vezes a gente conseguia detectar o elemento e tirar ele, quando não morria antes. Às vezes até do camburão, do camburão até Mangaratiba. Quando eles abriam o camburão o cara já 'tava' enforcado, como aconteceu umas 2 ou 3 vezes aí, 'tendeu'? O cara sabia que chegavam aqui e eles iam 'mata'. Mas também tinha possibilidade do cara chegar ali na escolta e pedir: Chefe, eu não quero entrar aí. E de pedir seguro e o cara não morrer. Então que que faz? 'Os cara' que às vezes 'tava' vindo transferido também, sabia do problema aí matava o cara logo no carro. O comandante da escolta abriu o camburão: Ué tá faltando um, aí quando ia entrar pra ver tava o cara já morto lá dentro. Quem foi? Ninguém segura, 'tendeu'? Ninguém segura.

Wesley: Seu Entrevistado, é, esse, é, defesa que o senhor 'tá' falando é o que? Celas separadas?

Entrevistado: É, seguro.

Wesley: Seguro é o que?

Entrevistado: Tem, é... cela de seguro. Ou seja, 'tá' no coletivo, de repente você sabe que 'cê' vai morrer. Então você vai até a segurança quando dá tempo, pede o guarda: O inspetor, olha,

quero sair da cadeia. Então o inspetor logo tira o cara da, de dentro da penitenciária e leva 'pra' segurança. Ó, o cara 'tá' pedindo seguro, 'tendeu'? E se ele entrar, morre. Às vezes um problema à toa ele morre, às vezes até uma carta que ele recebe, 'tendeu'? É que eles fazia muito às vezes isso, o cara que saía, por exemplo, o cara do Comando Vermelho, o cara do Terceiro Comando, mas se aliou ao, ao Comando Vermelho às vezes vinha carta 'pra' ele, 'os cara' lia antes 'pra' saber o que que vinha. Muitas vezes a carta vinha, era trazida 'duma' penitenciária lá de baixo: 'Pô', é amigo. Como o pessoal do Comando Vermelho, quando houve a briga entre o Terceiro e o Comando Vermelho, lá todo mundo amigo, todo mundo assaltava banco junto, joalheria, 'tendeu'? Mas quando houve a briga, teve muitos que ficaram em cima do muro, não aderiram à briga não: 'Pô', sou amigo teu e sou amigo dele. 'Pô', nós 'estamo' brigando, por quê? Aí o cara não queria saber: Ó, ou 'cê' fica com a gente ou morre. Se o cara 'tá' sozinho no coletivo, meu irmão, ou ele fica com eles ou então, vai ter que morrer. Como que aconteceu, que muitos morreram, 'tendeu'? Muitos do Comando Vermelho morreram também. Eles mataram também, porque, porque ele tinha amigo lá no Terceiro Comando, 'tendeu'?

Yasmim: Só uma pergunta, a gente tem uma dúvida. O que, é, os presos que vinham pra Dois Rios, eles já vinham sentenciados ou não?

Entrevistado: Não. Muitos já vinham 'sentenciado', mas ainda com processo pendente, 'tendeu'? Muitos vinham pra cá já com a cadeia de 20 'ano', 10 'ano', mas já, ainda com 4, 5 processos ainda 'pra' responder, 'tendeu'? Chegava aqui ainda tinha 10 'ano', mas, 'tendeu'? Tinha muito processo ainda pendente 'pra'...

Yasmim: E a disposição do chefe de polícia, era o que?

Entrevistado: Do chefe de segurança?

Yasmim: É.

Entrevistado: 'Ah', o chefe de segurança aqui, ele tomava, ele praticamente, vinha o diretor, 'né'? Tinha o diretor, tinha o chefe, o subdiretor, 'né', que era o segundo diretor. Tinha o chefe de administração, tinha o chefe de segurança, chefe de disciplina e o chefe de vigilante. A vigilância ficava, era responsabilidade dos, de manter os guardas, 'né', era responsável pelos guardas. O chefe de disciplina trabalhava junto com o pessoal do, do, lá da, da administração sobre a questão da pena do preso, de, da disciplina do preso, tá. Mas o chefe de vigilância e disciplina trabalhava junto com o de segurança. E o chefe de segurança é que fazia a segurança do presídio, entendeu? Por uma questão de, no caso aqui os presos saíam, então o chefe de segurança, ele tinha que avaliar a saída do preso. Mas como aqui era uma cadeia atípica, qualquer preso saía 'pra trabalhar'. Mesmo que, desde que ele não tivesse com, com

mau comportamento. Se ele tivesse um bom comportamento ele saía 'pra' trabalhar em qualquer turma dessa aí. Às vezes o cara fugia, é tanto que tinha muitos presos que era fujão, mas 'tavam' sempre trabalhando aqui fora, que fugiam, iam pra cela, passavam, é, 30 dias na cela, depois 30, mais 90 dias de isolamento, que era, ficava isolado do convívio coletivo e depois ele ia 'pro' convívio coletivo. Depois de 6 meses ele já 'tava' aí, praticamente com a, com o comportamento dele bom. Como era um preso trabalhador, o cara que pegava na enxada, trabalhava bem, se dava bem com o funcionário, aí o funcionário chamava ele pra trabalhar.

Wesley: O senhor lembra de, de ter vindo adolescente 'pra' cá, não 'né'?

Entrevistado: Não, adolescente não. Teve, vinha aqui preso com 21 anos.

Wesley: Eles se misturavam, assim, as pessoas com pena mais alta e mais baixa?

Entrevistado: É, tudo junto.

Wesley: Tudo junto, 'né'?

Entrevistado: Aqui não tinha... E olha, eu acho que nessas penitenciárias não existe isso. Todo mundo, tanto faz o traficante, o assassino, aquele que comete o 121, que é o crime de morte 'tá' tudo junto, e acho que é por isso que hoje a criminalidade 'tá' desse jeito, porque se houvesse separação, talvez não tivesse tanto bandido na rua, 'tendeu'? Que aí eles misturam o cara que às vezes rouba lá uma bolsa, o cara vem 'pruma' penitenciária que tem traficante, que tem o cara matador, tem o cara que... assaltante de banco, quer dizer, o cara já é uma escola. Ele chega na delegacia, já é uma escola. Quando ele vem 'pra' penitenciária, é uma faculdade.

Inoã: É.

Entrevistado: Aqui ele vai aprender tudo que ele 'num', que ele não sabia na rua, ele vai aprender, 'tendeu'? Querendo ou não ele vai ter que aprender. Eu já vi aqui muito menininho novinho chegarem aqui e saía daqui formado. Às vezes saía dali com a liberdade dele ali, e se perguntava pra ele: Vem cá, que que 'cê' vai fazer na rua? É chefe, eu vou correr atrás do meu prejuízo. Quer dizer, queria dizer o que? Ia correr atrás do prejuízo dele, que ele 'tava', fico preso 'esses ano' todo aí, ia ter que, 'tendeu', também o cara saía, não tinha a mulher em casa, às vezes com 2, 3 filhos, a mulher trabalhando. Ele ia, vai chegar na rua, saía daqui com um bocado de bilhete na, no bolso: Escadinha, fulano, morro tal, morro tal. Vai fulano, vai lá, vai, entrega lá, saía com tudo ali, mesmo se ele não quisesse voltar à vida do crime. Saía daqui duro, muitas vezes eu dei até dinheiro aqui 'pra' ele sair daqui, 'tendeu'? Aí, toma aí, tá aí,

passagem dele. Às vezes ele chegava lá, a gente mandava, passava um rádio lá 'pra' baixo DPO pra botar ele na lancha de graça. Aí já saía duro, 'tendeu'?

Wesley: Mais cedo ou mais tarde poderia voltar, 'né'?

Entrevistado: Aí ele chegava em casa, a mulher, 'os filho', 'né'? Às vezes a mulher trabalhando, ele olhava a bolsa cheia de nota: 'Pô', vou lá no Zequinha. Chegava lá na Providência: Aí meu irmão, eu 'to' vindo da Ilha Grande aí, o Zequinha mandou passar aqui. O cara olhava: 'Ah', o Zequinha mandou? Poxa, entra aí meu irmão, chega aí. Que que 'cê' quer aí? Vai de branco ou vai de preto? 'Pô', aí o cara viciado, 'né', quer dizer, na cadeia ele já viciado, o cara bota lá um prato lá cheio de cocaína, ele deitava ali..Chegava lá e pedia ao outro pra emprestar, aí o cara dava e mandava ele voltar depois *pra* pagar.Chegava em casa e gastava tudo, com presente *pra* mulher, *pra* os filhos.Eu tô dizendo porque eu via e o preso já falou isso *pra* mim, que chegava e acontecia isso com ele.A questão dele não era nem voltar a vida do crime, mas chegou lá, cheirou, ficou com a cabeça doidona e o cara deu um dinheiro a ele, voltou *pra* casa com aquele dinheiro e comprou o que ele queria.Ele tinha que voltar lá *pra* pagar o cara, porque se não voltar ele morre.E eles sabiam porque traficante cobra mesmo, não adianta.Aonde ele for "nego" vai atrás dizendo que ele está devendo.Acabou o dinheiro, tendência dele é voltar lá e pedir um ferro *pra* fazer um assalto, além de pegar uma trouxinha *pra* vender.

Wesley: O senhor achava que havia uma correção do preso aqui na cadeia?

Entrevistado: Correção como?

Wesley: No convívio social, eles se recuperavam?

Entrevistado: Olha, eu digo *pra* vocês que tinha, muitos tinham condição de se recuperar, mas como eu estava falando *pra* vocês, o trabalho social da cadeia não funciona como deveria funcionar.Primeiro que o preso já sai com uma folha dessa de declaração. "Declaro por devidos fins que fulano de tal, foi posto em liberdade com o alvará tal."E por este o cara tva livre, era um documento, mas não tinha uma identidade, uma carteira de trabalho.Aí tinha que tirar os documentos.Chegava numa firma, falava que tinha um emprego de ajudante, e quando pedia os documentos e ele só tinha a declaração, aí diziam que a vaga já tinha sido preenchida.É isso que acontece, não adianta.Quando não tem família, muitos presos aqui, a família era pior do que eles.Tinha mulher aqui que era pior do que o próprio preso.Elas vinham ai nesses ônibus, do Rio de Janeiro vinham soltando as cachorras.Chegavam naqueles mercados em Mangaratiba e roubavam tudo.Pegavam peças de queijo e presunto deixavam aqui e saiam tranquilamente.Chegavam na cadeia com isso tudo aí.Eram pior que os presos, as vezes os presos eram excelentes.Tinham famílias aqui que eram diferente.Dava até pena de olhar para uma mãe, *pra* um pai, o sofrimento de ter que vim ver o filho, pessoas completamente diferentes deles.Mas, tinham mulheres que eram um cão, vinham soltando os bichos aí.

Wesley: Como era o esquema para a entrada de drogas?

Entrevistado: Tinham vários esquemas, tinha o guarda, a polícia e a própria visita do preso. Muitas traziam intimamente. Quantas vezes já pegamos. Se tinham uma guarda que gostava de trabalhar, gostava do serviço dela, era mole de pegar. Às vezes a gente sabia que a mulher tva trazendo coisa, mas às vezes a gente não tinha como abordar. Resvistavam a mulher toda. Mas tinha guarda que era mais esperto, sabia que ela tva trazendo e quando falava para abaixar, perguntavam o que era e quando a mulher tremia, já sabiam o que era. **Aí mandavam a mulher tirar, mandavam ela para o banheiro. Aí elas tiravam realmente. Umas passavam mal aqui dentro aí as irmãs tinham que tirar o negócio de dentro delas. Só que elas não falavam nada para a segurança. Elas entravam e tinha um a mulher passando mal, iam lá tiravam o “troço” lá e muitas vezes não entregavam. Faziam a parte dela, mas não comunicava aquilo ali para a segurança. Muitas passavam mal mesmo, porque as vezes a quantidade era muita. O tempo também que elas vinham de Mangaratiba e chegavam no Abraão, ficava aquele tempo todo, até pegar a condução. Então vinha passando mal. Aí as irmãs avisavam que inha mulher passando mal, diziam até que estavam grávidas. Mas não estavam não! Era pra tirar o “negócio”.**

Wesley: A gente ficou sabendo de um esquema na cozinha, que parece que entravam muitas drogas por lá. O senhor lembra de alguma história dessa?

Entrevistado-Não! A cadeia tinha um portão principal, e tudo que passava para a cozinha, tinha que passar por um portão principal. Era porque as vezes tinham uns guardas na cozinha que facilitavam, eles mesmo traziam, como traziam para outras repartições.

Yasmim: Algumas pessoas falam que aqui até certo ponto era calmo, porque tinham coisas que hoje em dia a gente não consegue imaginar. Como um chefe de disciplina conseguia levar uma turma do mato, um preso praticamente armado com enxada e mesmo assim haver um respeito né?

Entrevistado: É! Você há de convir que a Ilha Grande é cercada de mar e mata e essa mata aqui não é de você entrar e sair do outro lado. Para você chegar até a Parnaioca são duas horas e meia de caminhada. Geralmente o preso não andava na trilha. Muitas vezes a gente pegava rastro do preso aqui e o preso estava dois dias na nossa frente. A gente ia pegar o preso lá no alto do papagaio, a gente pegava o preso, porque por mais que ele ande, ele cansa. Essa mata aí não é mole naõ, tem muito precipício, as vezes o preso tinha que subir para atravessae uma pedreira e descer agarrado numa árvore. Não era tão fácil assim não.

Yasmim: Porque o senhor acha que essa visão de a Ilha Grande como a Ilha do caldeirão da maldição, como saía nos jornais, era violento de fato, os presos com os presos e os guardas com os presos?

Entrevistado: Você sabe que jornal exagera não é? Porque eles têm que vender o jornal, né? A maldição que eles falavam era de caldirão do diabo. Porque era uma ilha que havia um dificuldade para se chegar aqui, aqui de vz em quando tva morrendo gente, entre eles mesmos, não era porque ninguém matava. Se fosse depender de guarda ou de polícia matar nunca morria preso aqui. Era entre eles. Às vezes um cara mecheu coma mulher do cara que estava preso aqui na ilha ou com a filha, ou criou problema com a família. Aí quando chegava aqui na ilha era executado. E depois que surgiu o camdo vermelho as brigas foram piores ainda. O cara chegava lá não dizia que era do terciro comando, ele vinha mas os caras sabiam que ele era do terceiro comando. Quando ele chegava lá dentro, “nego” não deixava passar em branco, matava na hora.

Weslley: Em relação as fugas, o pessoal que trabalhava no presídio tinha medo?

Entrevistado: O polícia tinha receio porque se o preso pulasse na guarita onde ele tva ele ia ficar preso. Porque ele tinha deixado o preso fugir, o medo era esse. Mas de que o preso ia subir pra pegar a arma dele pra matar ele não! Isso o preso não fazia. Se o policial desse uma moleza para ir conversar com outro, as escadinhas já estavam prontas. Eles faziam vários pedaços de escadas para montar, até chegar ao tamanho do muro, que na época devia ter uns três metros. O cara então fazia duas ou três escadinhas de encaixe, que ficava solta e escondida. Se o policial desse mole eles pegavam e montavam rapidinho. Jogavam para o outro lado do muro e subiam uns quatro ou cinco e quando o policial chegava, cinco já tinham pulado e quando dava o alarme eles já estavam dentro do mato.

Yasmim: O senhor acha que o sistema de colono livre, facilitava essas fugas?

Entrevistado: O colono livre tinha uma vantagem que ele não podia dar cobertura ao companheiro dele. Ele era preso também então se ele negasse a fuga do outro, ele sabia que a vida dele estaria por um fio também. Só de ele estar aqui ele já corria o risco de vida, porque já não olhava ele com bons olhos, acahava que ele estava dando al para o diretor. O colono livre era obrigado a fazer trilha, guardar comida, e até mesmo guardar o próprio preso que fugia e se escondia na casa dele mesmo. Como nós pegamos aqui, colonos livres morando lá em cima. Na casa dele, fez um buraco na cozinha, meteu um tampão e ficava uns oito ali. Aí vinha um barco e levava esses oito. Só que o barco não veio e os caras ficaram lá aí “cagoetaram” que os caras tavam lá escondidos no buraco.

Yasmim: E do Dr. França o senhor lembra alguma coisa?

Entrevistado: Quando eu cheguei aqui ele já era o médico da penitenciária. Um bom elemento, boa pessoa. Pessoa que cuidava da vida dele, apesar de ter sido preso político na época da segunda guerra mundial. Ele era alemão. Ele trabalhava aí. Era ele que dava assistência a Ilha Grande quase toda. Ele cuidava dos presos, era o chamado Dr. Balança. Quando o preso chegava lá ele perguntava o que ele estava sentindo e mandava subir a balança, aí ele dizia que o cara estava gordo demais. Ele passava um remédio lá e mandava eles tomar. O preso as vezes não gostava dele, porque queria uma coisa e ele não dava. O preso as vezes armava para fazer uma transferência e ele não dava, ele só mandava em último caso. Por isso não gostavam dele, as vezes. Alguns presos diziam que estavam doentes para poder serem transferidos para outra cadeia porque as vezes a família dele não vinha aqui. E o Dr. França, não dava esse tipo de coisa, mandava subir na balança e dizia que o preso estava bom demais.

Wesley: Tinha falta de medicamento, nestesia, gase?

Entrevistado: Olha, eu acho que não! Sinceramente eu nunca vi! Era uma cadeia que estava sempre com o material. Aqui tinha tudo.

Wesley: Comida também não chegava a faltar não né?

Entrevistado: Comida não faltava, tinha sempre aí!

Yasmim: E da Madame Satã? O senhor lembra alguma coisa?

Entrevistado: Quando eu cheguei aqui ele já saído da cadeia e ido para o Abraão.

Yasmim: Mas era tranquilo, calmo?

Entrevistado: Quando ele tva aí ele era tranquilo. O problema do Madame Satã, era quando ele era novo na Lapa. Na cadeia mesmo se o cara fosse meio afeminado, ele tinha que manter o respeito dele. Eu conheci um tal de Miguelona de Itaguaí. Uma certa vez tva ele e o garoto dele. Ele era bicha mas tinha o garoto dele que morava com ele. Eu cheguei na galeria e senti um cheiro de maconha, aí eu entrei, os cubículos *tavam* todos fechados, porque antigamente a gente fechava tudo e não tinha esse negócio de o preso colocar tranca por dentro. Abria a cela e se tivesse trancado por dentro o preso ia *pra* cela de castigo. Só quem fechava era o guarda, *pra* manter a ordem. Aí eu vim e senti o cheiro. Aí eu olhei e sabia que vinha do cubículo da Miguelona. Aí quando eu abri o cubículo tva o garoto dele com um maior cigarrão de maconha e ela tava fazendo recortado. Quando ela olhou para trás e me viu ela ficou branca e o muleque com a maconha eu fui e tomei dele. Na época, eles tinham um grande respeito por mim. Aí eu peguei a maconha, aí a miguelona ficou dizendo: "Não, não chefe." Aí eu dizia: "Tudo bem! Tem

mais?"Aí eles diam que não tinham.Aí eu joguei no vaso, virei as costas e saí.Ela virou meu informante para toda a vida e tudo que acontecia lá, ela passava por mim no prédio me chamando de padrinho e me contando.Me contava quem ia matar quem.Aí eu ia lá e chamava os chefes de segurança.Ela acabou morrendo justamente por isso.O primeiro túnel dessa cadeia, quem descobriu fui eu.Era um túnel que ia sair uns dezoito homens da Lei de Segurança.Lá trás do presídio tinham umas castanheiras e depois um estábulo.Eles tinham feito um túnel para sair o estábulo.Era muito bem feito, com tábuas feitas na carpintaria.Como na época eu trabalhava no que a gente chamava de Swat, logo quando surgiu a swat.Geralmente, na hora do almoço eu não parava, os caras iam descansar e eu rodava a galeria toda.Eu subi lá no clube deles e lá de cima eu vi quando saiu o cara da carpintaria que olhou para um lado, para o outro, aí saiu e veio um cara de dentro e fechou.Aí eu fiquei me perguntando o que houve.Eu pesei que ele estivesse com arma.Aí quando eu desci dei uma geral nele, e ele tava sem nada.Cheguei na carpintaria e olhei, quando o cara me viu ele parou, era meio maluco, era 22.Cara forte *pra* caramba.Aí eu perguntei o que ele estava fazendo lá.aí eu mandei ele abrir e ele ficou me enrolando, quando ele abriu, ele ficou no meio da sala.Tinha um salão, ficou no meio cada vez mais tenso.E você sabe quando a pessoa está devendo.Mas eu não podia dar mole também, porque eu tava sozinho e sabia que o cara era 22.Aí eu perguntei de quem era aquilo e ele me disse que era do Cristiano, que era um cara que fazia uns desenhos lá.Aí eu comecei a olhar mais um pouco, Aí eu comecei a pensar que tinha alguma coisa de errado.Perguntei pelo Cristiano e ele me disse que o Cristiano estava lá dentro.Disse que ele tinha o deixado *pra* tomar conta das coisas aí.Ele todo tenso, com a respiração presa.Eu olhei um quartinho assim, que tinha tipo um cobertor, e vi um fio e uma espécie de buraco.Aí eu saí, quando passei por ele eu senti ele respirando forte com um som de alívio.Como quem diz, não viu nada né.Aí eu saí, mandei ele sair, chamei e levei ele *pra* segurança, tranquei a cela.Aí eu falei *pro* Toinho, olha aí a chave do metrô.Era a época em que o metrô tva começando a ser feito no Rio.Aí ele ficou perguntando que metrô, aí expliquei é um túnel tá lá.Fomos com um pessoal lá, eu entrei.Era bem feitinho, um tábuas de cedro.Era tudo tirado e feito daqui, bem organizado, com tijolos, estava passando por debaixo do alicerce.Era para o pessoal do Comando Vermelho sair.Eles iam sair, e a lancha ia buscar eles no cavalinho.Aí por causa disso a Miguelona morreu.Essa Miguelona trabalhava com arroz, cozinhava o arroz e servia.E os presos passavam e ela colocava o arroz no prato.O Bagulhão, na época não era o Bagulhão General, ele ainda era um soldado do Comando Vermelho.Mas já tinha aquela consideração, porque ele já era assaltante de bando.Era primo do Serginho da ???, um grande assaltante de banco da época.Aí o Bagulhão reclamou com ela, aí ele pranchou ela alí na fila mesmo.Mas como tinha guarda, cada tira foi e eles saíram.No outro dia quando descobrimos o túnel eles ficaram achando que tinha sido a Miguelona que tinha "cagoetado".Eles estavam esperando alguma coisa para matar ela.Aí esperaram esse tapa que ela deu no cara da fila *pra* ele pranchar ela.Ela não podia ter batido no cara, porque além dele ser considerado homem, ele fazia parte do Comando Vermelho e ela não era do Comando.Aí os caras a noite chamaram ela para queima um baseaso no bico do grilo e ela foi.Quando ela entrou o cara pegou ela logo

de entrada. Deu uma facada nela e ela tentou correr, porque ela brigava bem. Mas ela já estava muito ferida. Levou um monte de facada e ela ainda assim conseguiu chegar na grade onde tva um funcionário. Aí ela caiu alí já morta. O pessoal do comando matou ela.

Wesley: O senhor lembra de algum diretor especial que o senhor achasse bom?

Entrevistado: Diretor bom, tiveram muitos que passaram aqui, mas tiveram muitos que deixaram a desejar. Quando houve a briga que o Comando Vermelho tomou conta, acho que foi na mudança de governo do Brizola. Ele tva assumindo o Rio de Janeiro. O Comando Vermelho já tinha se formado na Ilha Grande. Mas o terceiro comando ainda tva todo junto ainda. O Brizola mandou dois diretores para aqui, dois delegados para assumir a direção. Na companhia tinha o comandante, o major. Esses dois diretores chegaram aqui e começaram a liberar presos *pra* sair, os que não tinham condição de sair. Aí tinha preso que mandava tirar outro preso. Aí no casarão, sentava alí com a mulher e em volta só preso, só preso de nome. Aí ficou praticamente quase todo o Comando Vermelho do lado de fora. Aí o comandante da companhia comunicou lá embaixo, aí a imprensa, a Rede Globo, começou a noticiar que os presos, estavam todos fora do presídio. Aí o que o diretor fez, foi recolher os presos todos. Aí houve a questão dos presos quererm se disciplinar lá dentro. Aí o comandante da companhia e o diretor foram embora os dois. O comandante da companhia deu a ordem *pra* ele assumir, aí ele mandou buscar o DOI, que hoje é o BOPE. Vinha o grupo do COI à noite e entrava na cadeia, houve um quebra-quebra lá dentro, preso com braço quebrado, pancadaria. Aí os presos escreveram para os direitos humanos. A carta chegou nos Direitos Humanos e duas semanas depois chegou no Abraão dois advogados *pra* ouvir os presos. Aí o major, já tinha assumido a direção e o comando da companhia, os dois juntos. aí eles chegaram lá e aí “não, queremos ir no presídio”, “Mas vamos almoçar primeiro”, “Não, vamos lá primeiro ver os presos porque a gente veio aqui para isso e tal, por causa de denuncia e tal, tal, tal”, “Então vamos lá”. O major tinha tudo escrito, aí o major me chamou na época, porque eu trabalhava com ele e com o pessoal da P2, com o major e um sargento também que era da P2, o tenente que era da P2 e eu e o outro menino que era companheiro meu, a gente trabalhava junto, aí fomos lá com o comandante. Aí chegamos no cinema e o inspetor deu ordem de colocar todo mundo no cinema, antes tinha as cadeiras ali tudo bonitinhas do cinema, aí jogou todo coletivo lá para dentro, aí o major entrou, entrou dentro do coletivo e disse “quem aí escreveu para os direitos humanos, tem dois advogados aí representando a OAB, vieram aqui para ouvir vocês. Eu quero que vocês denunciem tudo que aconteceu com vocês, podem falar.” Ai vagabundo não entendeu né? Aí saiu, aí falou para os dois advogados, doutores vai vendo lá. Ai o maluco comeu a falar “não chefe, não comandante, mas aí dentro?” “Ué mas eu entrei! Vocês não vieram aqui para ouvir os presos? Pode entrar”, “Mas não tem um lugar que a gente possa”, aí tudo bem tem um lugar lá em cima, aí a gente subimos ali no cinema, vocês já foram lá, onde passava o projetor? Aí subimos ali, tinha uma meia parede assim, aí apresentou eles ali “esses aqui são dois advogados coisa e tal, eles representam a OAB, eu quero que vocês denunciem

tudo que aconteceu aqui com vocês, eles estão aqui para ouvir, vieram aqui só para ouvir vocês... Doutor é com o senhor, vou descer com a minha equipe.” Ai os advogados disseram “não, não, não, o senhor pode ficar aí. ”, “Não, não, fique a vontade. Se a gente ficar aqui..” “não, não... vocês fiquem aí ”, aí tudo bem a gente ficou ali né? Aí os presos começaram a falar, aí um fala outro fala, aí *Pá* o outro fala, fala, falaram aí um falava o outro não entendia, aí vinha falando. Eles falavam, os presos não deixavam ... E o major rindo né? Major ficou rindo, eles estavam aqui sem ação, vieram aqui para ouvir os presos. Aí eu sei que durou umas meia hora e eles não conseguiram ouvir os presos, aí uma voz no meio daqueles internos surgiu “aí rapaziada, quem vai falar agora sou eu e eu quero silêncio ” era uma preso, uma merdinha desse tamanho assim[risos], um tal de Climério Simas(???) ladrão de banco, era um dos líderes também. “Quem vai falar agora sou eu, quero silêncio” aí ele chegou assim “Doutor, vocês vieram aqui para ouvir o que, denúncias ? O problema é o seguinte ” aí eu falei para o major “poxa eu não trouxe o gravador, vai sair coisa boa aí” aí poxa eu não trouxe o gravador. Aí ele falou “Vou dizer uma coisa para vocês, o major tá aí de prova, tava todo mundo aí fora e ninguém fugiu esse tempo todo a gente estava aí fora, trabalhando aí, com a nossa família aí, o major tá de prova, fugiu alguém aí major?” aí o major “não” realmente ninguém tinha fugido, não tinha fugido nenhum, “porque é o seguinte, o governador Leonel Brizola ele deu ordem para colocar a gente aqui fora, que era para gente fugir para assaltar banco para ajudar o partido dele ” cara, quando ele falou assim eu olhei para o major, “perdeu” o major ficou assim ... aí os advogados... então foi isso, o cara falou mais algumas coisas, aí os dois advogados olharam para o major “major eu já encerrei, não vamos mais conversar com ninguém não. Obrigado”, aí “não, doutor?”... descemos com eles, o major colocou eles no jipe, colocou eles na companhia, eles almoçaram, depois nós viemos andando com eles lá embaixo... nunca mais apareceram aí.

Inoã: Você lembra o nome do Major?

Entrevistado: O major na época era o major Enéias, coronel Enéias hoje, já reformado. Bom comandando, bom oficial, era honesto.

Wesley: Lembra o ano?

Entrevistado: Não me pergunta o ano, porque eu sou ruim para gravar ano, mas eu acho que foi 83, mas eu não sei se foi em 83, foi no governo Brizola.

Wesley: No governo Brizola teve muito esse negócio de direitos humanos né?

Entrevistado: O Brizola foi o seguinte, quando ele assumiu o governo do Rio de Janeiro, o que ele fez foi acabar com a censura da cadeia. Na cadeia ela tinha um sistema de censura, ou seja, o preso para mandar uma carta, tinha que passar num serviço de censura , porque alí o

guarda pegava , lia a carta do preso, vê se via alguma coisa de anormal, aí *pá*, deixava a carta e colocava no correio. Ele acabou com aquilo ali, aí depois disso passou a vir maconha para cadeia pelo correio, vinha carta falando sobre matança, pedindo fundos... inclusive tem algumas lá no eco museu que fala dessas coisas.

Inoã: E fugas, aumentaram bastante no governo Brizola?

Entrevistado: Olha, houve bastante fugas.. porque a cadeia ficou assim... quase não tinha, o diretor vinha para cá, mas vinha como político né? O governador mandou o cara para aqui então o cara tem que fazer o que o governador quer. É como hoje no Rio de Janeiro , hoje nós damos graças porque o Sergio Cabral deixou a segurança na mão do...Beltrán [Villegas], um cara sério entendeu? Então ele, então pessoal é contigo, ele não se envolve. No caso do Garotinho a Rosinha se envolvia, acontecia uma morte aí ele ia lá na televisão pedir desculpa a bandido porque matou, porque a polícia matou o bandido. Não existe isso, autoridade não pode se rebaixar, então você é o secretário de segurança? Então faz o que você quiser, você que sabe, foi o que aconteceu em janeiro ... não tá bom porque a criminalidade desenvolveu-se muito, mas melhorou acho que bastante. No Rio de Janeiro, na época do Brizola a patrulha não subia mais o morro, daí começou. O cara assaltava o banco, aí o cara vinha e subia o morro, aí o cara “o carro tal subiu com cinco elementos tal, poso subir?” aí “Não, aguarda... não, depois vai fazer um policiamento lá para ver se recupera”.

Wesley: Então essas facções do comando vermelho tinham muita relação com os diretores?

Entrevistado: Ela tinha assim num certo ponto, porque a facção do comando vermelho quando ela se posicionou como comando vermelho e que eles assumiram o controle dessa cadeia, praticamente o diretor fazia o que eles queriam, dependia do diretor entendeu? Se eles queriam uma festa, chegava lá reunia a equipe botava o diretor “tem uma festa para o dia tal, queremos isso, queremos aquilo” entendeu? Então eles mandavam, “queremos assim, assim e assim”, a cadeia ficou de uma tal maneira que, eu não lembro o ano que. Mas era comandada por um capitão e o comandante da companhia era o major, e o comandante.. aliais, o diretor ele não entrava nem mais na penitenciária, o preso mandava a lista, a segurança saía de lá, hoje tem a biblioteca, a barbearia alí, daqui a frente não tem aquele prédio alí? Tá escrito barbearia? Então, ali a segurança passou a ser ali. O (seu)??? Não entrava mais alí na cadeia, na cadeia entrava o inspetor, alguns guardas, o pessoal da cozinha e da (subsistência). O diretor nem ia mais na cadeia e o preso tava aí fugindo a *panparra*, muita fuga de preso, as vezes a gente saía aqui, quantas vezes a gente rastreou presos aí, dá de cara com o preso “Houuu, tá foragido?” “Poxa, perdi, perdi, perdi” “perdeu não, quando você fugiu?” “Fugi ontem?” Pô cara, a administração nem sabia quantos presos tinham foragidos.Era tudo preso fora, com família aqui , tava esta caos, entendeu? Teve mudança de governo, assumindo o Moreira franco, tava assumindo. Aí um dia eu vim na

diligência, porque eu morava no Abraão, eu estava vindo da enseada, passei ali naquelas casas ali de madeira, ali em frente, aí tinha ali um comandante ali, o major ???, aí eu ia passando e ele me gritou, aí eu olhei “aí chefe tudo bem?” fui falar com ele “o senhor tá passando aí?” aí ele disse “não, eu to vindo aqui é o seguinte, eu vou assumir o comando da companhia, vou trazer um capitão para assumir a direção do presídio, eu quero que você vá trabalhar com ele, quero que você vá ser o chefe de disciplina dele” aí eu falei para ele “ohhh, o senhor me conhece, o senhor sabe como a cadeia está muito ousado e o senhor sabe que eu não vou bancar isso, não trabalho desse jeito, se for para passar a mão na cabeça e não vou mesmo”, “Não, mas vamos dá um jeito nisso aí”, aí eu falei “tudo bem”, aí eu fui embora, tal e tal, passou uma semana, a gente estava fazendo uma guarita lá em cima depois do britador, descendo, onde caiu uma barreira ali, ali era um cafezal. Então nós fizemos ali uma guarita, para deixar um policiamento ali, porque o preso saia daqui com a visita e ia até o Abraão, não tinha nem esse controle dos presos, então os presos levavam as visitas até Abraão, tava largado mesmo. Então tinha um feixe de bambu ali nas duas pedras, duas irmãs, aí eu pegava bambu ali para levar para lá [Abraão], teve um jipe da companhia, ele parou aí o capitão Nair falou assim “então comandante esse é o homem que você vai me dar para trabalhar?” e eu com o bambu nas costas, aí o ??? falou “Entrevistado larga isso aí e pode subir lá para trabalhar com o Nair”, “Tudo bem chefe, eu vou ter que ir em casa para ...” aí eu deixei, levei o bambu até lá, falei com as duas policias que estavam falando comigo, aí desci, cheguei em casa e falei para mulher “Olha eu to, vou subir para cadeia, não sei quando eu vou voltar, vou lá para cima” aí troquei de roupa e fui lá para cima [Dois Rios], aí cheguei aqui e tal, reunimos aqui e fomos lá para o casarão, aí vem uma e fala uma coisa e vem outro e diz outra, aí “pessoal tem uma coisa, se o senhor recolher todos esses presos vai dar problema. O senhor vai embolar essa cadeia e vai dar problema, vai tumultuar. Deixa os presos que estão aí tá? E A gente faz o seguinte, o preso que faltar ao confere, a gente recolhe o preso. Agora tem uma coisa, se a gente recolher o preso e deixar o preso lá dentro, vai ter problema com a família do preso” o preso estava com a família aqui, com a mulher, com os filhos, aí o que ia acontecer, a mulher no outro dia estava lá, “diretor eu quero falar com o meu marido”, aí você vai ter que tirar o preso para falar com a mulher “então o senhor faz o seguinte: Recolhe o preso e no próximo embarque, manda o preso embora, porque quando preso for embora a visita vai embora também, ela não vai ficar aqui sem o marido dela. Aí o que a gente faz? Vai lá e vai demolir as casas”. Porque as casas eram feitas de estuque, material aqui mesmo, a gente vai lá recolhe o material e derruba, acabou, é menos uma casa “vou fazer assim”. Aí começamos a trabalhar, chegou tal o primeiro, nós pegamos o arquivo dos presos, colocamos e fomos dar uma geral ali, preso por preso, ficha por ficha para ver quem estava na cadeia quem não estava, que tinha preso... tem uma vez que pegamos um preso, lá na enseada, dois presos, aí “Haa.. seu guarda, nós fugimos ontem”, quando nós chegamos aqui os presos estavam no embarque, tinha ido outro preso no embarque e ele estava sem cadeia, ele ia ser transferido para de lá ir para liberdade, Mas no lugar dele tinha ido outro cara que tinha mais cadeia que tinha ido fugindo no lugar dele, entendeu? E ele foi obrigado a deixar o cara ir no lugar dele,

entendeu? O cara foi no nome do cara, aí deu a bronca “o cara fugiu no nome errado e tal ” e como fizemos uma check up, tal,tal, depois colocamos os colonos livres tudo para fora, o pessoal estava num regime de visita. Porque tinha o colono livre o e regime de visita, o colono livre ele morava e o regime de visita, o cara vinha com a visita e fica uns dez, quinze, dez dias e o diretor ia deixando, era um regime de visita. Aí fizemos isso, faltou o confere aí *tun*, recolhe ele [pequeno trecho inaudível] aí a gente ia lá e derrubava tudo, as casas e fomos recolhendo, deixamos, acho que só uns trezes colonos livres, o restante recolhemos tudo. Aí começamos a trabalhar e transferindo os cabeças, tudo que a gente podia ia transferindo.

Wesley: Os colonos livres eram do comando vermelho?

Entrevistado: Era tudo do comando. Ai quando foi.. 88, se não me falha a memória 89 , aí mudou o diretor, ai veio para cá um capitão para dirigir aqui o presídio e eu era chefe de disciplina, aí o diretor estava com um problema de chefe de segurança, aí o diretor .. aí ninguém assumiu a chefia de segurança e na época eu era soldado, e geralmente chefe de segurança tinha que ser ou guarda ou sargento, sub-sargento ou tenente mesmo para fazer a segurança, um cargo que ... entendeu? Eu então não queria, não suporto, varias vezes disse eu não vou pó ai porque eu não quero, [trecho inaudível] é um cargo cível, mas eu vou bater de frente, vai ficar mal as vezes a atitude que eu vou tomar, entendeu? Aí o rapaz lá da administração disse “Não você assume mesmo” aí o diretor “manda para lá”, aí ele botou lá no despacho e me nomeou como chefe de segurança, aí eu assumi a segurança. Eu antes como chefe de disciplina, aí ela assumiu uma semana que estava aqui.. aí quando foi uns dias aqui, um dia de domingo que ele estava com a mulher, aí eu sai daqui aí eu cheguei aqui onze horas e a mulher me disse assim “deu no rádio aí que mataram uns presos aí embaixo”, “você não sabe onde foi isso não?”, “acho que foi lá no Frei caneca”, aí eu disse “hiii rapaz a cadeia aqui vai *alombrar* ”. Aí eu fui lá e falei com o capitão “Você vai viajar?” ele disse “Entrevistado eu vou lá no Abraão levar a minha esposa” , “porque é o seguinte a cadeia vai *alombrar* ”, “e por que ?”, “É porque mataram uns presos lá embaixo... aqui também vão matar”, aliais, foi um dia aqui de sábado “Vão matar, ai morrer gente ou vai fugir” ai ele falou o seguinte “Eu vou levar a minha esposa, e qualquer coisa você age aí”, aí tudo bem, eu fui na companhia, chamei o oficial de dia, tenente novinho que estava chegando na ilha, ai falei para ele “tenente o problema é esse, esse e esse... eu quero saber do senhor se acontecer eu quero que o senhor esteja com a tropa pronta, vamos entrar...” eu sabia quem era os matadores, quem era os cabeças, aí ela falou “pode vir aí que a gente ...” aí eu vim para casa e fiquei com aquela preocupação né? Naquele dia não tinha saído preso nenhum, até o preso das irmãs que faziam faxina eu tinha tirado, porque eles estavam em greve. Aí quando foi três e pouco da tarde eu sai aqui em direção ao presídio, quando eu cheguei ali em frente ao presídio perto ali da estátua, aí vem a irmã, dona Maria Emília, ela vinha andando ai eu passei “Tudo bem irmã?”, aí ele me olhou assim, baixou a cabeça assim, aí eu pensei que ela tá invocada comigo porque eu tirei a faxina dela, “haa [trecho inaudível] vou tirar mesmo ”, ela só fez assim para mim e

passou varada, e nesse dia tinha chegado dois padres, padre Bruno e um outro, um padre que vinha com ele. Aí eu perguntei na portaria “O padre já entrou?”, “O padre estão aí para dentro, já chegaram aí, estão desde duas horas da tarde aí dentro e a irmã saiu aqui meia nervosa”, “eu passei por ela e ela não falou comigo, acho porque eu tirei a faxina dela”, nisso eu olhei lá para dentro o inspetor estava sentado na cadeira, aí ele fez assim para ele “espera aí que eu vou lá ” [trecho inádivel].. aí Lá de dentro ele gritou “Entrevistado o bicho está pegando” ele disse que o bicho estava pegando, quando eu olhei eu ainda vi os corpos sendo jogados lá de cima, da terceira galeria. O padre estava passando por baixo, o corpo caiu assim e o padre olhando. Passou e falou assim “estão matando” com maior tranqüilidade entendeu? Porque você como religioso e eu como policial, quando via uma morte você fica agitado né? Você vê alguém morrendo né? Você sem poder fazer nada, você fica agitado, é uma coisa... entendeu que te abala. E o padre simplesmente virou e disse “Tão matando” saiu, aí eu corri peguei a ??? que tava passando e falei me acompanhe, oficial de dia chamou a tropa rápido e nós viemos correndo, entramos no presídio, começamos a botar o pessoal para dentro e fechar , fechamos as galerias, já tinham oito mortos, começamos a fechar tudo, trancar geral e tal, e agora vamos entrar e dá a geral, na mesma hora, aí *pun*, começamos a dar a geral. Aí fomos na terceira galeria e aí fomos, porque o comando estava na terceira galeria, o pessoal estava tudo na terceira galeria, aí quando entramos no cubículo treze, aliais no cubículo um, nós entramos, já tava todo mundo de banho tomado, parecia que não tinha acontecido nada, todo vendo televisão, banho tomado, aí entrei com a tropa... ooohhh, esqueci o nome dele... (Araquem)??? “poxa tá vendo”, aí eu disse “quero todos você lá fora agora”, “ohh chefe tá vendo aí?”, “Todo mundo, se criar problema mete o cacete!” eu já estava meio irado “se arrumar problema pode mete o pau em todo mundo que vamos levar para a delegacia” aí começamos a dar geral ... aí passou uns quinze minutos começou nego a quebrar, aí eu já fiquei preocupado, aí o tenente falou assim para mim “Entrevistado, a gente precisa achar as armas para levar os caras para a delegacia” eu sabia que tinha sido eles que tinham matado “não a gente vai achar seu guarda”. Eu entrei no cubículo, cheguei no banheiro assim, tava saindo um policia que estava batendo e falou “Entrevistado aqui não tem nada”, aí eu peguei a cortina e fiz assim, olhei assim e no azulejo branco, aí esta escorrendo assim um filetezinho de gesso, o cara coloca o gesso ainda molhado aí... aí eu disse tira isso aqui, quando eu bati o azulejo quebrou aí eu meti a mão no buraco assim e peguei dois (boin)??? de faca e ainda com uma carta falando da matança. Aí eu falei “as armas do crime estão tudo aqui e nós vamos levar todo mundo para ???” agora vamos para a segunda galeria, aí fomos para a segunda galeria, aí entre o dezesesseis e o quatorze, o prédio ali é dividido, em um bloco ali, então aqui no cubículo dezesesseis começava um prédio e aqui no quatorze começava outro, então se cavasse um buraco assim e as armas eles colocavam tudo ali. (pausa) Então vamos começar a quebrar, *pa-pa-pa-pa*, daqui a pouco, batendo logo, a polícia bateu logo, falou Entrevistado, tá aqui o buraco, então (tu) começa. Fomos só tirando... faca, uma espada do He-Man deste tamanho...

Grupo: (risos)

Entrevistado: ...cara, igualzinho à espada do He-Man, que tinha muito ferro, muita cotoneira aí, tinha, entendeu? Fomos pegando foice, machado. Falei ó: “todo mundo pra Angra dos Reis!”. Aí pegamos todos eles e mandamos pra Angra dos Reis. Eu tranquei a cadeia. Aí pegamos todos esses e transferimos também. Quando chegaram aqui de Angra dos Reis, mandamos tudo embora, a cadeia ficou entregue às baratas. Eles não podiam ali... Ninguém podia assumir a cadeia sem uma ordem lá de baixo, a ordem do comando lá de baixo. Para assumir aqui, eles tinham que mandar ordem, né. Aí fizemos isso. E a cadeia em greve. Aí entupiram os esgotos. Puta, a cadeia, você entrava na cadeia, tinha, quando você entrava, tinha que fazer assim ó [faz gesto com a mão], não (aguentava), o fedor, porque era tanto cachorro! Cocô de cachorro naquelas galerias todas, e o esgoto no pátio, transbordando. Então falei pro diretor: “é, vai ter que...” ajeitamos geral, né? Aí quando... aí demos geral, aí começamos dar geral, e tal. Aí no outro dia, eu falei pro diretor, falei ó “amanhã cedo, eu quero todo pessoal cedo aqui”, capitão chegou e ó... “amanhã cedo nós vamos transferir todo esse pessoal do grupo de extermínio, que era o pessoal do comando”. Foram transferidos tudo para a terceira galeria, botaram numa galeria só. Aí fizemos isso, aí no outro dia de manhã cedo, fomos com a tropa pra lá, os guardas vieram do Abraão, e nós entramos. Falei “ó, vamos revistar”. Eles chegaram comigo... “você, você, você, você, você”, eu sabia tudo, conhecia todos eles. Todo mundo lá no pátio. “Você, você, você, terceira galeria”. Aí comecei... aí botamos todo mundo lá no pátio, geral, geral. Isso de manhã oito horas. Quando foi duas horas da tarde, um polícia chegou lá, eu não tava lá, ele me chamou... “ô Entrevistado, um cara jogou isso lá pra você”. “É o que? Um pedaço de (bebecê ???), com papel enrolado, amarrado. Eu desamarrei ali, olhei, aí dizia assim... Seu Entrevistado, eu vim aqui no(?), mas não vim sozinho não, eu quero sair da cadeia. Eu falei ó, fala pra ele que depois eu vou lá, isso é mais um... pra dizer que a arma tá ali... De informação a gente ia lá quebrava, eles já tinham tirado as armas, onde tava. Eu tava com a mão já cheia de calo, de tanto bater, quebrar parede. Ó, diz a ele que daqui a pouco eu vou lá. Aí passou duas horas, três horas, aí quando foi quatro horas, aí eu falei “ih caraca, esqueci do cara!”. Aí chamei o Mariano, que era o meu chefe de vigilância, “vamos lá Mariano, e tal”, aí subimos, chegamos na terceira galeria, aí falei “ó, todo mundo pra dentro”. Aí trancamos tudo, fui lá no fundão, aí abriu comigo. Falei: “E aí Valêncio, me ligou?” “Chefe, chefe... teu (que eu saí?) pegou um travesseiro, um colchão assim... Aí eu, vamos embora. A gente saía lá na frente, e tal, e passando, e quando ele passou no pátio, os presos tavam tudo sentado, né, (pequeno trecho incompreensível) “ô rapaz, como é que é, meu irmão, como é que é, *responso*” “(?) quer saber, eu to saindo da cadeia” “ô rapaz, Valêncio, ó meu irmão, ó a *responso*, cara!” e vagabundo ficou (enfromado?) e tal, e saiu comigo na segurança, (?) falou doutor, as armas tá aqui hein, e pegou travesseiro, falou ó, tem três 22, os três 38, eu joguei lá na (pedra) da caldeira, o senhor vai ter que... Eu joguei lá na (pedra do amolá), os caras deixaram guardados comigo, deve tar aqui. Aí eu peguei as armas ali, os três 22, e mais um feche aí com umas quarenta facas, aí eu fui lá no (pátio?) da caldeira, fui tirar um gancho lá, puxei-lhe um saco, os três revólveres 38, entendeu. Aí chamei o diretor “as armas de fogo tá

aqui, essas aqui nós estamos tá tranqüilo. Agora o preso, ele não pode ficar nem aqui nem numa penitenciária lá no Rio de Janeiro, não pode não”. Aí o diretor, mandaram ele pro diretor geral, era o doutor Deleuze (?). “Transfere esse homem para Niterói, amanhã. Escolta também pra ele até Mangaratiba, sem falta. Aí trouxemos ele, botamos ele ali, aí no outro dia ele foi transferido. Aí começamos a trabalhar. E aí o... e cadeia suja! Aí foi quando me nomearam como chefe de segurança. O capitão falou “ó capitão, você tem que assumir mesmo, porque não tem outro, e tal”, aí eu assumi, como chefe de segurança. Aí nisso, eu tô na segurança, quando o inspetor falou “Entrevistado, tem dois presos aqui querendo falar contigo. Quem era? Era o Chiquito. Eu falei, manda ele entrar, entrou ele e o Beto Careca. Eu falei, “Porque os dois?” “Não, não senhor doutor, é um assunto só”. Falei: “Sabe que eu não gosto de falar com dois presos juntos, tem que ser um de cada vez”. Porque o preso, naquela época, tinha o seguinte. Eu como chefe de segurança do diretor, não entrava um preso sozinho, tinha que entrar um acompanhado. Porquê? Porquê o preso, tinha que ir acompanhado, eles ficavam com medo do preso cagoetar qualquer coisa, então um tinha que ir. Mas falei, então tudo bem, o que é que vocês querem? Aí ele falou pra mim...eu já sabia mais ou menos o que que ele ia me dizer... “não seu Entrevistado, o senhor sabe como é que é né, a cadeia tá suja”. Eu falei “bota suja nisso, não posso nem entrar na cadeia com essa gatiche, esgoto aí”. Aí ele falou assim, eu falei assim “Sérgio, vou te dizer logo um negócio, já deram a ordem pra você assumir a cadeia né?” “Não chefe, o negócio é o seguinte, o senhor sabe como é que é”. Falei assim: “olha, você sabe como eu trabalho. Falei, você sabe como eu trabalho. Eu não gosto de opressão do teu companheiro, você sabe disso. Você sabe que eu não gosto de opressão com o caído. Se o *bambambam* come isso, o caído também tem que comer”. “Não, o senhor...” “Ah e outra coisa, se tu pisar na bola, eu te transfiro lá pra Água Santa. E se você chegar em Água Santa, você morre, você sabe disso”. “chefe, o senhor sabe... é, mas... com a derrota, né”. Eu falei “Tudo bem. Eu falei. Eu quero o seguinte. Eu quero essa cadeia limpa”. “Chefe, vamos limpar ela agora”.

Entrevistado: Fazer, que era o presidente, que era ele, o vice-presidente que era o Beto Careca, o Beto Paraíba, entendeu, eram os caras que iam assumir a liderança da cadeia. Aí eu falei assim: “então vamos lá”.

Daí eu, vou mandar buscar o material, o material ficava ali, material de limpeza, vassoura, rodo, desinfetante, sabão. Aí ele chegou com a lista, quando eu peguei a lista, já sei que essa lista aqui é do pessoal, aí fui e falei para o inspetor... o inspetor ainda ficou cabreiro, pode abrir a cadeia que eles vão limpar essa cadeia toda. Porque a promessa era pra morrer vinte e cinco homens de uma vez só, só que nesse dia morreu só oito, tinha muitos pendentes pra morrer. Aí o inspetor: pode abrir a cadeia, deixa eles limpar a cadeia. O inspetor abriu a cadeia, eles limparam a cadeia, quando foi umas sete horas da noite, o inspetor chegou pra mim: ó Entrevistado, vai lá pra você vê a cadeia, aí, então vamos lá, aí entrei, entrei, a cadeia tava cheirando. É isso cara e a comida amanhã? Amanhã nós vamos fazer.

Tudo bem, a relação da cozinha, ta aqui a relação da cozinha, inspetor o senhor já sabe, quatro horas da manhã o senhor libera a caldeira, vamos começar a trabalhar amanhã. Aí começamos a trabalhar, eu comecei a trabalhar com o Chiquito, aí passou uns dois dias chegou um preso pedindo seguro, aí foi lá...tapa na cara... foi o Chiquito, pegaram o Chiquito e deram uma “coça”.

Chiquito, levou o inspetor na na na, bota ele lá no isolamento, aí botou os dois lá no isolamento, eles entraram em pânico, botei lá e depois a cadeia e tal pediram: libera o Chiquito lá chefe, o cara é *vacilão* mesmo, ele roubou o café lá da subsistência, aí falaram com ele na maior ignorância, aí os cara deram uns tapa nele, foi *vacilação*. Aí tudo bem, aí deixou Chiquito lá e ficou, quando foi a tarde, falei com o inspetor: pode liberar o Chiquito, manda ele vim aqui. Daí ele chegou lá: *pô* chefe, *poxa* chefe, o senhor desculpa. Não tudo bem Chiquito, só que eu falei pra você isso, não quero, isso não existe, ta? Isso não existe, se o cara acontecer de roubar, manda o cara se apresentar, manda o cara devolver o roubo ou vim aqui. Agora eu não quero isso, se acontecer de novo, você sabe que eu... eu falei contigo, eu faço mesmo e sabe que tu ta pendente e se tu vacilar, tu morre,

Aí comecei a trabalhar assim com eles, aí... em oitenta e oito, foi oitenta e nove, acho que foi em novembro, no mês de novembro, vinte e oito de novembro, aí começamos a trabalhar e a cadeia foi ficando um brinco. Comecei a liberar as turmas aos poucos. Trabalhei 88, 89, 90, 91,92, cinco anos sem problema nenhum. A última morte que ouve na cadeia, ainda foi quando, em dezembro, quando foi em dezembro geralmente o cardeal fazia missa, todo mês de dezembro o cardeal vinha fazer essa missa, a missa da da da... do natal, aí tava marcado. Aí o Padre Bruno retornou [interrupção feita pela filha do senhor Entrevistado] aí eu... aí quando eu... aí o Padre Bruno chegou e tal lá no diretor, queria que o diretor liberasse a cadeia pra fazer a missa pro cardeal. Aí o diretor veio me perguntar, ele tava novo lá né... os seguranças já me conheciam bem. Daí eu falei: de maneira nenhuma, libera não. Daí ele falou: como é que vai fazer a missa?! Aí eu falei: o cardeal não vem fazer a missa? A gente faz na galeria, dessa segunda galeria todo mundo assiste a missa, depois da outra missa a gente desce, só não podemos liberar, se liberar vai ter morte.

- A a a mas o padre ta lá igual a uma arara que quer!

-Ele quer porque foi ele que trouxe a ordem pra matança (*caraca ta gravado aqui?hummm...já era*), entendeu? Foi o tal que trouxe a ordem, ele trouxe a ordem. Daí eu falei não libera, não libera porque se liberar os presos...tu vai ter um banho de sangue aí. Isso foi numa quinta, quando foi numa sexta-feira, chegou o embarque, dezessete homens do Rio de Janeiro, tudo preso e transferido pra cá, pra assumir a cadeia. Quando os caras chegaram aqui, eu falei com o diretor: bota todo mundo no isolamento, passa um rádio pro diretor geral e amanhã mesmo, sábado, pra levar esses caras de volta.

O padre ficou uma arara, o padre ficou injuriado. Aí os caras chegaram no isolamento com ele, no outro dia a escolta veio e nós mandamos de volta os dezessete presos.

Mas ele já sabia que o cardeal não vinha, quando essa chacina aqui, o cardeal cortou: Não vou lá em Ilha Grande mas não, ele sabia disso, porque o que ele queria realmente era isso, pra

acontecer, entendeu? Foi ele que trouxe a ordem, que todo mundo, todos os presos que pegavam depoimento, eles diziam: foi...

Só que eu não coloquei isso em... porquê? Seria a palavra dele contra a minha e peso da palavra, eu podia dizer que foi ele que forçou e dizer que foi ele, todo mundo sabe que autoridade dele pastoral é... Governador meu irmão não ia mesmo. Aí começamos a trabalhar assim e os caras voltaram, Chiquito continuou. Aí quando foi em 93, em fevereiro, em janeiro, aí foi quando o Brizola fez um decreto pra retornar todos os policiais que estivessem a disposição da Secretaria de Justiça e entendeu...a corporação, eu já tava com cinco anos já pela corporação, a disposição do DESIPE, aí eu retornei pro batalhão aqui e continuei, quando foi em março houve a desativação.

Wesley: O que que o senhor lembra da desativação, o que o senhor achou?

Entrevistado: Achei... achei bom não, achei que eles deveriam... deveria ter a desativação porque o presídio de Ilha Grande já foi extinto a muito tempo, ilha né? Isso acabou, não só aqui, mas lá fora também, então eles tinham que acabar de qualquer maneira, mas o Estado...acho que isso aqui foi um prejuízo pra eles[]cadeia boa, cadeia pra ficar como, presos que tivessem assim... no semi-aberto.

Na época que eu trabalho isso aqui era tudo organizado... isso aqui era tudo limpo, tudo pintado.

Inoã: No trabalho, eles faziam o que assim, cortar lenha?...

Entrevistado: Tinha lenha, tinha estrada, tinha a horta...horta, antes tinha o estábulo, tinha uma tropa de burro, tinha gado aí...entendeu? Quer dizer, tinha a lavoura aí pros presos...fazia a horta, lavoura, horta. E turma da pesca ali, funcionava ali que era uma beleza(***)

Yasmim: seu Entrevistado, é...a diferença entre recluso e detento tinha ou não? Era a mesma coisa?

Entrevistado: Era a mesma coisa aqui não tinha essa diferença.

Yasmim: Não tinha...

Entrevistado: Aqui o preso tanto fazia, como é que se diz? Aqui ficou proibido no final os presos que participavam dessas chacinas nas cadeias, que foi mais ou menos m grupo de quase duzentos homens. Só aqui, mas porque? Peguei todos esses homens e lancei, nas penitenciárias lá embaixo também era a mesma coisa, entendeu?! Um processo com duzentos homens, um processo com duzentos homens, ainda cheguei lá no foro aí no Rio pra depor nessa questão...entendeu? eram duzentos homens. Então esses homens, eles não podiam sair

da cadeia, o pessoal que fazia parte do grupo de extermínio, vinha uma ficha escrita GRUPO DE EXTERMINIO.

Yasmim: Aí seu Entrevistado, a gente ainda vai fazer, é que agora a gente ainda tá pegando, estudando o período de 50 até 65 mais ou menos, aí depois a gente vai continuar, a gente vai fechar.

Entrevistado: Esse período aí, você...acho que o Lupércio...ele trabalhou bem esse período 54 acho que 54 até 55, ele... agora se 75 pra cá, eu já...entendeu?

Wesley: Aí a gente vai ter que...quando a gente nessa etapa da pesquisa, a gente vai ter que voltar pra falar com o senhor de novo.

Entrevistado: Tamos aí rapaz, pra falar, pra fazer alguma coisa.

Wesley: Certo?

Entrevistado: Só que é o seguinte, vocês vão ter que pegar as pessoas certas, porque tem muitos aqui que diz que conhece, mas não conhece, viveu aqui, mas não conheceu...sabe é contar história e isso e aquilo outro, as vezes é um guarda que nunca trabalhou lá dentro. Não tem aquela...entendeu?. Por isso é que tem que fazer uma pesquisa legal, direita. O Lupércio conheceu bem 54 até 65, ele trabalhou nessa época, ele pode informar muita coisa, claro que a mente dele não sei se ainda tá boa, mas se você viveu aquilo você lembra, você pode até esquecer, mas de repente toca você sabe, entendeu? É o meu caso, 75...muita coisa é... nome de preso mesmo, pessoal do comando vermelho.

Wesley: Os líderes o senhor lembra, os líderes?

Entrevistado: Os líderes do comando tinha mais ou menos uns 30, aqui, os fundadores mesmo, o falecido: Nanai né, que era o Apolinário, Nanai, tinha o Serginho da Ivete, o seu Maldição, Ricardo Duran, entendeu? O Ricardo Duran que era de Caxias, o Paulo César Chaves, que tá livro aí do comando vermelho, o o sei que lá da Chacrete, ele botou até meu nome na época que o escritor teve aqui com ele aqui e... conversando ele colocou lá numa pasta o meu nome até, e... tinha o Paulo César, tinha o... Careca, Chiquito também que era... o professor, o professor Wilian que fez o 400 contra 1, inclusive o Wilian tá foragido né, ele é foragido do sistema...esse filme foi feito através do...mas ele não veio aqui.

Wesley: eram professores mesmo?

Entrevistado: Não, não, era chamado professor porque ele que tinha cabeça,entendeu? Esse Wilian era um cara maquiavélico, era um cara que assaltante de banco, um cara frio...um cara calculista, um cara que sabia como dava uma massa, entendeu? As vezes a cadeia tumultuava aí ele chegava:bom chefe, pode deixar que, pode ficar tranquilo que, aí rapaziada tudo mundo pros seus cubículos!! Pa PA PA PA!! O preso saía, ele tomava frente, ele era do tipo do cara que inflamava e que sabia manipular a massa. O Wilian, o Paulo César Chaves, Paulo César Martins, tudo assaltante de banco com o pessoal que era do fundão, eles foram enquadrados na AI 5, mas não como político, mas só que eles aprenderam alguma coisa com o pessoal que eles conviveram na mesma galeria, só que separaram fundão porque ficava no fundo da galeria e aqui tinha uma grade, essa grade tinha uma cortina de ferro, ou seja, uma chapa de ferro que dividia né...o pessoal do fundão que ia pro banho de sol, os presos políticos eram fechados então quando eles retornavam, eles ficavam fechados, eles retornavam pros seus cubículos e só comunicavam através de de de da janela do pátio.

Inoã: Eles começaram a misturar quando preso político e preso comum?

Entrevistado: 75.

Inoã: 75?

Entrevistado: é... 75. Foi quando os presos políticos saíram daqui, e assim que os presos saíram, eles misturaram o pessoal do fundão que também eram presos comuns, mas eram enquadrados na AI 5, eram presos que aprenderam a assaltar banco, como Jorge(***), que foi um dos primeiros assaltante de banco, o Lúcio Flávio entendeu? O primo do Lúcio Flávio que era o Fernando Ció, o Fabu. Eles tinham essa quadrilha, então essa quadrilha desse pessoal e e, tinham outras quadrilhas como Zona Sul, quadrilha do Botafogo, entendeu? A quadrilha do Zé Bumba. Tinha várias quadrilhas, várias facções. Depois que o comando vermelho se criou, aí a quadrilha do Jacaré que já tava oprimindo muito, eles se uniram, se uniram pra o seguinte oh! Não vamos aceitar isso os caras começaram a aceitar isso, querer assaltar o pessoal do da segurança, entendeu? Os caras, aí é seguinte, vamo matar esses caras aí. Houve aqui, acabou com a quadrilha do Jacaré, que estava lá que saiu, saiu antes. Os caras: saem numa boa que ninguém vai morrer(***)então vai morrer, muitos saíram do Jacaré e foram encostar no comando, terceiro comando, entendeu? Mas aqueles que não aderiram, eles morreram, tiveram que ser transferidos, entendeu? Aí acabou, ficou só o...Zona Sul, o pessoal do Coréia, da terceira galeria que hoje é o terceiro comando, o Coréia porque é o ...

Quer dizer, o comando vermelho tentou dominar geral, então eles... é o seguinte, arma no presídio tem que ser só o pessoal do comando, aí as outras quadrilhas não aceitou, não...entendeu?, aí tinha dois caras do pessoal que tinha arma, o comando queria tomar, aí eles tamparam, aí houve a briga, entendeu? Aí foi nessa mudança justamente que o Brizola tava assumindo e tal, deu apoio ao pessoal do comando.

Inoã: eles começaram a assumir o controle da cadeia nos anos 80 mesmo, na época do Brizola pra cima?

Entrevistado: Não. Logo quando começaram a sair em 77, 78, 78,79 eles já estavam tudo organizado, já se liberava como comando vermelho, já tava como comando vermelho da cooperativa, já tinha o CRI, entendeu? Eles já estavam formados, já tinha aquela, a estrutura, eles formavam com a intenção só que depois criou-se olho grande, e o que eles assaltavam os bancos e joalheria, assaltavam banco e joalheria, só que depois eles passaram pro tráfico, viram que o tráfico era mole, começaram a dominar os pontos de droga aí... Hoje a Falange ta dividida, é...o pessoal do Comando A.D.A, que é o Amigo dos Amigos, Falange Vermelha Jovem, ta? E a Falange Vermelha que estão divididos.

Wesley: Cara, acho que ta bom por hoje, é muita informação.

*** - parte em que não foi possível entender o que foi dito.

ANEXO

Anexo 1 – Carta de 30 de Janeiro de 1989 do C.C.R.I.

PENITENCIÁRIA CÂNDIDO MENDES
CLUBE CULTURAL E RECREATIVO DOS INTERNOS

Ofício nº015/CCRI/89. Ilha grande, 30.01.89.

De : Clube Cultural e Recreativo dos Internos - C.C.R.I.
Ass: Amigos Irmãos do Grupo da L E M M - CV.
Ass: Comunicações - FAZ -

Amigos e Irmãos da nossa Grandiosa Família CV.

Primeiramente, desejamos que esta ao chegar, vá encontrarlos com boa saúde e muita paz, e que breve todos consigam almejar/ nosso grande objetivo que é a Liberdade.

Amigos e Irmãos, o motivo desta, é para, Comunicar, que já estamos com o C.C.R.I., formado e organizado, conforme os amigos poderam ver nas assinaturas que seguem anexo.

Continuamos lutando pela abertura total do Prédio, e temos conseguido alguns espaços, como o banho de sol, quase que diariamente e toda semana procurando realizar torneios de futebol, alguns amigos, já estão sendo ~~uma~~ faxinas extra-muros, com a promessa do Diretor, que depois do carnaval tirar algumas turnas, enfim, estamos conseguindo de nossos espaços aos poucos, com muita disciplina e paciência.

Irmãos, o Diretor Geral do Dasipa, esteve aqui em cima, na quinta-feira passada dia, 26.01, na oportunidade entregamos/ dois documentos, um pedindo a abertura do Prédio e com todas as reivindicações de nossas necessidades e dificuldades, e outro pedindo a nossa "Festa/ de Natal", que ainda não tivemos, a data pretendida é 25 e 26 de fevereiro. Nós do Grupo, tivemos uma audiência com o Diretor Geral e o Diretor da CM na oportunidade o Dr. Deleusa, fez uma colocação sobre uma possível PERMUTA, feita mensalmente entre a Cândido Mendes e a Milton Dias, de mais ou menos em com (100) internos, o Diretor Geral, ficou de ir até aí, conversar com vocês, para saber qual a posição dos amigos, sobre esta possível / Permuta mensal, que, para nós pode ser como um Retorno aí na MM, isto dependendo de como for encaminhada a conversa que o Diretor Geral tiver com vocês. Para nós pode ser o fim do Retorno na Água Santa e o início de um / valioso espaço de comunicação permanente entre nós, digo, nossos Coletivos.

Amigos, esta semana, deveremos ter a confirmação / de nossa "Festa de Natal", na sequência mandaremos um toque para vocês. Continuamos com o nosso trabalho, pois a luta é árdua, só com muita União de / toda a nossa Grandiosa Família CV., poderemos recuperar todos os nossos espaços perdidos, nós aqui, estamos unificando forças de encontro ao nosso / objetivo, que é, PAZ JUSTIÇA E LIBERDADE

Continua

Fonte: Museu do Cárcere, Ilha Grande- RJ

OFÍCIO nº015/CCRI/89.
"Folha 02"

Sem mais para o momento, na certeza de que o mal jamais vencerá o bem, segue um forte abraço a todos do Grupo e do Coletivo da nossa Grandiosa Família CV. - L E M M -.

A t e n c i o s a m e n t e

Sindonaes Souza de Lencastre
PRESIDENTE DO C. C. R. I.

Carlos Antonio Amado Rabelo
VICE PRESIDENTE DO C. C. R. I.

Lygia Lúcia D. A. Almeida
SECRETARIA GERAL DO C. C. R. I.

Plácido José Lins
DIRETOR CULTURAL DO C. C. R. I.

Jose Maria de Assis
DIRETOR DE PATRIMÔNIO DO C. C. R. I.

Paulo Henrique Alvim Pinheiro
DIRETOR MUSICAL DO C. C. R. I.

Franklin de Souza Costa
DIRETOR DE RECREAÇÃO DO C. C. R. I.

Albino Henrique da Silva
DIRETOR DE ESPORTES DO C. C. R. I.

Albino Henrique da Silva
RELACIONES PÚBLICAS INT. DO C. C. R. I.

Luiz Antonio Saneacion da Silva
RELACIONES PÚBLICAS EXT. DO C. C. R. I.

Marta Mendes
ARQUIVISTA DO C. C. R. I.

PAZ JUSTIÇA E LIBERDADE CV.

 **PENITENCIÁRIA CÂNDIDO MENDES**
CLUBE CULTURAL E RECREATIVO DOS INTERNOS

Ofício nº - C.C.R.I./90 Em, 05 de julho de 1990

Do: Clube Cultural e Recreativo dos Internos - C.C.R.I.
Ao: Amigo Irmão C.V. Beato Salú

Amigo Irmão C.V.

Em primeiro lugar, desejamos que es te ao chegar em suas mãos vá te encontrar desfrutando da mais perfeita saúde e paz, juntamente de todos da nossa Família C.V. do Morro da Mangueira. Que a Liberdade de todos vocês seja eterna.

Amigo Irmão C.V. Beato Salú, o motivo pelo qual lhe enviamos este documento é para lhe por ciente que vamos realizar a nossa Festa do Dia dos Pais nos próximos dias 18 e 19 de agosto, e pedimos à você que nos fortaleça, pois anteriormente não temos enviado documentos para você, porque sabemos que a polícia está encarnada na Mangueira e você está pedido, nessa condição fica difícil por falta de portador de confiança, no entanto, através de uma ideia com nosso Amigo Irmão C.V. Beto Careca da Banadeira 2 ficou resolvido que este documento chegaria em suas mãos, e ao mesmo tempo queremos agradecer à você de coração, pelo fortalecimento que você tem enviado para nossa Família C.V.

Amigo Irmão C.V. Beato Salú, queremos comunicar à você que estamos atravessando uma fase de muito su foco aqui na Ilha Grande, temos que ter muita cautela para lidar com a Administração, pois a finalidade é nos massacrar e impedir que realizemos nossas Festividades, portanto é fundamental o teu apoio para levarmos em frente os nossos planos. Estamos nos comunicando com você com antecedência porque dependemos que você nos fortaleça.

Terminamos enviando o nosso Forte abraço, o Grupo do C.C.R.I. da Ilha Grande, juntamente do Forte abraço de toda Família C.V. da Ilha Grande, à você e à toda Família C.V. do Morro da Mangueira.

FAMÍLIA UNIDA JAMAIK SERÁ VENCIDA.
O MAL JAMAIK VENCERÁ O BEM.
PAZ * JUSTIÇA * LIBERDADE
COMANDO VERMELHO

OBS: Pedimos à você para que nos fortaleça com brindes para sortearmos para os Pais, e duas bolas de futebol de campo.

(assinaturas no verso)

Fonte: Museu do Cárcere, Ilha Grande- RJ

CHIQUITO *Chiquito C.V.*
BETO CARECA *Beto Careca C.V.*
DANIEL PARAIBA *Daniel. Passarella C.V.*
CELSÃO *Celsão C.V.*
BRUXO DE CAMARÁ *EDGARDO BEVERIANO DA SILVA LEITE C.V.*
ADEMIR NEGÃO *Ademir negão C.V.*
RONALDO DA PROVIDÊNCIA *Ronaldo da P.V. C.V.*
CABEÇA PRETO *CABEÇA PRETO C.V.*
MAGRINHO *Reginaldo (Magrinho) C.V.*
CACÁ TORTINHO *caca tortinho C.V.*
SIMÃO *SIMÃO C.V.*
SAM *Ederson C.V.*
VALDEIR *Valdir Gomes Matilha C.V.*



PENITENCIÁRIA CÂNDIDO MENDES
CLUBE CULTURAL E RECREATIVO DOS INTERNOS

Ofício nº C.C.R.I./90 Em, 10 de julho de 1990

Do C. Presidente do Grupo do C.C.R.I. da Ilha Grande
Ao : Amigo Irmão C.V. Bocão do São João

Amigo Irmão C.V.

Em primeiro lugar, desejo que este ao chegar em suas mãos vá encontra-lo desfrutando da mais perfeita saúde e paz, juntamente de toda Família C.V. do Morro São João. Que a Liberdade de todos vocês seja eterna.

Amigo Irmão C.V. Bocão, o motivo pelo qual te envio este documento é para te por ciente de que recebemos o fortalecimento que voce nos enviou através de nossa Amiga Irmã C.V. D. Janete, esposa de nosso Amigo Irmão C.V. Cabeça Preta.

Aproveito a oportunidade para te comunicar que vamos realizar a nossa Festa do Dia dos Pais nos próximos dias 18 e 19 de agosto, e na medida do possível, o que voce puder fazer por nós, agradecemos de coração. Nossa Amiga Irmã C.V. D. Janete é portadora de nossa confiança para qualquer comunicação.

Envio meu Forte abraço, o Presidente do Grupo do C.C.R.I. da Ilha Grande, junto do Forte abraço dos Amigos Irmãos C.V. do Grupo do C.C.R.I. da Ilha Grande e de todo Coletivo C.V. da Ilha Grande, à voce e toda Família C.V. do Morro São João.

FAMÍLIA UNIDA JAMAIS SERÁ VENCIDA.
O MAL JAMAIS VENCERÁ O BEM.

PAZ • JUSTIÇA • LIBERDADE
COMANDO VERMELHO

CHIQUITO - Presidente do Grupo do C.C.R.I. da Ilha Grande
CABEÇA PRETO: *CABEÇA PRETO C.V.*
P. Bocão C.V.

*Amigo dos Amigos
Chiquito C.V.*

 PENITENCIÁRIA CÂNDIDO MENDES
CLUBE CULTURAL E RECREATIVO DOS INTERNOS
Ofício nº - C.C.R.I./91 Em, 22 de junho de 1991
Dest: Amigo Irmão C.V. Chiquito - Presidente do Grupo do C.C.R.I.
Amigo Irmão C.V. Beto da Bandeira 2 - Vice Presidente do Grupo do C.C.R.I.
Ass: Amigos Irmão C.V. Roberto, Amigo Irmão C.V. Wilson e Amigo Irmão C.V. Siel da Bandeira 2

Amigos Irmãos C.V.

Em primeiro lugar, desejamos que este ao chegar em suas mãos vá, encontra-los desfrutando da mais perfeita saúde e paz, juntamente de toda Família C.V. de Bandeira 2. Que a Liberdade de todos vocês seja eterna.

Amigos Irmãos C.V., o motivo pelo qual lhes enviamos este documento é para lhes por cientes de que agradecemos de coração por todos fortalecimentos que tem nos dado, inclusive aproveitamos a oportunidade para expor que recebemos o fortalecimento (branco) que vocês nos enviaram na Festa das Mães. Valeu, pois a té quem não é de cheirar cheirou.

Queremos pedir à vocês para que nos fortaleçam no que abaixo vamos pedir, pois aproxima-se a festividade do Dia do País, portanto, para nós é de grande importância termos os seguintes materiais:

01- Bandeirinhas

02- Bolas de Aniversário

03- Lâmpadas

04- Rolos de barbante

05: Segue uma folha a parte para explicações sobre a compra de tintas.

Amigos Irmãos C.V., queremos por vocês cientes que está acontecendo fatos que estão nos deixando preocupados e por precaução, para mais tarde não sermos vítimas de companheiros traidores pedimos à vocês para que fiquem alertas e não deixem ninguém se infiltrar no contexto Bandeira 2. Não confiem em ninguém, principalmente nos que se chegarem dizendo Amigos Irmãos C.V. Repitimos: Não confiar em ninguém, não abrir guarda para ninguém, somente tem autorização e é pessoa credenciada a Esposa do Amigo Irmão C.V. Beto da Bandeira 2, D. Patrícia. Qualquer dúvida comuniquem-se imediatamente com o Amigo Irmão C.V. Beto da Bandeira 2.

(vide verso)

Enviamos o nosso Forte abraço, juntamente do Forte abraço de todos do Coletivo C.V. da Ilha Grande, à vocês e à toda Família C.V. da Bandeira 2. Deus está conosco.

FAMÍLIA UNIDA JAMAIS SERÁ VENCIDA.

O MAL JAMAIS VENCERÁ O BEM.

PAZ • JUSTIÇA • LIBERDADE
COMANDO VERMELHO

Chiquito C.V.

CHIQUITO C.V. - Presidente do Grupo do C.C.R.I. da Ilha Grande

BETO DA BANDEIRA 2 C.V.

BETO DA BANDEIRA 2 C.V. - Vice Presidente do Grupo do C.C.R.I. da Ilha Grande.

324

PENITENCIÁRIA CÂNDIDO MENDES
CLUBE CULTURAL E RECREATIVO DOS INTERNOS

Ofício nº - C.C.R.I./90 Em, 14 de outubro de 1990

Do : Clube Cultural e Recreativo dos Internos - C.C.R.I.
Ao : Amigo Irmão C.V. Roberto da Bandeira 2

Amigo Irmão C.V.

Em primeiro lugar, desejamos que este ao chegar em suas mãos vá encontra-lo desfrutando da mais perfeita saúde e paz, juntamente de toda Família C.V. da Bandeira 2. Que a Liberdade de todos vocês seja eterna.

Amigo Irmão C.V. Roberto da Bandeira 2, o motivo pelo qual lhe enviamos este documento é para lhe por ciência de que recebemos a triste notícia através de nosso Amigo Irmão C.V. Beto da Bandeira 2, do descarte que está acontecendo com você, isso é uma notícia que causa tristeza à todos nós, pois quando nossos Amigos Irmãos se encontram nesta situação, aqui ficamos abalados pois sabemos o que é passar por uma situação dessa, porém temos que ser fortes e superar os momentos difíceis, pois a corrente que é a Família C.V., torcemos todos pelo seu bem estar e de seus familiares e por sua liberdade. Pedimos à Deus e as crianças que te protejam.

Amigo Irmão C.V. Roberto da Bandeira 2, queremos lhe por ciência de que realizaremos a nossa Festa de Natal no mês de dezembro e pedimos à você na medida do possível nos fortalecer:

01- Tintas Gueche - potes de 250 gramas, nas cores: verde, vermelho, amarelo, azul, branco e preto.

02- Pincéis tipo trincha, de um à tres dedos de largura.

Este material é de muita importância, pois se destina a decoração de nossa Festa, pois está baseada em desenhos nas paredes do prédio e das galerias com a Turma da Mônica e do Cebolinha para alegrar as crianças.

Nossos votos são os de que você supere seus problemas o mais breve possível e que Deus lhe ajude para isso.

Enviamos o nosso Forte abraço, o Grupo do C.C.R.I. da Ilha Grande, juntamente do Forte abraço de todo o Coletivo C.V. da Ilha Grande, à você e à toda Família C.V. da Bandeira 2.

FAMÍLIA UNIDA JAMAIS SERÁ VENCIDA.

O MAL JAMAIS VENCERÁ O BEM.

PAZ * JUSTIÇA * LIBERDADE

COMANDO VERMELHO

Fonte: Museu do Cárcere, Ilha Grande- RJ

CHIQUITO *Chiquito C.V.*
BETO DA BANDEIRA 2 *BETO DA BANDEIRA 2*
DANIEL PARAIBA *Daniel Paraiba C.V.*
CELSO *Celso C.V.*
BRUXO DE CAMARÁ *EDCARO SEVERIANO DA S. LITE C.V.*
RONALDO DA PROVIDÊNCIA *Ronaldo da R. C.V.*
MAGRINHO *Reginaldo Magalhães C.V.*
CABEÇA PRETO *CABEÇA PRETO C.V.*
SEU ARY *Ary C.V.*
SIMÃO *SIMÃO C.V.*
CACÁ TORTINHO *caca tortinha C.V.*
SAM *Ederilson C.V.*
VALDEIR *Valdemir Gomes Natividade C.V.*
RUSSO BEIJOQUEIRO *Russo Beijoqueiro C.V.*
COMANDO VERMELHO



PENITENCIÁRIA CÂNDIDO MENDES
CLUBE CULTURAL E RECREATIVO DOS INTERNOS

1990 - C.C.R.I./90 Em, 06 de novembro de 1990

Clube Cultural e Recreativo dos Internos - C.C.R.I.

Ao: Amigo Irmão C.V. Márcio do Cantagalo

Amigo Irmão C.V.

Em primeiro lugar, desejamos que este ao chegar em suas mãos vá encontra-lo desfrutando da mais perfeita saúde e paz, juntamente de toda nossa Família C.V. do Morro Cantagalo. Que a Liberdade de todos vocês seja eterna.

Amigo Irmão C.V. Márcio, o motivo pelo qual lhe enviamos este documento é para por você ciente de que vamos realizar a nossa Festa de Natal nos próximos dias 15 e 16 de dezembro. Nossos planos são de realizar uma festa maneira para nossos familiares e visitantes. Portanto, pedimos que você nos fortaleça enviando brinquedos para distribuímos para as crianças e brindes para serem sorteados para os visitantes que estiverem presentes.

Recebemos a visita de nossa Amiga Irmã C.V. D. Maria Alice, esposa de nosso Amigo Irmão C.V. Mulatão, portadora deste e pessoa de nossa inteira confiança, recorremos à ela com a finalidade de que faça chegar este documento até suas mãos.

Pedimos à você para se comunicar com a gente, pois estamos desligados em termos de comunicação com a Família C.V. do Morro Cantagalo, e isso não pode acontecer, pois os Amigos cobram de nós por não nos comunicarmos com nossa Grandiosa Família C.V. do Morro Cantagalo. AGUARDAMOS NOTÍCIAS URGENTE.

Enviamos o nosso Forte abraço, o Grupo do C.C.R.I. da Ilha Grande, juntamente do Forte abraço de todos do Coletivo C.V. da Ilha Grande, à você e à todos da Família C.V. do Morro Cantagalo. Deus está conosco.

FAMÍLIA UNIDA JAMAI SERÁ VENCIDA.

O MAL JAMAI VENCERÁ O BEM.

CHIQUITO *Chiquito C.V.* PAZ • JUSTIÇA • LIBERDADE

BETO CARECA *BETO CARECA C.V.* COMANDO VERMELHO.

DANIEL PARAIBA *Daniel Paraíba C.V.*

CELSÃO *Celsão C.V.*

BRUXO DE CAMARÁ *EDGARDO SEVERIANO C.V.*

VALDEIR *Valdeir Gomes C.V.*

RONALDO DA PROVIDÊNCIA *Ronaldo da P.V.*

CABEÇA PRETO *CABEÇA PRETO C.V.*

MAGRINHO *Magrinho (Mozinho) C.V.*

SIMÃO *SIMÃO C.V.*

SAM *Edmarson C.V.*

SEU ARY *Ary C.V.*

CACÁ: TORTINHO *Cacá Tortinho C.V.*

RUSSO BEIJOQUEIRO *Russo Beijoqueiro C.V.*

MARANHÃO *Maranhão C.V.*

C.C.R.I.

Fonte: Museu do Cárcere, Ilha Grande- RJ

PENITENCIÁRIA CÂNDIDO MENDES
CLUBE CULTURAL E RECREATIVO DOS INTERNOS

Ofício n/nº = C.C.R.I./91

Em, 17 de março de 1991

De : Presidente do Grupo de C.C.R.I. - Chiquito C.V.

Ass: Amigo Irmão C.V. Eraldo da Rocinha

Amigo Irmão C.V.

Em primeiro lugar, desejo que este ao chegar em suas mãos vá te encontrar desfrutando da mais perfeita saúde e paz, junto à toda Família C.V. da Rocinha. Que a Liberdade de todos vosses seja eterna.

Amigo Irmão C.V. Eraldo, o motivo pelo qual lhe envio este documento é para te por ciente de que chegou ao meu conhecimento erro cometido pela minha companheira Lés. Portanto, quero saber de voce quem te autorizou a dar cocaína, dinheiro a minha companheira Lés, sem a minha autorização e o meu conhecimento. Tenho responsabilidade com o Comando Vermelho e sou Presidente do Grupo do C.C.R.I. Quando foi pedido algum fortalecimento à voce para o Coletivo C.V. da Ilha Grande, foi pedido em documento assinado pelo Grupo do C.C.R.I. e não em meu nome. Nunca mandei a minha companheira Lés ir na Rocinha apenhar tóxico e dinheiro com voce para mim. É do meu conhecimento que foram epanhadas várias vezes coberturas de tóxico e dinheiro em meu nome, pela minha companheira Lés e pelas esposas de outros companheiros, sem o meu conhecimento e sem o conhecimento do Comando Maior C.V.

Quero saber de voce quem foi que apanhou a cocaína e dinheiro com voce em meu nome, além da minha companheira Léa, pois é do meu conhecimento que:

01- Você está liberando cocaína e dinheiro para quem não está autorizado por mim, usando o meu nome. Portanto, está errado. Você não pode liberar nada sem a minha autorização para quem chegar usando o meu nome, seja quem for.

02- A minha compenheira Lésa deixa de ser minha compenheira, está cortada a sua visita e qualquer contato comigo, tanto na parte carcerária quanto na parte familiar, pois é do meu conhecimento que ela está fazendo parada errada no Morro apanhando tóxico e dinheiro sem o meu conhecimento. Pois para eu enviar um portador à voce para te pedir cobertura, eu teria feito oficialmente, através de documento assinado pelo Grupo do C.C.R.I. e carimbado. Então se for qualquer pessoa pedir cobertura em meu nome, não atenda.

03- É do meu conhecimento que minha companheira Léa praticou erros gravesíssimos no Morro e você é ciente, portanto, peço à você que me ponha ciente de tudo o que aconteceu para eu poder assumir os erros de minha mulher e dar uma satisfação ao Coletivo C.V. da Ilha Grande, assim como à toda família C.V., pois são erros sérios e graves e se não tiver pureza no esclarecimento, dá a entender que é traição:

O MAL JAMAIS VENCERÁ O BEM.

Envio o meu forte abraço, junto do forte
braco de todos do Coletivo C.V. da Ilha Grande, à você e à todos da
fília C.V. de Recinho.

FAMÍLIA UNIDA JAMAIS SERÁ VENCIDA.
O MAL JAMAIS VENCERÁ O BEM.

PAZ • JUSTIÇA • LIBERDADE
OSCARDO VERCELHO

Chiquito L.V.
CHIQUITO C.V. - Presidente do Grupo do C.C.R.I. da Ilha Grande.

(RESPOSTA URGENTE)

